



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E  
DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**ANDRÉ LUIZ DE ANDRADE ALMEIDA**

**FORMAS DE TRATAMENTO UTILIZADAS EM FALAS DE PERSONAGENS DA  
TELENOVELA *PANTANAL*, DE BENEDITO RUY BARBOSA**

**CASCADEL - PR  
2025**

ANDRÉ LUIZ DE ANDRADE ALMEIDA

**FORMAS DE TRATAMENTO UTILIZADAS EM FALAS DE PERSONAGENS DA  
TELENOVELA *PANTANAL*, DE BENEDITO RUY BARBOSA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração em Linguagem e sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudo e descrição de fenômenos linguísticos, culturais e de diversidade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Clarice Cristina Corbari.

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Almeida, André Luiz de Andrade

FORMAS DE TRATAMENTO UTILIZADAS EM FALAS DE PERSONAGENS DA TELENOVELA PANTANAL, DE BENEDITO RUY BARBOSA / André Luiz de Andrade Almeida; orientadora Clarice Cristina Corbari; coorientador Francisco Xavier Frias Conde. -- Cascavel, 2025.

123 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

1. Formas de tratamento. 2. Sistema de etiquetagem. 3. Estruturas sociais. I. Corbari, Clarice Cristina, orient. II. Frias Conde, Francisco Xavier, coorient. III. Título.

## **ANDRÉ LUIZ DE ANDRADE ALMEIDA**

### FORMAS DE TRATAMENTO UTILIZADAS EM FALAS DE PERSONAGENS DA NOVELA 'PANTANAL', DE BENEDITO RUY BARBOSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Estudo e descrição de fenômenos linguísticos, culturais e de diversidade, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **CLARICE CRISTINA CORBARI**  
Data: 07/03/2025 16:35:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador(a) - Clarice Cristina Corbari

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

 Digitally signed by  
Dr. Xavier Frias Conde  
Faculty of Philology  
[xfrias@foc.uned.es](mailto:xfrias@foc.uned.es)

Coorientador(a) - Francisco Xavier Frias Conde

Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED)

Documento assinado digitalmente  
 **DIRCEL APARECIDA KAILER**  
Data: 07/03/2025 17:21:25-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dircel Aparecida Kailer

Universidade Estadual de Londrina - UEL (UEL)

Documento assinado digitalmente  
 **APARECIDA FEOLA SELLA**  
Data: 07/03/2025 22:45:53-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Aparecida Feola Sella

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 7 de março de 2025

## RESUMO

Esta dissertação relata uma pesquisa que objetivou descrever, por meio da metodologia da etiquetagem (Frías Conde, 2018; 2023), as formas de tratamento utilizadas nas falas das personagens da telenovela *Pantanal* (2022), de Benedito Ruy Barbosa. A relevância do estudo reside no fato de que as formas de tratamento refletem relações vinculadas a estruturas sociais de dado contexto sociocultural (Biderman, 1972; Frías Conde, 2018, 2023), e entender como esses elementos funcionam ajuda a desvelar as relações de poder que se estabelecem em determinado grupo social e como elas se modificam ao longo do tempo. Partimos da hipótese de que o gênero telenovela pressupõe a evolução das personagens, principalmente as protagônicas, ao longo da trama, em conformidade com as mudanças dos papéis sociais por elas exercidos, e isso se manifesta por meio da língua, especialmente das formas de tratamento. A discussão teórica se baseia principalmente nas contribuições de Brown e Gilman (1960), referente à semântica do poder e da solidariedade; de Goffman (1970), com a teoria da cortesia e a noção de preservação da face; de Biderman (1972), sobre a relação das formas de tratamento do português brasileiro com as estruturas sociais; e de Frías Conde (2018; 2023), com a descrição da metodologia da etiquetagem das formas de tratamento aplicada às línguas ibero-românicas, entre outros autores. A investigação se insere na abordagem qualitativa, desenvolvida por meio dos métodos da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental e da análise do *corpus*. Com o uso da metodologia da etiquetagem, analisamos recortes de cenas da telenovela *Pantanal*, envolvendo personagens que pertencem a diferentes estratos sociais no contexto geográfico e cultural do Pantanal matogrossense. As formas de tratamento são etiquetadas segundo categorias linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas. As análises realizadas mostram que as formas de tratamento variam de acordo com o grau de intimidade dos interactantes e as relações hierárquicas estabelecidas entre eles, aspectos que passam por mudanças ao longo do tempo, à medida que se alteram os papéis sociais desempenhados pelas personagens.

**Palavras-chave:** Formas de tratamento; Sistema de etiquetagem; Estruturas sociais.

## ABSTRACT

This master's thesis reports research aiming at describing, through the tagging methodology (Frías Conde, 2018; 2023), the forms of address used in the speeches of the characters in the *telenovela* (kind of soap opera) *Pantanal* (2022), by Benedito Ruy Barbosa. The relevance of this study lies in the fact that the forms of address reflect relationships linked to social structures in each sociocultural context (Biderman, 1972; Frías Conde, 2018, 2023), and understanding how these elements function helps to reveal the power relations that are established in a given social group and how they change over time. We establish the hypothesis that the genre *telenovela* presupposes the evolution of the characters, especially the protagonists, throughout the plot, in accordance with the change in the social roles they play, and this is manifested through language, especially through forms of address. The theoretical discussion is mainly based on the contributions of Brown and Gilman (1960), regarding the notions of *power semantic* and *solidarity semantic*; Goffman (1970), on the theory of courtesy and the notion of face-saving; Biderman (1972), on the relationship between Brazilian Portuguese forms of treatment and social structures; and Frías Conde (2018, 2023), with the tagging system of forms of address in Ibero-Romance languages, among other authors. Using the labeling methodology, we analyze excerpts from scenes from the *telenovela Pantanal* involving characters that belong to different social strata in the geographic and cultural context of the Pantanal in Mato Grosso. The forms of address are labeled according to linguistic, sociolinguistic and pragmatic categories. The analyses carried out show that the forms of address vary according to the interactants' level of intimacy and the hierarchical relationships established between them, aspects that undergo changes over time, as the social roles played by the characters change.

**Palavras-chave:** Forms of address; Tagging system; Social structures.

Dedico este trabalho aos meus pais!

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, por esta conquista!

Aos meus pais, Quintino e Zenaide, por todo o apoio incondicional que oferecido ao longo de todo o processo, incentivando-me a seguir na carreira acadêmica. Amo vocês!

À professora Dr<sup>a</sup> Clarice Cristina Corbari, a quem quero expressar a minha gratidão e admiração por ter aceitado ser a minha orientadora, demonstrando total dedicação e comprometimento em todas as orientações, que foram fundamentais para a elaboração e conclusão da pesquisa. Para mim, que estou no início da carreira acadêmica, sua contribuição foi muito importante para eu aprimorar os meus conhecimentos.

Ao professor Dr. Francisco Xavier Frias Conde, por propor uma parceria com o PPGL, que me permitiu desenvolver uma pesquisa inédita no contexto brasileiro e, também, por ter aceitado ser o meu coorientador.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), à Unioeste e aos demais professores do PPGL, pela oportunidade e por todo o aporte!

À banca examinadora, formada pelas professoras Dr.<sup>a</sup> Aparecida Feola Sella, Dr.<sup>a</sup> Dircel Aparecida Kailer e pelo professor Dr. Francisco Xavier Frias Conde, que fizeram a avaliação deste trabalho desde a Qualificação, contribuindo com apontamentos enriquecedores.

Por fim, agradeço à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Ministério da Educação) pela concessão da bolsa de estudo, que viabilizou de forma significativa a minha dedicação.

A todos vocês, meus sinceros agradecimentos!

“A linguagem é o arame farpado mais poderoso para se garantir o poder.”

Maurizio Gnerre (1991)

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Usos pronominais no português brasileiro formal e informal.....	30
<b>Quadro 2</b> – Formas pronominais possessivas no português brasileiro.....	31
<b>Quadro 3</b> – Usos pronominais no português europeu formal e informal.....	32
<b>Quadro 4</b> – Formas pronominais possessivas no português europeu .....	33
<b>Quadro 5</b> – Traços fonético-fonológicos do falar matogrossense.....	49
<b>Quadro 6</b> – Termos peculiares da região do Pantanal segundo o jornal digital GZH.....	62
<b>Quadro 7</b> – Algumas normas de transcrição de entrevistas utilizadas na análise....	70
<b>Quadro 8</b> – Símbolos utilizados na etiquetagem das formas de tratamento.....	72
<b>Quadro 9</b> – Etiquetagem das formas de tratamento no exemplo (19).....	73
<b>Quadro 10</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 1.....	76
<b>Quadro 11</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 2.....	79
<b>Quadro 12</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 3.....	82
<b>Quadro 13</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 4.....	85
<b>Quadro 14</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 5.....	86
<b>Quadro 15</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 6.....	88
<b>Quadro 16</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 7.....	91
<b>Quadro 17</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 8.....	93
<b>Quadro 18</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 9.....	95
<b>Quadro 19</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 10.....	97
<b>Quadro 20</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 11.....	98
<b>Quadro 21</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 12.....	100
<b>Quadro 22</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 13.....	103
<b>Quadro 23</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 14.....	104
<b>Quadro 24</b> – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 15.....	107
<b>Quadro 25</b> – Quadro resumitivo do uso das formas de tratamento nos dados da pesquisa .....	108

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 FORMAS DE TRATAMENTO: ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS.....</b>	<b>13</b>
1.1 CATEGORIZAÇÃO DAS FORMAS DE TRATAMENTO: FORMAS PRONOMINAIS, FORMAS NOMINAIS E VOCATIVOS.....	13
1.2 BREVE HISTÓRICO DAS FORMAS DE TRATAMENTO.....	20
1.3 O QUADRO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PESQUISAS REALIZADAS NA SOCIOLINGUÍSTICA E NA FILOGOLOGIA.....	27
1.4 REFERÊNCIA PRONOMINAL SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA.....	33
1.5 FORMAS DE TRATAMENTO, ESTRUTURA SOCIAL E A TEORIA DA CORTESIA.....	36
<b>2 O PANTANAL MATOGROSSENSE: ASPECTOS GEOGRÁFICOS, SOCIOCULTURAIS E LINGUÍSTICOS.....</b>	<b>42</b>
2.1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO DO PANTANAL.....	42
2.2 A SÓCIO-HISTÓRIA DO PANTANAL.....	43
2.3 VARIEDADE(S) LINGUÍSTICA(S) DA REGIÃO DO PANTANAL: O QUE DIZEM AS PESQUISAS.....	45
2.4 DADOS SOBRE A TELENVELA <i>PANTANAL</i> .....	54
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>64</b>
3.1 A METODOLOGIA DA ETIQUETAGEM DAS FORMAS DE TRATAMENTO.....	64
3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS.....	68
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>74</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>117</b>

## INTRODUÇÃO

As formas de tratamento desempenham um papel importante em nossas interações sociais e nos permitem refletir não apenas sobre as normas linguísticas e protocolos sociais, mas também sobre as relações de poder que se manifestam no uso de determinadas formas. Conforme Frías Conde (2018; 2023), as formas de tratamento têm um papel fundamental na comunicação, pois, em seu uso, intervêm não apenas a cortesia linguística, mas também a estrutura social.

Segundo Biderman (1972, p. 341), “toda sociedade diferenciada em classes, insiste em cultivar uma etiqueta que individualize a elite da massa”. Portanto, as classes social e economicamente mais privilegiadas buscam manter determinadas etiquetas e formas de tratamento que as diferenciem do restante da sociedade, a grande massa, o que implica a tentativa de manter distinções e hierarquias sociais que reforçam as diferenças entre as classes.

De forma geral, quando falamos de formas de tratamento, temos em mente os pronomes de tratamento, mas existem outros elementos nessa categoria, que são as formas nominais de tratamento e os vocativos. Com relação aos pronomes de tratamento, Oliveira (2019) afirma que são reveladores de aspectos sociais relacionados ao poder e à solidariedade, à integração e marginalização de grupos sociais, aos arranjos e composições familiares e às diferentes redes sociais.

Assim, ao entendermos que as formas de tratamento são um reflexo das relações sociais e, portanto, podem acompanhar as mudanças sociais e diferenciar-se de acordo com a época e com o espaço social, elegemos como tema de pesquisa as formas de tratamento utilizadas em determinado espaço geográfico e sociocultural representado em uma obra ficcional: a telenovela *Pantanal*, de Benedito Ruy Barbosa, exibida em 2022 pela Rede Globo de Televisão.

A razão por escolhermos uma telenovela como *corpus* de análise decorre da popularidade de que o gênero goza na cultura brasileira, atuando como um microcosmo da sociedade e, portanto, incorporando elementos característicos de nossa população, o que entendemos ser um componente diferencial para a compreensão de como as formas de tratamento são usadas nas interações sociais para refletir dinâmicas de poder social. Ainda que a telenovela, como produto ficcional, possa reproduzir diversos estereótipos linguísticos e culturais, entendemos que seus produtores procedam a um processo de pesquisa e planejamento para sua

composição, referente ao lugar onde foi gravada, às características das pessoas desse local, à variedade linguística falada por essas pessoas, à cultura, aos costumes, entre outros elementos, na busca de ser o mais fiel possível a essa realidade.

Oliveira (2020, p. 112) destaca que “a telenovela não se propõe a explicar tudo sobre determinado tema, pois estamos diante de um gênero de ficção, no entanto, antes da produção de uma telenovela faz-se necessária uma pesquisa sobre todos os aspectos que se deseja abordar”. Assim, no que se refere à questão da variedade linguística a ser utilizada na telenovela, mesmo quando essas representações possam não ser completamente autênticas quanto à fala daquela localidade em específico, elas possibilitam a percepção do público sobre esses fenômenos linguísticos.

Diante do contexto delineado até aqui, estabelecemos a seguinte pergunta de pesquisa: como as formas de tratamento utilizadas nas falas de personagens da telenovela *Pantanal* refletem a estrutura social representada nessa obra ficcional?

Como resposta provisória a essa pergunta, lançamos a hipótese de que o gênero telenovela pressupõe a evolução das personagens, principalmente as protagonistas, ao longo da trama, em conformidade com as mudanças dos papéis sociais por elas exercidos, e isso se manifesta por meio da língua, especialmente das formas de tratamento.

Em nossa compreensão, ainda que os dados sejam de fonte ficcional, a pesquisa poderá contribuir para reconhecer e explicar as formas de tratamento utilizadas por determinado grupo de falantes do português brasileiro, representado pelas personagens da telenovela *Pantanal*, além de ajudar a entender as relações de poder que se estabelecem em determinado grupo social e como elas se modificam ao longo do tempo.

Segundo Biderman (1972), as formas de tratamento estão presentes em diversas línguas e sociedades, e podem sofrer interferências que refletem as relações vinculadas a estruturas sociais de dado contexto sociocultural e temporal. No caso do contexto latino-americano,

A estrutura social e os padrões de comportamento trazidos para a América Latina foram basicamente os mesmos existentes na Península Ibérica ao tempo da colonização. Naquelas sociedades europeias o poder era uma coordenada básica das relações entre os cidadãos. Assim, ele também figurará como uma força polarizadora na organização das relações (Biderman, 1972, p. 349).

Nesse sentido, entendemos ser necessário analisarmos como essas formas de tratamento refletem as relações de poder. No caso das formas de tratamento, que são os elementos linguísticos que mais refletem as relações sociais dos diferentes grupos sociais, uma maneira de analisá-las é pela metodologia da etiquetagem, proposta por Frías Conde (2018), a qual permite classificar essas formas linguísticas com base em marcas morfossintáticas, semânticas e pragmáticas. Essa metodologia destaca-se por ser um campo novo de estudo no contexto brasileiro. Assim, nosso objetivo geral é *descrever, por meio da metodologia da etiquetagem, as formas de tratamento utilizadas nas falas de personagens da telenovela ‘Pantanal’ (2022), de Benedito Ruy Barbosa.*

Para atingir esse objetivo geral, relacionamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Fazer revisão de literatura sobre as formas de tratamento, do ponto de vista histórico, sociocultural e linguístico;
- 2) Realizar coleta e descrição dos dados, comparando-os com resultados de pesquisas sociolinguísticas;
- 3) Aplicar a metodologia da etiquetagem aos usos das formas de tratamento no contexto do português brasileiro;
- 4) Verificar como as formas de tratamento refletem as posições sociais representadas na telenovela;
- 5) Analisar a variação de uso das formas de tratamento conforme a evolução das personagens na trama.

Para fins de organização, dividimos este trabalho em quatro seções, além desta Introdução e das Considerações finais. Na primeira seção, intitulada “Formas de tratamento: aspectos histórico-sociais”, abordamos a categorização das formas de tratamento (formas nominais, pronominais e vocativos), o percurso histórico desses elementos, o quadro pronominal do português brasileiro, a relação das formas de tratamento com a estrutura social, a teoria da cortesia, entre outros tópicos. Na segunda seção, nomeada “O Pantanal matogrossense: aspectos geográficos, socioculturais e linguísticos”, contextualizamos o espaço geográfico, sócio-histórico e sociolinguístico do Pantanal, além de apresentar aspectos da telenovela ambientada nesse espaço. Na terceira seção, descrevemos a “Metodologia da pesquisa”, que guiará a análise que apresentamos na quarta seção, “Análise dos dados”.

## 1 FORMAS DE TRATAMENTO: ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS

### 1.1 CATEGORIZAÇÃO DAS FORMAS DE TRATAMENTO: FORMAS PRONOMINAIS, FORMAS NOMINAIS E VOCATIVOS

As formas de tratamento (FT) se constituem a partir das maneiras como as pessoas se dirigem umas às outras e buscam despertar a atenção do interlocutor (chamá-lo à conversa). Geralmente, no caso do português brasileiro (PB), relacionamos as FT às formas nominais, como *Vossa Senhoria*, ou pronominais, como *tu* e *você*, em contextos que variam em níveis de formalidade. Porém, há outros elementos linguísticos e extralinguísticos que fazem parte do tratamento dispensado ao interlocutor, como veremos mais adiante.

Referente ao português europeu, Cintra (1972) classifica as FT em três paradigmas:

1. Formas próprias da intimidade: *tu*;
2. Formas usadas no tratamento de igual para igual ou de superior para inferior e que não implicam intimidade: *você*;
3. Formas de referência e delicadeza com diversas gradações quanto a distâncias de natureza diversa entre os interlocutores: *Vossa Excelência*, *o(a) senhor(a)*, *o(a) senhor(a) dr.(a)*, *o António*, *a Maria*, *o senhor António*, *a senhora Maria*, *a dona Maria* etc.

Cintra (1972) também menciona a existência de registros do pronome *vós* como única forma de cortesia desde o português antigo até o século XIV. Cunha e Cintra (1985) apontam que esse pronome ainda é utilizado em contextos formais do português europeu como pronome de cortesia para a segunda pessoa do singular.

Dino Preti (2004) apresenta a seguinte categorização das FT em português:

Em português, o sistema de tratamento pode ser representado: 1) por formas pronominais, ou seja pelos pronomes pessoais (*tu*, *vós*); 2) por formas pronominalizadas, isto é, com valor de pronomes pessoais (*você*, *o senhor*, *vossa excelência*, *vossa senhoria* e suas variações); 3) por formas nominais constituídas por nomes próprios, prenomes, nomes de parentesco ou equivalentes, antecidos de artigo, uso praticamente restrito ao português de Portugal ou, ainda, por uma grande variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento (Preti, 2004, p. 184-185).

Conforme Preti (2004), as formas *o senhor* e *a senhora*, em sua origem, são classificadas como formas nominais, formadas por substantivos e acompanhadas de artigos, mas, ao passarem por um processo de pronominalização, assumem a função de pronomes pessoais para designar a segunda pessoa do singular, devido principalmente a um contexto que exija polidez, em situações formais ou que requerem respeito. Diferentemente da forma pronominal *tu*, na norma-padrão, a conjugação verbal das formas *o senhor* e *a senhora* é da terceira pessoa do singular e não da segunda pessoa, como também ocorre com o pronome *você*.

Nesse ponto, é importante mencionar que uma das características das FT é o fenômeno da pronominalização *ad hoc*, conforme apresenta Frías Conde (2018), em que ocorre o uso de um sintagma nominal (SN), nome próprio, como um pronome pessoal, sem ser gramaticalizado. Porém, para distinguir o SN *ad hoc* de um simples sintagma nominal, é preciso considerar o contexto de produção, no qual o SN pode exercer a função de vocativo:

La cuestión es cómo distinguir un SN de un SN pronominalizado ad hoc. La diferencia estriba en que el primero tiene un  $\Pi$  [3PS] y una R [3PS], mientras que el segundo, en cambio, presenta un etiquetado  $\Pi$  [3PS] y un R [2PS]. En el plano fónico son indistinguibles, la diferencia es pragmática, donde el SN pronominalizado puede funcionar como vocativo (Frías Conde, 2018, p. 40).

De forma sintética, podemos considerar a seguinte classificação das FT, com base em autores como Cintra (1972), Kerbrat-Orecchioni (1996) e Frías Conde (2018; 2023):

- a) Formas pronominais: constituídas de pronomes pessoais, como *tu*, *vós*, *você* e *vocês*, e formas nominais pronominalizadas (ou pronomes de tratamento), como *o senhor*, *a senhora*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Alteza* etc.;
- b) Formas nominais: constituídas de nomes próprios, de parentesco, de funções ou papéis sociais, que assumem temporariamente (isto é, para uma interação específica) uma função pronominalizada, como *o João*, *a Maria*, *o doutor*, *a doutora*, *a professora*, *o amigo*, *o pai*, *a mãe*, *o patrão* etc.;
- c) Vocativos: termos geralmente acompanhados de pronomes pessoais ou substantivos, que servem para designar e chamar o indivíduo com quem se

fala; por isso, não assumem as funções de sujeito nem de predicado, e, na estrutura sintática do enunciado, estão isolados, normalmente, com vírgula.

Essas FT são utilizadas de acordo com diversos níveis de formalidade, desde o tratamento informal, em contextos de interação entre amigos, familiares ou pessoas de igual posição, refletindo maior intimidade, até o tratamento formal, utilizado em contextos em que há uma diferença hierárquica entre os envolvidos (por exemplo, ambientes acadêmicos, profissionais ou quando o interlocutor se dirige a alguém de mais idade, demonstrando respeito).

A abordagem ao interlocutor, portanto, é sempre baseada em convenções sociais. Assim, para utilizar essas expressões que refletem respeito, cortesia, classificação social ou formalidade, são levadas em consideração, pelos indivíduos envolvidos na situação comunicacional, variáveis como o contexto social, o relacionamento entre as pessoas e sua cultura, e adequação aos contextos formal e informal, dependendo das circunstâncias de produção, como explicam Silva, Blanco e Blanco (2017):

Em geral, a sociedade está dividida por hierarquia, por isso o tratamento que recebe um membro da sociedade depende do papel que desempenha e de suas características: idade, gênero, posição familiar, hierarquia profissional, grau de intimidade, etc. Sendo assim, cada um deve tratar o outro de acordo com as posições relativas que ambos ocupam na escala social (Silva; Blanco; Blanco, 2017, p. 333).

O uso de FT, nesse sentido, está intimamente ligado à estrutura social em dado contexto (Biderman, 1972). Por isso, diferentes línguas apresentam diferentes FT; isto é, nem sempre as formas de endereçamento à segunda pessoa de uma língua têm equivalência simétrica em outra língua. Além disso, as FT mudam ao longo da história de uma língua, pois a estrutura social também se modifica no decorrer do tempo.

Um exemplo é a forma pronominal *você*, do PB, derivado da forma nominal *Vossa Mercê*, que era inicialmente destinado apenas ao rei, mas, no fim do século XIV, passou a ser utilizado como FT a outros membros da nobreza, e depois, no século XVI, estendeu-se a membros da burguesia (Faraco, 1996; Lopes; Duarte, 2003). Não somente mudou o destinatário dessa FT, mas também a forma *Vossa Mercê* passou por mudança e adaptação fonológica e ortográfica até chegar à forma *você*. De acordo com Cintra (1972), originalmente, o sistema pronominal do português

contava com os pronomes *tu* ou *vós* para o tratamento de segunda pessoa do singular em situações de intimidade e de distanciamento na interação, respectivamente.

É importante destacar que a forma *você* é considerada por muitos gramáticos como pronome de tratamento, e por outros como pronome pessoal. Os pronomes de tratamento são utilizados pelo interlocutor para referenciar a pessoa com quem está se dirigindo diretamente na interação, mesmo que esses pronomes levem o verbo para a terceira pessoa. Cunha e Cintra (1985) os definem da seguinte forma, incluindo o *você*:

Denominam-se pronomes de tratamento certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência*. Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa (Cunha; Cintra, 1985, p. 282).

Porém, Rocha Lima (2011, p. 386) apresenta o *você* como pronome pessoal e afirma que ele “pertence realmente à 2ª pessoa, isto é, àquela com quem se fala, posto que o verbo com ele concorde na forma de 3ª pessoa”. Como podemos observar nas descrições desses gramáticos mencionados, há o entendimento da forma *você* por vezes como um pronome de tratamento e outras como pronome pessoal; porém, em ambos os casos, direciona-se à segunda pessoa na interação, mas mantém a conjugação de terceira pessoa.

Camara Jr. (1991) afirma que, no caso das formas nominais,

[...] o ouvinte é tratado, isoladamente ou como sujeito, por uma locução, em que [...] nos dirigimos a uma sua qualidade, com a matização do acatamento e da hierarquia social expressa pela escolha de um substantivo adequado: *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc. (Camara Jr., 1991, p. 19).

Leitão *et al.* (2001, p. 81) mencionam as “formas cerimoniais destinadas ao tratamento com um ouvinte revestido de maior solenidade: são os chamados pronomes de tratamento, cujo emprego requer a enunciação do verbo e dos pronomes possessivos na 3ª pessoa”, pois, “em princípio, a 2ª pessoa fica reservada a um tratamento mais íntimo e direto” (Leitão *et al.*, 2001, p. 81). Assim, pode-se inferir que a conjugação em terceira pessoa colaboraria para manter certo distanciamento entre os interlocutores. Mas esses autores fazem a seguinte ressalva:

Adotando, porém, o pronome *você* em lugar do *tu* (próprio da 2ª p.), a linguagem coloquial brasileira, sobretudo a carioca, desfez tal distinção e consagrou a 3ª pessoa como forma preferencial para qualquer interlocutor, independentemente do grau de formalidade da situação comunicacional existente: *Você vai?* (informal) x *Vossa Excelência irá?* (formal) (Leitão *et al.*, 2001, p. 81).

De acordo com Cunha e Cintra (1985), as formas nominais, como *Vossa Excelência* e *Vossa Eminência*, por exemplo, ficam restritas a usos solenes com maior formalidade, enquanto *o senhor*, *o doutor*, *o João*, *a Maria*, por exemplo, são utilizados em casos que também expressam formalidade, mas que são menos solenes, embora não haja tanta intimidade ou proximidade entre os interlocutores. Camara Jr. (1991) pontua que, no PB, a forma pronominalizada *você* é utilizada para o tratamento íntimo; em contrapartida, a forma nominal *o senhor* é marcada para um tratamento mais cerimonioso.

No caso das FT pronominais, a gramática tradicional indica que o pronome da segunda pessoa do singular é *tu*, cujo plural é *vós*, ficando reservado ao *você* exclusivamente a classificação de pronome de tratamento. Além disso, a gramática tradicional prescreve a correspondência dos pronomes pessoais do caso reto com os do caso oblíquo, como explica o gramático Napoleão Mendes de Almeida, em sua obra *Gramática metódica da língua portuguesa*, de 1957:

É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a uniformidade de tratamento, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por 'vós', os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos adjetivos possessivos. Se o tratarmos por 'tu', usaremos os oblíquos 'te', 'ti', 'contigo' e os possessivos 'teu', 'tua', 'teus', 'tuas' (jamais 'seu', 'sua'). Se o tratarmos por 'Vossa Senhoria', 'Senhor', 'Você', diremos o 'lhe', 'seu', 'sua' etc. (Almeida, 1957, p. 130).

No entanto, diversos estudos na área da Sociolinguística sobre o sistema pronominal do PB (Menon, 1995; Faraco, 1996; Neves, 2002; Machado, 2006; Lopes, 2008; Ilari, 2010; Souza, 2012, entre outros) mostram, com relação às FT, que o pronome *tu* vem sendo gradativamente substituído pelo *você*, e o pronome *vós* está ficando obsoleto, sendo substituído por *vocês*. Esses estudos também mostram o uso predominante do paradigma verbal de terceira pessoa nas localidades em que o pronome *tu* ainda é utilizado e a permanência dos pronomes objeto *te* e *ti* e dos

possessivos *teu(s)* e *tua(s)* em enunciados orais e escritos em que a referência é a forma *você*, e não *tu*.

Sobre os vocativos como FT, Moreira (2017, p. 320) afirma que essa categoria, “na comunicação espontânea, normalmente corresponde a um título, um nome próprio, um sobrenome, um termo carinhoso ou até ofensivo ou um apelido daquela pessoa com quem se quer falar”. Além de serem definidos pelo uso de nomes próprios e títulos, os vocativos também comportam expressões adjetivas (Camara Jr., 1981; Cunha; Cintra, 1985).

O vocativo, ao contrário das formas pronominais e nominais, apresenta um comportamento sintático e pragmático diferente nas orações. Sua função de chamar a atenção do interlocutor pode ocorrer em variados níveis de interação, indicando desde situações que exigem mais respeito e formalidade até interações mais íntimas e informais.

Os vocativos diferenciam-se das FT pronominais e nominais quanto ao funcionamento sintático, pois enquanto as formas nominais e pronominais podem ocupar a mesma posição no enunciado e estão nele integradas (por exemplo, “*Você quer café?*” / “*O senhor quer café?*”), o vocativo é descrito como uma unidade à parte, conforme explica Bechara (2009, p. 460): “Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.<sup>a</sup> pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos”. É importante esclarecer que até mesmo as FT nominais e pronominais podem se transformar em vocativo, como em “*Senhor*, poderia preencher este formulário, por favor?” ou em “*Você*, aproxime-se, por favor?”

Moreira (2013) demonstra que os vocativos podem ficar em três posições diferentes dentro de uma oração: a) na esquerda da oração: “*Natália*, seu pai tem toda a razão”; b) na direita: “Não quero saber disso, querido”; c) ou com o vocativo entre o verbo e o complemento: “Não se esqueça, *João*, que prometeu chegar cedo”

É importante mencionar que uma expressão pode funcionar como forma nominal, pronominalizada ou vocativo, sendo possível a coocorrência no enunciado, ainda que com alterações sintáticas (como o uso ou não de um determinante), como nos seguintes exemplos: a) “*Senhor presidente*, o senhor poderia assinar este documento?”; b) “*Professora*, a professora já corrigiu as provas?”. Podemos verificar que as formas *senhor* e *professora* aparecem em duas funções distintas dentro do

enunciado: na parte inicial, elas têm a função de vocativo, isto é, de chamar a atenção do interlocutor a quem se dirige; já na segunda parte dos enunciados, depois da vírgula, *o senhor* e *a professora* (com artigos) exercem a função de forma pronominalizada e nominal, funcionando como sujeitos da oração.

Ainda que muitos autores defendam que o vocativo não pertence a uma oração, por não ter uma relação direta com o verbo, Cunha e Cintra (1985, p. 175) dizem que, “embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o vocativo pode relacionar-se com algum dos termos.” Segundo os autores, existem determinados vocativos que não fazem nenhuma menção a algum termo da oração, como: “E, ao vê-la, acordarei, meu Deus de França!”, no qual a expressão vocativa *meu Deus de França!* não apresenta relação alguma com o restante da frase. Porém, também, há os vocativos que fazem referência a algum termo, como nestes enunciados: “Dizei-me vós, Senhor Deus!” e “Ó lanchas, Deus vos leve pela mão!”. No primeiro exemplo, o vocativo *Senhor Deus!* se relaciona com o sujeito *vós*, e na segunda oração, o vocativo *Ó lanchas* se refere ao objeto direto *vos* (Cunha; Cintra, 1985, p. 175).

Perini (2005) contribui com os estudos ao propor que o que conecta o vocativo à oração não é de natureza sintática, mas discursiva: “Quero dizer que a ligação entre o vocativo e a oração junto à qual ele pode ocorrer não tem a ver com a estrutura da própria oração, mas com a organização do discurso” (Perini, 2005, p. 91).

Retornando à discussão da função do vocativo como FT, Mundim (1981, p. 8 *apud* Moreira, 2017, p. 326) pontua que “a opção por determinada expressão vocativa depende diretamente da intenção que temos ao nos dirigir a uma pessoa”. Para Moreira (2017, p. 326), em situações comuns do cotidiano, esse processo é geralmente inconsciente, mas, “em situações mais específicas, a escolha do vocativo é decorrente de um processo de opção, consciente e elaborado e depende de um possível interesse pessoal”. Na visão da autora, o processo consciente de opção ocorreria mais quando o falante utiliza um vocativo não profissional, pois,

Na utilização de um vocativo profissional, o falante estaria protegido por uma espécie de escudo, uma vez que esse termo não apresenta alto grau de envolvimento do falante. Ele estaria usando uma expressão que iria identificar uma categoria profissional dentro da sociedade (Moreira, 2017, p. 326-327).

O uso apropriado de determinadas FT, incluindo os vocativos, pode ser uma questão de cortesia e polidez, como veremos no item 1.5 desta dissertação. Como a utilização das FT está estreitamente ligada à estrutura da sociedade, podemos afirmar que mudanças na sociedade podem acarretar alterações nesse uso. Para entendermos melhor essa questão, na próxima subseção, apresentamos um breve histórico das FT.

## 1.2 BREVE HISTÓRICO DAS FORMAS DE TRATAMENTO

As sociedades, a fim de estabelecerem padrões rígidos de comunicação e poder, no decorrer dos tempos, desenvolveram uma ampla variedade de formas de endereçamento, cada uma carregando consigo valores sociais distintos. Segundo Modesto (2006, p. 3),

A história das formas de tratamento liga-se à história do próprio homem. Em tempos remotos, quando as sociedades eram altamente hierarquizadas, estáticas, com suas classes sociais bem delimitadas e estabelecidas, era natural que as relações de poder fossem marcadas por formas de tratamento específicas a cada classe social (Modesto, 2006, p. 3).

Dentre essas sociedades estruturadas em sistemas hierárquicos de poder, destacamos o período feudal, momento significativo de nossa história que ocorreu na Europa durante a Idade Média, no qual o uso das FT se configurou como o meio para definir socialmente o papel de cada indivíduo dentro do regime social em que vivia:

As relações que se estabeleciam nas sociedades feudais, por exemplo, em que o poder era hereditário, e não havia (de maneira geral) ascensão de classe social, demandavam formas referenciais que marcassem bem o *status* de cada membro do grupo social. A Igreja exerceu um papel fundamental para o estabelecimento dessas hierarquias, pois ensinava que cada homem já nascia com seu lugar pré-estabelecido por Deus, e deveria conformar-se com ele (Modesto, 2006, p. 3).

Com o passar do tempo, marcado pela transformação estrutural das sociedades e evolução histórica dos variados idiomas, essas FT foram tomando características particulares em cada sociedade e em sua respectiva língua.

Biderman (1972), com base em Brown e Gilman (1960), que apresentam uma visão da sociedade como polarizada entre duas forças – o poder e a solidariedade –, conforme aprofundaremos mais adiante, explica que

[...] o poder foi a força dominante das formas de relações sociais no passado. Nos tempos modernos essa força se estaria enfraquecendo, substituída por um novo ideal: a solidariedade. [...] As sociedades fechadas do passado morosamente se transformaram nas sociedades abertas do presente (Biderman, 1972, p. 339).

Com essas transformações, as FT que antes eram direcionadas aos membros de grupos mais privilegiados começaram a ser utilizadas para dirigir-se aos membros de grupos menos privilegiados, passando, muitas vezes, por mudanças gráficas. Biderman (1972), considerando o contexto europeu na passagem da Idade Média para o Renascimento, demonstra como, por exemplo, o título *Dom*, antes restrito para endereçamento aos monarcas, começou a ser utilizados pelos nobres (condes, duques etc.), e os monarcas “passaram a reivindicar outros que se lhes aplicasse privativamente” (Biderman, 1972, p. 343). Com o tempo, qualquer pessoa poderia usar o título *Dom*, o que causava desconforto em certas parcelas da população, caso exemplificado por Biderman (1972, p. 343): “No século XIX Juan de Arona satirizava a extensão do título de Dom até mesmo à criadagem de Lima, muitos deles descendentes de escravos. Atribui tal paradoxo aos ‘males grotescos da democracia’”.

Diante desse contexto, à medida que as FT tinham seu uso popularizado, os grupos mais privilegiados adotaram outras que fossem exclusivas a ele. Novamente, Biderman (1972) exemplifica com o caso de *(Vossa) Mercê* e *(Vossa) Senhoria*, no português, que passaram a ter um uso mais democrático, e os membros da monarquia passaram a utilizar *(Vossa) Alteza* e *(Vossa) Majestade*.

Modesto (2006), que apresenta um panorama histórico das FT em algumas línguas, mostra o que ocorreu no italiano, no espanhol e no francês:

No italiano, a forma *lei* (que substitui o *voi*) provém da abreviação de *la vostra Signoria*. Em Espanhol, a forma de reverência *usted* provém de *vuestra merced*. Na França, as relações de poder não-recíprocas foram dominantes até a Revolução, quando o “Comitê pela Segurança Pública” condenou o uso da forma *vous* para se referir apenas a uma pessoa, associando esse uso a resquícios do regime feudal (Modesto, 2006, p. 3-4).

Na mesma direção, Biderman (1972, p. 346) afirma que, “além dos títulos, passa a ser comum na Itália renascentista o uso de formas pronominais da 3.ª pessoa – *ella, lei* – para substituir *voi*. Tal prática começa a ser corrente em outras culturas românicas: na Espanha e em Portugal circulavam tanto como na Itália”. Na Itália, por exemplo, a FT *Lei* se consagrou como “forma universal de tratamento cortês” (Biderman, 1972, p. 347). Já na França, segundo a autora, as FT foram sempre mais simples: desde a Idade Média, o tratamento mais comum entre os nobres era *vous*, para o trato entre iguais, e o *tu* aparece como variante estilística nos momentos de emoção, ou para marcar a intimidade, e “só as classes inferiores servem-se apenas de *tu*” (Biderman, 1972, p. 347). Porém, quando a Revolução Francesa tomou o poder, quiseram fazer do pronome *tu* “uma bandeira dos seus ideais igualitários” (Biderman, 1972, p. 347), por meio de um decreto do “Comité du Salut Public”, que não foi bem-sucedido, pois o *vous* ainda permaneceu, sendo hoje usado em situações mais formais, menos íntimas.

Esse sistema com dois pronomes para a segunda pessoa do singular não ocorre apenas nas línguas românicas. Oliveira (2019, p. 13-14) observa, na língua alemã, que “o pronome *du* é empregado entre amigos e familiares em situações de informalidade e que o pronome *Sie* é acionado para a comunicação com uma pessoa que não compartilha os mesmos atributos”.

No caso do inglês, Modesto (2006) explica da seguinte forma:

Na Inglaterra, antes da Conquista Normanda, o *ye* era a segunda pessoa do plural e *Thou* o singular. A forma *You*, originalmente, era o acusativo de *ye*, mas com o tempo se tornou o nominativo plural e finalmente prevaleceu sobre o *thou*, passando a ser usado no [*sic*] também no singular (Modesto, 2006, p. 4).

O inglês, assim, não apresenta um sistema de díades pronominais como em outras línguas europeias: *tu/Lei*, no italiano; *du/Sie*, no alemão; *tu/vous*, no francês; *tú/usted* ou *vos/usted*, no espanhol; e *tu/você*, no português. Para além das formas pronominais, há sobreposições dessas díades com algumas formas nominais, tais como *o senhor*, no PB, que corresponderia ao uso do *usted* em alguns países de língua espanhola (Biderman, 1972), de maneira que, com o uso cada vez mais reduzido do *tu*, a díade mais utilizada seria *você/o senhor*.

Focalizamos agora o histórico das FT, especialmente as pronominais, na formação da língua portuguesa. Conforme Cintra (1972), as FT seguiam um padrão

que atendiam aos anseios histórico-sociais da sociedade portuguesa dominante à época, que tinha o objetivo de utilizar tais formas como maneira de estabelecer uma hierarquia de poder entre a monarquia portuguesa e o restante da sociedade. Essas formas que derivaram do latim eram utilizadas para designar a segunda pessoa do singular no discurso, em que se observava o uso do *tu* para situações mais íntimas e do *vós* em circunstâncias mais formais e cordiais de distanciamento. Cintra (1972) ressalta que, com o passar do tempo, o desgaste de poder da realeza portuguesa e as mudanças no contexto social em que viviam, principalmente com a ascensão da burguesia, resultaram no gradativo desuso do pronome *vós*, dando a vez para a forma nominal *Vossa Mercê*.

Segundo Cintra (1972), o sistema pronominal do português não apresentava originalmente formas nominais como *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência* etc., as quais surgiram para a utilização em referência à nobreza, e os falantes usavam os pronomes *tu* ou *vós* para o tratamento de segunda pessoa do singular em situações de intimidade e de distanciamento interacional, respectivamente. Contudo, Cintra (1972, p.17) pontua que o pronome *vós* se utilizava tanto “[...] ao rei, ao arcebispo ou ao bispo, como ao rústico ou vilão, quando não existia grau de intimidade ou confiança que permitisse o emprego de *tu*.” A forma *Vossa Mercê* era destinada inicialmente apenas ao rei, mas, com o tempo, passou a ser usada, em um primeiro momento, para dirigir-se a outros membros da nobreza, e posteriormente, para os membros da burguesia (Faraco, 1996; Lopes; Duarte, 2003). Em paralelo a isso, houve o desenvolvimento do uso de *o Senhor* e *a Senhora* para o tratamento cerimonioso de segunda pessoa, mas com flexão verbal de terceira pessoa (Camara Jr., 1975; Bechara, 2009; Rocha Lima, 2011, entre outros).

Sobre a forma nominal *Vossa Mercê*, é importante salientarmos a etimologia da palavra *mercê*, substantivo que se originou do latim *merces*, cujo significado era “graça, benefício”, que os súditos pediam a seus soberanos. O filólogo, linguista e lexicógrafo brasileiro Antenor Nascentes explica da seguinte forma:

Entre as qualidades atribuídas aos reinantes, figurava naturalmente a de recompensar os que lhes prestavam bons serviços e a essa recompensa ou paga dava-se e dá-se ainda o nome de *mercede* ou *mercê*. Assim, como é sabido, eram tratados os reis entre nós ainda no século XIV, como consta dos documentos do tempo. Semelhante tratamento estendeu-se depois a outras pessoas, a principio [*sic*] talvez aos poderosos, os que, depois dos monarcas, mais no caso

estavam de recompensar, e, em seguida, por tal forma se vulgarizou que, por andar na boca de toda a gente, se transformou de *vossa mercê* em *vossemecê*, *vomecê* e até *você*, em que apenas as sílabas [sic] acentuadas das duas palavras se salvaram (Nunes, [s.d.], p. 72 *apud* Nascentes, 1956, p. 114-115).

Nascentes (1956, p. 115) acrescenta: “Favor, graça, *mercê* nascem da inclinação benevolente da vontade e arbítrio do príncipe. Confundem-se muitas vezes as noções de causa e efeito. *Mercê* denota ora o ato de bem fazer, ora a vontade de quem pratica.” Segundo informa o autor, essa FT era utilizada primeiramente para invocar a graça do soberano, enquanto a função de chamar a segunda pessoa do discurso acontecia de modo indireto:

Aos reis de Portugal falou-se a principio [sic] por *vós*, secundado muitas vezes pelo vocativo *Senhor*. A este tratamento ajuntou-se *vossa mercê*, apelo a um predicado de monarca e linguagem que afagava a sua vaidade e amor próprio [sic]. Os súditos [sic], dependentes sempre da *mercê* ou graça do príncipe [sic], apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual *vós*. Sabiamente pediam *por mercê* e punham frequentemente *vossa mercê* por *vós*, referindo-se, não à pessoa do soberano, e sim à graça e favor que dele dimanava (Nascentes, 1956, p. 115).

Ainda segundo Nascentes (1956), até o século XIV, a forma de reverência continuava na utilização do pronome *vós*, com o verbo na segunda pessoa do plural, e somente a partir do século XV, passou-se a usar a forma *Vossa Mercê* com o verbo na terceira pessoa do singular, mesmo que ainda houvesse a utilização, por costume ou etiqueta, do *vós*.

De acordo com Camara Jr. (1975), a origem da FT *você* está assentada em convenções para o tratamento social, que o autor chama de “[...] interferência de tratamento social na estrutura dos pronomes pessoais” (Camara Jr., 1975, p. 96), com base na convenção, no latim, de “[...] encarar no ouvinte sua eminência ou majestade social e tomar essa qualidade de *status* como alvo da comunicação” (Camara Jr., 1975, p. 96), mantendo-se o verbo na terceira pessoa do singular. Ainda segundo esse linguista,

O português deu especial intensidade e amplitude a este novo tipo de construção. [...] Com um sujeito do padrão *Uestra Maiestas* (*Vossa Majestade* ou *Vossa Alteza*, para os reis, *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria* e assim por diante), emprega-se, porém, esse pronome de 3.<sup>a</sup> pessoa em função de complemento, na sua forma específica, em

vez da longa e pesada expressão, que, por outro lado, adquiriu uma forma sucedânea mais breve e mais leve – *Você*, por contração de *Vossa Mercê* (Camara Jr., 1975, p. 96).

Bagno (2012) explica que o processo de gramaticalização de *Vossa Mercê* ocorreu em três níveis: fonológico, com a redução de sílabas da forma original de tratamento (*Vossa Mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*); sintático, com a passagem do sintagma nominal para índice de pessoa (neste caso, o pronome de tratamento funciona como pronome pessoal); e discursivo, com a passagem do uso inicialmente restrito à realeza para o uso atual indicando relações de igualdade.

Com relação às transformações fonológicas/ortográficas, são registradas inúmeras variantes no PB, além dessas formas mencionadas por Bagno (2012). Nascentes (1956) registra alterações fonológicas de várias naturezas: síncope, “na forma hipotética *voss'm'cê*” (Nascentes, 1956, p. 118); aférese, nas formas *mecê*, *ocê*, *cê*, *suncê*, *sucê*; permuta, nas formas *vassuncê*, *vancê*, *vacê*; e nasalização, na forma *vosmincê*. A esses exemplos, Nascentes (1956), baseado em diversos autores, acrescenta outros registros de variantes: *oncê* (forma aferética de *voncê*, utilizada em Goiás)<sup>1</sup>, *vainicê* (forma muito deturpada de um possível *vamecê*, usada no interior de Pernambuco), *vansmincê* (forma duplamente nasalada usada em parte da Bahia e Sergipe), entre outros; bem como dois exemplos da cadeia de transformações: *Vossa Mercê* > *vosm'cê* (forma hipotética) > *voscê* (forma hipotética) > *você* > *ocê* > *cê*; *Vossa Mercê* > *vossemecê* > *vòmecê* (forma hipotética) > *võcê* > *vòcê* > *você*.

Nascentes (1956) apresenta a seguinte hipótese para esse processo de variação e mudança:

*Vossa mercê* agradava a todo o mundo. A classe humilde não tardou em apoderar-se da fórmula nova para uso próprio, mas sendo expressão um tanto longa e tendo de ser repetida a cada instante, a gente do povo abreviou-a em *vossancê*, *vossemecê*, *vossecê* e finalmente *você* (Nascentes, 1956, p. 116).

Nesse cenário de transformações, na busca de estabelecer um certo grau de hierarquia entre a nobreza e as demais classes sociais por meio de novas FT nominais para se dirigir às pessoas da realeza portuguesa no século XVI, conforme observa Cintra (1972), o *vós* foi perdendo espaço e seu uso foi se tornando arcaico. Com isso,

<sup>1</sup> Os usos descritos por Nascentes dizem respeito ao contexto brasileiro principalmente da década de 1950.

passou-se a utilizar *Vossa Majestade* para o rei e a rainha, *Vossa Alteza* para os príncipes e princesas, *Vossa Excelência* para infantes, *Vossa Senhoria* para o clero e autoridades e *Vossa Mercê* para a nobreza, de um modo geral, e a burguesia passou a usar como contraponto a forma pronominal e informal *tu*.

No Brasil, segundo Menon (1995, p. 95), “a forma *você(s)* passou a ser a forma de tratamento íntimo em quase todo o país, provavelmente em decorrência do uso, desde o início da colonização, de formas variantes de *Vossa Mercê* para o tratamento da segunda pessoa.” Como forma derivada de um pronome de tratamento (sintagma nominal), o *você* mantém características de sua origem, como a flexão verbal da terceira pessoa. De acordo com Menon (1995), as modificações começaram pela forma plural (*vocês* no lugar de *vós*) e posteriormente atingiram a forma singular (*você* no lugar de *tu*).

Paralelamente a essa mudança, conforme aponta Lopes (2008), destaca-se que os pronomes objeto se mantêm relacionados à forma *tu*, mesmo com a mudança ao longo do tempo para o uso da forma *você*. Como esta subseção é dedicada a uma discussão dos pronomes numa perspectiva histórica (diacrônica), na subseção 1.3, mais adiante, detalhamos os quadros pronominais do português brasileiro e do português europeu na perspectiva sincrônica, e aprofundamos a discussão com algumas pesquisas referentes ao tema.

Quanto aos vocativos, não encontramos muitas pesquisas que se dedicam ao percurso histórico dessa categoria gramatical, e as poucas pesquisas encontradas limitam-se apenas a definir suas características sintáticas ou sua função pragmática como expressão de chamamento.

Moreira (2017) apresenta o seguinte histórico:

Em latim, o *vocativo* é um ‘caso’ e apresenta, assim, uma marca morfológica. Além disso, é destacado na escrita pelo uso da vírgula e pela possibilidade de vir acompanhado pela interjeição *Ó*. Muitas das gramáticas do latim se limitam a tratá-lo como um “caso de apelo” ou palavra usada para “chamar” (Moreira, 2017, p. 2).

Godoi (2022), em um estudo referente aos casos<sup>2</sup> no latim, com foco no nominativo e no vocativo, descreve brevemente a etimologia e a função do vocativo:

---

<sup>2</sup> Os casos do latim, segundo Cardoso (1989), são assim classificados: a) o *vocativo*, com a função de chamar, invocar; b) o *nominativo*, que exerce a função de sujeito e predicativo do sujeito; c) o *acusativo*,

“O caso vocativo é derivado do verbo *vocare* (chamar), sendo denominado em latim de *casus vocativus*, empregado nas expressões da língua que invocam a atenção ou convocação de uma pessoa” (Godoi, 2022, p. 4). Como o vocativo não é objeto frequente de estudo na filologia ou na linguística histórica, por exemplo, podemos presumir que seu uso permanece mais ou menos estável ao longo da história.

Na subseção seguinte, destacamos uma das categorias das FT – os pronomes – para situar o sistema pronominal do PB numa perspectiva sincrônica.

### 1.3 O QUADRO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PESQUISAS REALIZADAS NA SOCIOLINGUÍSTICA E NA FILOLOGIA

Nas últimas décadas, muitas pesquisas sobre os pronomes do PB foram desenvolvidas, principalmente na área da Sociolinguística de cunho variacionista (laboviana), por autores como Duarte (1993), Lopes (1993; 1999; 2008), Menon (1995), Machado (2006), entre inúmeros outros. Muitos pesquisadores, tais como Neves (2002) e Ilari (2010), também têm feito estudos descritivos do PB com base nos dados do Projeto NURC (Norma Urbana Culta)<sup>3</sup>, e assim como os autores da área da Sociolinguística Variacionista, têm constatado alguns fenômenos no uso dos pronomes no PB, na língua falada, como a variação entre *nós* e *a gente*, o gradativo desaparecimento dos pronomes complementos clíticos, especialmente os de terceira pessoa, e o uso de *você* em substituição ao *tu* na maioria das regiões do Brasil.

Com relação aos pronomes para o tratamento de segunda pessoa, os estudos sociolinguísticos sobre o português brasileiro vêm descrevendo vários fenômenos relacionados às FT, conforme autores como Menon (1995), Faraco (1996), Machado (2006), Lopes (2008), entre outros. O primeiro fenômeno que destacamos é relacionado ao pronome *vós*, que está desaparecendo, dando lugar ao *vocês*:

Com a introdução desse novo par – *você/vocês* – para o tratamento da segunda pessoa, a língua passou a ter uma assimetria no paradigma dos PSUJ: as novas formas passaram a coocorrer com a antiga oposição *tu/vós*, suplantando primeiro a forma *vós* que, como

---

com a função de objeto direto; d) o *dativo*, com a função de objeto indireto e complemento nominal; e) o *ablativo*, com a função de adjunto adverbial; e f) o *genitivo*, exercendo a função de adjunto adnominal.

<sup>3</sup> O Projeto NURC, iniciado no final da década de 1960, tem como foco cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. O objetivo do NURC é coletar sistematicamente material que permita a análise da linguagem oral culta do português brasileiro em seus diversos níveis (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e texto).

vimos, se tornou arcaica. Assim, *vocês* se integrou completamente no paradigma, caracterizando, basicamente, o plural real da segunda pessoa: os falantes percebem, ali, a marca de plural, o que não acontecia com o outro par, constituído de palavras diferentes (Menon, 1995, p. 96).

Aliado a esse fenômeno, está o da substituição do pronome pessoal *tu* pelo pronome de tratamento (como é chamado pela gramática normativa) *você*, conforme descrevem pesquisadores como Duarte (1993), Menon (1995), Machado (2006), Lopes (2008) e Souza (2012), que apontam que o *você* vem assumindo, no PB, o *status* de segunda pessoa, suplantando o uso de *tu*.

Com a evolução das FT, essa substituição foi ganhando força, como aponta Faraco (1996):

A evolução de *Vossa Mercê* afetou também o sistema do tratamento íntimo, já que *você* ou substituiu *tu* (como em geral ocorreu no português brasileiro) ou criou um nível de relativa formalidade entre *tu* e outras expressões formais. Essas outras expressões, que se tornaram comuns no tratamento não íntimo, também exigiam, por sua origem nominal, a terceira pessoa do verbo (Faraco, 1996, p. 123).

Essas alterações no sistema de tratamento, ainda segundo o autor, simplificaram a conjugação verbal, mesmo em casos em que ainda se utiliza o *tu*.

As formas verbais da segunda pessoa do plural se arcaizaram; aquelas da segunda pessoa do singular são ainda de largo uso em Portugal e de uso regionalmente restrito no Brasil, onde se registra, em certas variedades, a ocorrência de *tu* em combinação com formas verbais de terceira e não de segunda pessoa (Faraco, 1996, p. 123).

Ainda relacionado a esse fenômeno, nas localidades em que o pronome *tu* ainda é utilizado, predomina o uso do paradigma verbal de terceira pessoa:

Todas as alterações do paradigma da conjugação verbal determinaram uma concentração de funções sobre a terceira pessoa do verbo: ela agora pode ocorrer tanto com sujeitos dêiticos referindo-se à segunda pessoa do discurso, quanto com sujeitos de terceira pessoa (Faraco, 1996, p. 123).

Além disso, os falantes têm utilizado os pronomes objeto *te* e *ti* e os possessivos *teu(s)* e *tua(s)* quando o sujeito é a forma *você*, e não *tu*. Se considerarmos o eixo falante-ouvinte, o *você* não assume a condição de terceira

pessoa, por isso que, no plano do discurso, por se tratar de referência a “com quem se fala”, sendo usado como pronome de segunda pessoa, isso explica o uso de formas como *te* e *teu* no mesmo enunciado em que se usa o *você*, fenômeno que Lopes (2008) chama de sincretismo entre os paradigmas das duas pessoas do discurso.

Como os processos de mudança não afetariam o sistema lingüístico em sua totalidade, a implementação de *você* no sistema não ocorreu da mesma forma em todas as subcategorias pronominais e criou-se um paradigma pronominal que reflete um sincretismo entre a segunda e a terceira pessoa do singular. *Você* e *tu* coexistem no singular e *vocês* é praticamente categórico no plural na posição de sujeito, nas demais posições, contudo, nem o pronome complemento *o/a/os/as* nem o possessivo *vosso* se mantiveram produtivos, em seu lugar, se empregam com maior freqüência *te* variando com *você*, *lhe* e objeto nulo; *teu/tua* variando com *seu/sua*, de *você(s)* e flexões e o uso do imperativo formado a partir do presente do indicativo (imperativo de 2ª pessoa) variando com o de subjuntivo (imperativo de 3ª) (Lopes, 2008, p. 3).

Essa ocorrência pode ser percebida em vários momentos da telenovela *Pantanal*, como no trecho da fala da personagem Tenório para seu interlocutor Alcides. Para contextualizar, Alcides é o peão/funcionário da fazenda de Tenório. Nessa interação, o patrão está dando uma bronca em seu subordinado devido ao comportamento de Alcides:

- (1) Tenório: *Ele é macho, sim! Aquele lá que **você** dizia que era flozô se mostrô mais macho que **você** na frente de todo mundo, te desarmô, te humilhô, te deixô de quatro, **você** dormiu feito uma criança, só acordô aqui.*

Observamos que Tenório, para se dirigir a seu interlocutor, utiliza a forma *você*, mas faz uso do pronome objeto *te*, que pertence ao paradigma pronominal do *tu*. Nesse caso, o pronome tem função de objeto direto, mas o *te* também pode servir de objeto indireto, lugar de *lhe* ou *a ti*, como em “Você já fez o que te pedi?”. Esse uso é bastante frequente no PB, conforme apontam inúmeros estudos, como Cyrino (1993), Monteiro (1994), Kato (1996) e Lopes (2008). Esses estudos também mostram que o *te*, forma oblíqua de *tu*, alterna com o pronome *você* em posição de objeto direto.

Outros estudos sobre o quadro pronominal do português brasileiro, como os de Ramos (2011) e Oliveira (2019), apontam que os falantes estão usando cada vez menos as FT *o senhor* e *a senhora* quando direcionadas a pessoas mais velhas, que normalmente dizem: “O senhor/A senhora está no céu”.

Com base nas leituras feitas, esboçamos, a seguir, o quadro pronominal do PB, para um panorama dos usos dos pronomes, incluindo os clíticos, em contextos formais e informais.

**Quadro 1 – Usos pronominais no português brasileiro formal e informal**

Pessoas do discurso	Pronomes				Clíticos		
	Sujeito	Oblíquo	Reflexivo	Comitativo	Acusativo	Dativo	Reflexivo
1PS	<i>eu</i>	<i>mim</i>		<i>comigo</i>	<i>me</i>		
2PS informal	<i>tu, você</i>	<i>ti</i>		<i>contigo, prep. + você</i>	<i>te, ti, você</i>		
2PSM formal	<i>o senhor</i>			<i>prep. + o senhor</i>			
2PSF formal	<i>a senhora</i>			<i>prep. + a senhora</i>			
3PSM formal	<i>ele</i>		<i>si</i>	<i>consigo</i>	<i>o</i>	<i>lhe</i>	<i>se</i>
3PSM informal	<i>ele</i>			<i>prep. + ele</i>	<i>ele</i>	<i>lhe</i>	
3PSF formal	<i>ela</i>		<i>si</i>	<i>consigo</i>	<i>a</i>	<i>lhe</i>	<i>se</i>
3PSF informal	<i>ela</i>			<i>prep. + ela</i>	<i>ela</i>	<i>lhe</i>	
1PP formal	<i>nós</i>			<i>conosco</i>	<i>nos</i>		
1PP informal	<i>a gente</i>			<i>prep. + a gente</i>	<i>a gente</i>		
2PP formal	<i>vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>vós</i>		<i>convosco, prep. + os/as senhores/senhoras</i>	<i>vos</i>		
2PP informal	<i>vocês</i>			<i>prep. + vocês</i>	<i>vocês</i>		
3PPM formal	<i>eles</i>		<i>si</i>	<i>consigo</i>	<i>os</i>	<i>lhes</i>	<i>se</i>
3PPM informal	<i>eles</i>			<i>prep. + eles</i>	<i>eles</i>		
3PPF formal	<i>elas</i>		<i>si</i>	<i>prep. + elas</i>	<i>as</i>	<i>lhes</i>	<i>se</i>
3PPF informal	<i>elas</i>			<i>prep. + elas</i>	<i>elas</i>		

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Uma característica registrada é que, no PB, ao fazermos uso das formas nominais pronominalizadas *o senhor* e *a senhora*, não utilizamos os clíticos.

A título de menção, o esboço a seguir, no Quadro 2, apresenta as formas possessivas (pronomes possessivos substantivos ou determinantes) do PB.

**Quadro 2** – Formas pronominais possessivas no português brasileiro

Pessoas do discurso	Possessivos			
	Singular		Plural	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>1PS</b>	<i>meu</i>	<i>minha</i>	<i>meus</i>	<i>minhas</i>
<b>2PS informal<sup>4</sup></b>	<i>teu</i> <i>de você</i> <i>seu</i>	<i>tua</i> <i>de você</i> <i>sua</i>	<i>teus</i> <i>de você</i> <i>seus</i>	<i>tuas</i> <i>de você</i> <i>suas</i>
<b>2PS formal</b>	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>
<b>3PS</b>	<i>seu</i> <i>dele</i>	<i>sua</i> <i>dela</i>	<i>seus</i> <i>deles</i>	<i>suas</i> <i>delas</i>
<b>1PP</b>	<i>nosso</i>	<i>nossa</i>	<i>nostros</i>	<i>nostras</i>
<b>1PP informal</b>	<i>da gente</i>	<i>da gente</i>	<i>da gente</i>	<i>da gente</i>
<b>2PP formal<sup>5</sup></b>	<i>Vosso</i>	<i>vossa</i>	<i>vossos</i>	<i>vossas</i>
<b>2PP informal</b>	<i>de vocês</i>	<i>de vocês</i>	<i>de vocês</i>	<i>de vocês</i>
<b>3PP</b>	<i>deles</i>	<i>delas</i>	<i>deles</i>	<i>delas</i>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Para fins de esclarecimento, chamamos de formas possessivas o que tradicionalmente se chama de pronomes possessivos, mas é importante ter em mente suas duas funções: a de determinante e a de pronome substantivo. No primeiro caso,

A função básica do *determinante* é modificar um nome ou substantivo (N), “atualizando” o seu conceito (isto é, situando o seu conceito no universo da comunicação). Por isso o Det sempre acompanha o nome na cadeia sintagmática da frase, e o pressupõe mesmo quando o referido nome vem implícito (Carvalho, 1984, p. 52).

Como exemplo, podemos citar a frase “Esta é *sua* casa”: no sintagma nominal *sua casa*, a forma possessiva *sua* atua como determinante de *casa*. Isso não ocorre na frase “Esta casa é *sua*”, em que a forma possessiva *sua* subentende *sua casa*,

<sup>4</sup> Considerando-se *você* e *tu* como pronomes da segunda pessoa do singular informal, e considerando o sincretismo entre os paradigmas pronominais, no caso das formas possessivas.

<sup>5</sup> Em processo de obsolência no PB, sendo mais recorrentes na linguagem jurídica e na religiosa.

mas o termo *casa* é omitido (por ser pressuposto, tendo sido expresso anteriormente). Novamente, Carvalho (1984) nos ajuda a explicar:

O *pronome substantivo* é uma partícula que ocupa a casa estrutural de sintagmas inteiros, aparecendo sozinho (sem substantivo) e assumindo a função sintática por eles exercida. Assim é que o pronome substantivo pode preencher o lugar de um *sintagma nominal* (sujeito, objeto direto, predicativo etc.), de um sintagma nominal precedido de preposição ou *sintagma preposicional* (objeto indireto, adjunto adverbial etc.), de um *sintagma adjetivo* ou de um *sintagma oracional* (oração) (Carvalho, 1984, p. 53).

Na sequência, para ilustrarmos as diferenças entre o PB, apresentado no Quadro 1, anteriormente, e o português europeu (PE), quanto ao uso das formas pronominais, incluindo os clíticos, esboçamos, a partir da leitura de diversos estudos, o Quadro 3.

**Quadro 3 – Usos pronominais no português europeu formal e informal**

Pessoas do discurso	Pronomes				Clíticos		
	Sujeito	Oblíquo	Reflexivo	Comitativo	Acusativo	Dativo	Reflexivo
1PS	<i>eu</i>	<i>mim</i>		<i>comigo</i>	<i>me</i>		
2PS informal	<i>tu</i>	<i>ti</i>		<i>contigo</i>	<i>te</i>		
2PSM formal	<i>você</i>	<i>si</i>		<i>consigo</i>	<i>o</i>	<i>lhe</i>	<i>se</i>
2PSF formal	<i>você</i>	<i>si</i>		<i>consigo</i>	<i>a</i>	<i>lhe</i>	<i>se</i>
3PSM	<i>ele</i>		<i>si</i>	<i>com ele</i>	<i>o</i>	<i>lhe</i>	<i>se</i>
3PSF	<i>ela</i>		<i>si</i>	<i>com ela</i>	<i>a</i>	<i>lhe</i>	<i>se</i>
1PP	<i>nós</i>			<i>conosco</i>	<i>nos</i>		
2PP	<i>vocês</i>	<i>vós ~ vocês</i>		<i>convosco ~ com vocês</i>	<i>vos</i>		
3PPM	<i>eles</i>		<i>si</i>	<i>com eles</i>	<i>os</i>	<i>lhes</i>	<i>se</i>
3PPF	<i>elas</i>		<i>si</i>	<i>com elas</i>	<i>as</i>	<i>lhes</i>	<i>se</i>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Novamente, para ilustração, esboçamos, a seguir, as formas possessivas (pronomes possessivos, determinantes) do português europeu.

**Quadro 4 – Formas pronominais possessivas no português europeu**

Pessoas do discurso	Possessivos			
	Singular		Plural	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>1PS</b>	<i>meu</i>	<i>minha</i>	<i>meus</i>	<i>minhas</i>
<b>2PS informal</b>	<i>teu</i>	<i>tua</i>	<i>teus</i>	<i>tuas</i>
<b>2PS formal</b>	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>
<b>3PSM</b>	<i>seu ~ dele</i> <sup>6</sup>	<i>sua ~ dela</i> <sup>7</sup>	<i>seus ~ dele</i>	<i>suas ~ dele</i>
<b>3PSF</b>	<i>seu ~ dele</i>	<i>sua ~ dela</i>	<i>seus ~ dela</i>	<i>suas ~ dela</i>
<b>1PP</b>	<i>nosso</i>	<i>nossa</i>	<i>nossos</i>	<i>nossas</i>
<b>2PP</b>	<i>vosso</i>	<i>vossa</i>	<i>vossos</i>	<i>vossas</i>
<b>3PPM</b>	<i>seu ~ deles</i>	<i>sua ~ deles</i>	<i>seus ~ deles</i>	<i>suas ~ deles</i>
<b>3PPF</b>	<i>seu ~ delas</i>	<i>sua ~ delas</i>	<i>seus ~ delas</i>	<i>suas ~ delas</i>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Além da referência sintática dos pronomes, é importante considerar também a referência semântica e pragmática desses elementos. A próxima seção dedica-se a essa questão.

#### 1.4 REFERÊNCIA PRONOMINAL SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA

Bini e Corbari (2022, p. 50) destacam que, na língua portuguesa, “certos pronomes, tais como *tu*, *você*, *nós* e *a gente*, são utilizados tanto para referência específica quanto para referência genérica.” Trata-se da dimensão semântica e pragmática do uso dos pronomes.

A referência específica ocorre quando o falante faz uma referência direta a um sujeito determinado, que está compreendido pelo contexto presente no enunciado. Milanez (1982, p. 27; 54) traz alguns exemplos:

- (2) **Você** vai ao cinema?
- (3) *Meu marido e eu vamos viajar. **A gente** pretende conhecer o norte do país.*

No exemplo (2), a forma pronominal *você* faz referência ao interlocutor, e no

<sup>6</sup> *Seu* companheiro, mas o companheiro *dele*.

<sup>7</sup> *Sua* companheira, mas a companheira *dela*.

exemplo (3), a forma pronominal *a gente* faz referência ao sujeito da oração anterior (*meu marido e eu*).

Já a referência genérica é caracterizada quando um pronome é usado de maneira vaga e abrangente, sem especificar a(s) pessoa(s), para dizer algo mais geral, como nos exemplos a seguir, apresentado por Milanez (1982, p. 27; 53)

- (4) *Não sei, a única época marcada pra mim seria a... fim de ano mesmo, né? que **você** tem que parar um pouco, pensar nas coisas que **você** tem que fazer...*
- (5) *A caipirinha **a gente** prepara com limão galego.*

No exemplo (4), a forma pronominal *você* não faz referência ao interlocutor, mas às pessoas em geral que estariam na mesma condição de quem produziu o enunciado, ou seja, qualquer pessoa que, na época do fim de ano, precisa planejar as tarefas. No exemplo (5), a forma pronominal *a gente* faz referência a qualquer pessoa que vá preparar uma caipirinha.

Para entendermos melhor todas as nuances relacionadas à referência específica e à genérica, considerando um espectro que vai do [+específico] ao [-específico], trazemos a explicação de Bini e Corbari (2022), com base em Lucchesi (2009), sobre como se pode interpretar a referência dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*, a título de exemplo:

- (i) eu + (você(s)) + (ele(s)) [+específico]: nesta categoria, temos “o significado básico do pronome, em que o referente é composto por pessoas totalmente especificadas, em um espectro que inclui sempre o falante, ora acompanhado pelo(s) ouvinte(s), ora acompanhado por outra(s) pessoa(s), ora por ambos” (Lucchesi, 2009, p. 460);
- (ii) eu [+/-específico]: nesta categoria, o pronome é usado “para se referir apenas a si mesmo”, embora o autor alerte que, “nesse caso, a fronteira entre uma referência mais genérica, abrangendo o grupo a que o falante pertence é, muitas vezes, fugidia” (Lucchesi, 2009, p. 460), pois é difícil detectar se o falante está se referindo à primeira pessoa do singular ou do plural;
- (iii) indeterminação circunscrita [-específico]: neste caso, trata-se de “referência genérica circunscrita ao grupo/comunidade do falante” (Lucchesi, 2009, p. 460);
- (iv) indeterminação universal [-específico]: nesta categoria, a referência é totalmente genérica, “em que o escopo da referência contempla qualquer ser humano” (Lucchesi, 2009, p. 460) (Bini; Corbari, 2022, p. 51).

Nessa perspectiva, Neves (2018) destaca que os pronomes genéricos, como o

*nós* ou sua variante *a gente*, por exemplo, podem incluir tanto a primeira pessoa mais a segunda ou terceira, quanto ambas, e os pronomes *tu* ou *você*, dependendo do contexto, também se tornam genéricos. Nos enunciados retirados de Neves (2018, p. 490; 499), a autora exemplifica essa referência semântica:

- (6) *Mas os índios têm como **nós** uma alma imortal.*
- (7) *Antigamente **você** ia ao Cine Ipiranga eram umas poltronas ótimas que tinha lá em cima, **você** ficava bem acomodado.*

Portanto, é o contexto de produção dos enunciados – ou seja, a dimensão pragmática – que possibilita distinguir os usos dos pronomes *tu*, *você*, *nós* e *a gente* tanto para a referência específica quanto para referência genérica:

O primeiro caso é caracterizado pela diretividade com que o falante se refere a seu interlocutor, o que implica um referente conhecido e definido no contexto conversacional. A referência genérica, por sua vez, não está dirigida especificamente a um interlocutor, mas carrega um sentido mais geral e abrangente, o que permite que os pronomes sejam frequentemente usados em exemplificações que ajudam a sustentar uma argumentação, por exemplo. No caso da referência genérica, é importante observar que a indeterminação se opera por meio de recursos que exprimem generalização, e sua abrangência pode atingir uma das pessoas do discurso, ou ambas, mas é obrigatório o envolvimento da não pessoa (Bini; Corbari, 2022, p. 50).

Também em nosso *corpus* de pesquisa encontramos alguns exemplos de referência específica e genérica, como mostram os exemplos a seguir:

- (8) *Jove: Não, ela é tão brava comigo e com o Tadeu, pois **a gente** é homem, **você** é mulher.*
- (9) *Maria Bruaca: **Você** tá se adaptando bem a vida aqui, né, Guta? Parece até que **ocê** tá mais bonita.*
- (10) *José Leôncio: Aqui **a gente** precisa sabê lidá com o gado*
- (11) *Tadeu: No pantanar **ocê** num podi brigá com a natureza.*
- (12) *José Leôncio: Na vida **ocê** vai aprendendu com o tempo!*

Nos dois primeiros exemplos desse bloco, verificamos a referência específica, pois, em (8), *a gente* faz referência especificamente a Jove e Tadeu, e *você*, à

interlocutora; e em (9), *você/ocê* faz referência à interlocutora. Nos três últimos exemplos, a referência é genérica, pois, em (10) e (11), *a gente* e *ocê (você)*, respectivamente, fazem referência aos habitantes do Pantanal, em geral; em (12), *ocê (você)* é ainda mais genérico, pois se refere a todas as pessoas, de modo geral.

Bernardi e Sella (2022) trazem uma importante contribuição para refletir sobre o uso de determinados pronomes para fazer uma referenciação genérica como estratégia para preservação da face do interlocutor: “Em interações orais, os interlocutores, de modo geral, recorrem a recursos linguísticos que permitem a atenuação das asserções em situações negativas, com a finalidade de preservar a face positiva ou a autoimagem” (Bernardi; Sella, 2022, p. 2). Referente à preservação da face, na próxima subseção, analisaremos as FT em relação à estrutura social e à maneira como a teoria da cortesia se relaciona a esse tópico.

## 1.5 FORMAS DE TRATAMENTO, ESTRUTURA SOCIAL E A TEORIA DA CORTESIA

O uso da língua em sociedade, para a interação humana, obedece a regras não apenas relacionadas à estrutura linguística, mas também a fatores de natureza social (normas sociais). O modo como nos dirigimos a outra pessoa é fundamental para atingirmos nosso objetivo comunicacional e o sucesso da interação. Existe uma relação bastante estreita entre as FT e a estrutura social, pois “o uso das formas de tratamento é a expressão linguística que vigora em um determinado meio social. O emprego do tratamento não depende propriamente do sistema linguístico, mas da forma como a sociedade está organizada” (Silva, 2003, p. 174). Assim, podemos compreender que o uso de determinadas FT está relacionado aos aspectos sociais, ao *status* e ao papel do falante.

Brown e Gilman, no artigo “The pronouns of power and solidarity” (1960), abordam a questão do uso de determinadas FT como condicionantes de poder em nossas esferas sociais. Com a sociedade constituída tradicionalmente com base em um sistema hierárquico de poder, onde as FT ocorrem a depender da situação social e do papel que as pessoas envolvidas desempenham nessa estrutura social, existem níveis de formalidade a serem observados em um ato de fala interacional. Com mudanças sociais, segundo Brown e Gilman (1960), essas FT podem sofrer alterações devido à solidariedade que se desenvolve entre os interlocutores, pois as estruturas sociais vão se tornando menos hierárquicas, historicamente.

De acordo com Brown e Gilman (1960), as FT revelam jogos de *poder*, sustentado pela distância e assimetria nas relações, e de *solidariedade*, regida pela igualdade, intimidade e reciprocidade. Esses autores assim se referem à noção de *power semantic* (semântica do poder):

One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behavior of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says *T* and receives *V*<sup>8</sup> (Brown; Gilman, 1960, p. 255).

No sentido oposto, os autores expõem a noção de *solidarity semantic* (semântica da solidariedade), quando a relação entre as pessoas num ato de comunicação é simétrica, pois diminui-se a distância entre elas.

Conforme Brown e Gilman (1960), essas relações sociais ocorrem a partir da utilização de determinadas formas pronominais, e para exemplificar, os autores mencionam o caso dos pronomes *tu* e *vous*, da língua francesa, que expressam essas relações de simetria (solidariedade) e assimetria (poder). Assim, em uma circunstância simétrica, os interlocutores usam o mesmo pronome – ou o *tu*, ou o *vous* – entre si, e numa interação assimétrica, um interlocutor em uma posição hierárquica inferior usa o *vous* para seu o interlocutor em posição hierárquica superior, mas sendo tratado por *tu*.

Brown e Gilman (1960) mostram a vinculação estreita entre essas relações (simétricas ou assimétricas) e a estrutura da sociedade:

The non-reciprocal power semantic is associated with a relatively static society in which power is distributed by birthright and is not subject to much redistribution. The power semantic was closely tied with the feudal and manorial systems. [...] The reciprocal solidarity semantic has grown with social mobility and an equalitarian ideology<sup>9</sup> (Brown; Gilman, 1960, p. 265).

---

<sup>8</sup> Tradução nossa: Pode-se dizer que uma pessoa tem poder sobre outra na medida em que é capaz de controlar o comportamento da outra. O poder é uma relação entre pelo menos duas pessoas e não é recíproca no sentido de que ambas não podem ter poder na mesma área de comportamento. A semântica do poder é igualmente não recíproca; o superior diz *T* [do francês *tu*] e recebe *V* [do francês *vous*].

<sup>9</sup> Tradução nossa: A semântica do poder não recíproco está associada a uma sociedade relativamente estática, em que o poder é distribuído por direito de nascença e não está sujeito a muita redistribuição. A semântica do poder estava intimamente ligada aos sistemas feudal e senhorial. [...] A semântica da solidariedade recíproca cresceu com a mobilidade social e uma ideologia igualitária.

Também Dino Preti (2004) aponta fatores como, por exemplo, intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia e poder, que podem influenciar o uso das FT, de modo que os falantes envolvidos em uma situação comunicativa podem usar uma forma em vez de outra, dependendo do tipo de interação que está acontecendo.

Esse fenômeno pode ser encontrado em nosso *corpus* de pesquisa, isto é, em falas de personagens da telenovela *Pantanal*, como na interação entre José Leôncio e Tadeu que ocorre no capítulo 23, que reflete a alternância de posições durante uma conversa em específico e como a relação entre eles influencia o uso de determinadas FT. O recorte a seguir, que selecionamos para exemplificar o conceito de *poder e solidariedade*, traz esse diálogo entre essas personagens, que são pai e filho, respectivamente, mas se tratam como padrinho e afilhado. Na subseção 2.4 da pesquisa, descrevemos mais detalhadamente as personagens e seus enredos, mas, a fim de contextualizar a interação, é importante saber que Tadeu é filho de Filó, governanta da fazenda de José Leôncio. Mesmo Filó já tendo se envolvido com seu patrão, eles nunca assumiram essa relação oficialmente, o que fez Tadeu ser criado como afilhado de José Leôncio perante as demais pessoas, embora aparentemente seja seu filho. Na cena, Tadeu e José Leôncio estão sozinhos enquanto se preparam para uma viagem.

(13) Tadeu: **Padrinho** tá com medo do filho batê asa e não vortá!

José Leôncio: [...] aqui **ocê** pode me chamá de pai! Não tem ninguém ouvindo.

Tadeu: É por isso que eu não chamo é nunca. O fio do **senhor** é só o outro. Sempre foi.

Na interação, observamos que Tadeu estabelece hierarquicamente sua relação com José Leôncio ao utilizar a forma *padrinho* para se referir ao interlocutor, em segunda pessoa, demonstrando assimetria perante seu ouvinte, que, na escala hierárquica padrinho-afilhado, é superior a Tadeu. Na sequência, Leôncio, referindo-se a Tadeu com a forma pronominal *ocê*, responde que naquele momento seu filho/afilhado poderia lhe chamar de *pai*, já que não havia mais ninguém ali que pudesse ouvir. Nessa fala, observa-se uma relação de *solidariedade* de José Leôncio em relação a Tadeu, buscando menor distância em termos de formalidade, tentando

maior reciprocidade e intimidade com seu interlocutor por meio de uma relação mais simétrica. Na continuação da interlocução, porém, o filho/afilhado opta por manter a assimetria demonstrada na primeira fala, pois, além de deixar clara sua desaprovação com o pedido de seu interlocutor e não chamar José Leôncio de pai, ele muda a maneira de se referir a seu pai/padrinho, ao utilizar a forma *senhor*, que expressa mais respeito e distanciamento. Assim, esse recorte evidencia o jogo de *poder e solidariedade* que pode ocorrer em uma interação verbal face a face.

Nas interações face a face, conforme Moreno Fernández (1998), é importante considerar a noção de cortesia, que se reflete nas FT e são cruciais para a gestão da imagem e do papel social durante a interação. Essa noção de imagem pode ser aprofundada a partir da teoria de Goffman (1970) sobre a face, que é a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados. As pessoas tendem a construir nas interações uma imagem de si mesmas conforme a conduta que os outros esperam que elas adotem em certa situação, surgindo daí a noção de preservação da face, que se refere ao

[...] valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assuma durante um contato particular. A face é a imagem da pessoa delineada em termos de qualidades reconhecidas socialmente. [...] é a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados (Goffman, 1970, p. 13-14).

Com isso, a pessoa se condiciona a uma imagem projetada pelo outro para preservar sua face, utilizando mecanismos de precaução durante os atos de interação. Portanto, mesmo com a face sendo algo particular de cada pessoa, ela é considerada uma moldagem social perante os interlocutores.

Os estudos de Goffman (1970) sobre face, portanto, contribuem para o entendimento de situações como a exposta no exemplo (12). Esse autor da área da Sociolinguística Interacional busca analisar a maneira como as pessoas utilizam os recursos linguísticos, não apenas estruturais e gramaticais, mas também os pragmáticos – como as estratégias de comunicação, que se vinculam a aspectos sociais referentes aos interactantes e ao contexto de produção –, para entender como a linguagem pode refletir as (e se refletir nas) estruturas sociais e relações de poder. Para Goffman (2011), fatores como a polidez ou a cortesia linguística são explicados por nossa estrutura linguística, porém não somente por fatores do sistema linguístico

gramatical, mas também pelos recursos e estratégias linguísticas que estão disponíveis na cultura e sociedade, e que o sujeito utiliza para preservar sua imagem e não agredir a face de seu interlocutor durante uma interação.

Nessa perspectiva, Brown e Levinson (1987), baseados nos pressupostos de Goffman, desenvolvem as concepções de face positiva e face negativa, bem como o trabalho de face, para entender a polidez linguística com o intuito de saber o funcionamento de preservação da imagem do próprio sujeito e do outro.

[...] 'face', the public self-image that every member wants to claim for himself, consisting in two related aspects: (a) negative face: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction – i.e. to freedom of action and freedom from imposition. (b) positive face: the positive consistent self-image or 'personality' (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants<sup>10</sup> (Brown; Levinson, 1987, p. 61).

A face negativa pode ser compreendida como o desejo do interlocutor de manter sua liberdade de ação e não receber a imposição do outro falante. Isso envolve a proteção de seu espaço, no que se refere a seus direitos pessoais, opondo-se a qualquer invasão ou interferência pelo outro. Já a face positiva refere-se à vontade do interlocutor de ter sua imagem valorizada pelo outro interactante, tendo como princípio o desejo de ter a autoimagem aprovada positivamente.

Brown e Levinson (1987) desenvolveram também a noção de *face-threatening act (FTA)*, ou ato de ameaça à face (AAF), sobre a qual são propostas quatro categorias:

- 1- Atos que ameaçam a face positiva do ouvinte: desaprovação, críticas, insultos, acusações.
- 2- Atos que ameaçam a face negativa do ouvinte: pedidos, ordens, sugestões, conselhos, avisos.
- 3- Atos que ameaçam a face positiva do falante: pedidos de desculpa, auto-humilhação, confissões.

---

<sup>10</sup> Tradução nossa: [...] 'face', a autoimagem pública que cada membro deseja reivindicar para si mesmo, consistindo em dois aspectos relacionados: (a) face negativa: a reivindicação básica de territórios, reservas pessoais, direitos à não distração – ou seja, à liberdade de ação e liberdade de imposição. (b) face positiva: a autoimagem ou 'personalidade' positiva e consistente (incluindo crucialmente o desejo de que essa autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interactantes.

4- Atos que ameaçam a face negativa do falante: aceitação de ofertas, agradecimentos.

Brown e Levinson (1987) destacam que o grau de ameaças à face depende do contexto em que a interação ocorre, levando-se em consideração a distância social entre os interlocutores, a relação de poder entre os envolvidos e a classificação cultural de imposição.

A face pode ser perdida, mantida ou realçada durante uma interação verbal, porém a cooperação dos falantes impacta diretamente em uma boa comunicação e, conseqüentemente, na preservação da imagem, pois o monitoramento constante da face entre os interlocutores e a solidariedade mútua para proteger a imagem no ato conversacional resultam nas estratégias de polidez evidenciadas por Brown e Levinson (1987).

Finalizando a seção 1 desta dissertação, no qual apresentamos o referencial teórico de nosso estudo, partimos, na sequência, à seção 2 para contextualizarmos o Pantanal matogrossense em seus aspectos geográficos, socioculturais e linguísticos, explicarmos o gênero telenovela e apresentarmos elementos da telenovela *Pantanal*, que fornece nosso *corpus* de pesquisa.

## 2 O PANTANAL MATOGROSSENSE: ASPECTOS GEOGRÁFICOS, SOCIOCULTURAIS E LINGUÍSTICOS

Como o *corpus* de nossa pesquisa é constituído de falas de personagens da telenovela *Pantanal* (2022), ambientada no bioma que leva esse nome, é importante conhecermos como se configura esse espaço geográfico, sociocultural e sociolinguístico. Assim, nas subseções a seguir, apresentaremos alguns elementos que ajudam a contextualizar a análise dos recortes do *corpus*.

### 2.1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO DO PANTANAL

O Pantanal é a maior planície alagável do mundo, localizado na Região Centro-Oeste do Brasil, abrangendo 22 cidades da região oeste dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Também atinge partes da Bolívia e do Paraguai<sup>11</sup>.

**Figura 1** – Mapa do Pantanal



Fonte: Imagem de Daiane Santos, *site* Pinterest

Considera-se o bioma pantaneiro a maior área úmida continental do mundo. A topografia da região é moldada pelos rios Paraguai, Cuiabá, e Miranda, que inundam a região sazonalmente, criando um ecossistema aquático extraordinário.

O Pantanal é conhecido por sua biodiversidade e abriga grande parte da variedade de fauna e flora brasileira. A fauna tem influência de outros grandes biomas brasileiros, como a Floresta Amazônica, o Cerrado, a Mata Atlântica e a Caatinga,

<sup>11</sup> As informações apresentadas nesta subseção estão disponíveis nos *sites* Brasil Escola, Revista Exame e Ministério do Meio Ambiente: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-pantanal.htm>; <https://exame.com/esg/pantanal-conheca-suas-caracteristicas-e-curiosidades/> e <https://antigo.mma.gov.br/biomas/pantanal.html>, respectivamente. Acesso em: 24 jul. 2024.

assim no Pantanal são encontrados quase todos os animais presentes no Brasil, destacando-se a onça-pintada, que é símbolo da preservação desse ecossistema. Já em relação à flora do Pantanal, a vegetação é diversificada, sendo classificada em diferentes tipos, a depender do solo, do nível da água, e da altitude.

O clima é tropical, com duas estações bem distintas, a estação seca e a da chuva. O inverno seco geralmente ocorre entre os meses de abril e setembro, que, com a ausência de chuva, fazem as águas recuarem, permitindo que a vasta vegetação apareça e favorecendo o turismo nessa época. Já o verão chuvoso, que acontece entre outubro e março, é marcado por chuvas intensas, o que favorece a inundação e evidencia as extensas planícies alagadas.

## 2.2 A SÓCIO-HISTÓRIA DO PANTANAL

O Pantanal foi uma região habitada por povos indígenas muito antes da chegada dos europeus. Esses povos, como os Guató, Tupi-Guarani, entre outros, desenvolveram modos de vida adaptados ao ambiente pantaneiro, baseados na pesca, caça em áreas mais baixas e a agricultura em regiões mais altas.

Muitos povos indígenas se estabeleceram na região. Nas terras altas (serras, morros isolados, terraços fluviais etc.), havia aldeias de povos linguisticamente aruák e guarani. Nas terras baixas (áreas inundáveis), era marcante a presença de povos canoeiros, como os guatós, os guasarapos e os payaguás, dentre outros. Nessa época, o Pantanal já era uma área de grande diversidade étnica e cultural, com dezenas de povos cultural e linguisticamente distintos, falantes de línguas vinculadas às famílias linguísticas aruák, guaikuru, guató, jê e zamuco (Oliveira, 2014, p. 25).

A colonização europeia na região começou no século XVI, com a chegada dos espanhóis e portugueses, que visavam à exploração econômica do Pantanal, inicialmente ligada à procura por metais preciosos, como o ouro. Esse fato acabou dizimando várias populações indígenas:

A chegada dos espanhóis e portugueses à região foi desastrosa para essas populações indígenas, levando vários desses à extinção, seja pelo uso das armas, seja pela aculturação, ou então pela transmissão de doenças para as quais esses povos não tinham defesas naturais. Os indígenas e suas terras no Pantanal foram vistas como objeto de conquista e apropriação por esses colonizadores, que buscavam riquezas materiais e conquistar novas almas para o cristianismo, além

de buscar escravos para trabalharem nas atividades que realizavam na região, notadamente a mineração de ouro (Silva; Ferreira, 2022, p. 3)

Mas foi com a pecuária, a partir do século XVIII, que a região se desenvolveu e recebeu um grande fluxo de ocupação:

A ocupação das fazendas no Pantanal para a pecuária ocorreu principalmente entre 1830 e 1840, por meio de duas frentes, uma vinda de Cuiabá e cidades do norte do Mato Grosso, que se estabeleceram nas bacias dos rios Miranda e Aquidauana, e outra vinda de Cáceres, Livramento e Poconé, que ocuparam a região da Nhecolândia, entre os rios Taquari e Negro. Essa atividade influenciou fortemente a cultura regional, além de contribuir para a consolidação de algumas cidades, como é o caso de Corumbá (Silva; Ferreira, 2022, p. 4)

Assim, a formação populacional do Pantanal é resultado, principalmente, de uma mistura dos povos originários indígenas, dos europeus e de africanos escravizados, de maneira que

A identidade e a cultura do homem pantaneiro são oriundas de uma mistura de povos formados a partir de uma relação de índios, que foram os primeiros habitantes do local; os bandeirantes que povoaram a região em seguida; e ainda com outros povos que vieram em busca do ouro na região de Poconé (Nascimento; Costa; Barros, 2023, p. 700).

Com o passar do tempo, motivados pelo fortalecimento das atividades pecuárias, povos de outras localidades do país também começaram a ocupar essa região, como descrevem Silva e Ferreira:

Os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que incluem o Pantanal, foram separados em 1977, e a partir disso, a pecuária foi gradualmente se transformando numa atividade empresarial, principalmente nas fazendas localizadas nas partes mais altas, com a substituição dos campos nativos por pastagem plantada, além de haver um incremento no turismo e na pesca esportiva. As cidades passaram a receber contingentes populacionais vindos das fazendas pantaneiras que passavam por mudanças e de outras regiões (Silva; Ferreira, 2022, p. 5).

Atualmente, a população tornou-se diversificada, sendo formada por fazendeiros, peões, pescadores, ribeirinhos e comunidades indígenas. Alencar (2016, p. 215) destaca que “o pantaneiro, morador típico do Pantanal, além de representar a

presença humana no ambiente, também auxilia na sobrevivência do próprio ecossistema”. Ao falar do pantaneiro, a autora refere-se à figura do peão, nome dado ao trabalhador rural que presta serviços a um fazendeiro: “O peão pantaneiro é produto da criação dos grandes latifúndios e do povoamento da fronteira oeste” (Alencar, 2016, p. 215).

Nogueira (2002) analisa como o homem pantaneiro está intimamente ligado com a natureza do Pantanal:

[...] o distanciamento dos núcleos urbanos; o relativo isolamento, agravado pelas deficiências das vias de acesso a muitas fazendas; a vizinhança com dois países latino-americanos, o Paraguai e a Bolívia; a situação de oposição dos elementos, que mantêm o equilíbrio, através dos contrastes, como: contraste natural entre as grandes enchentes e os prolongados estios; contraste socioeconômico entre o patrão e o peão; contraste demográfico entre os pequenos aglomerados em torno das sedes das fazendas e o vazio das léguas desabitadas (Nogueira, 2002, p. 20).

Em termos populacionais, segundo dados do *site* Mídia Ninja<sup>12</sup>, a região é composta por “três terras indígenas (2 Bororo e 1 Guató), 5 comunidades quilombolas, 13 comunidades ribeirinhas, em média 40 comunidades pantaneiras, 12 comunidades de agricultores familiares, entre outros”, totalizando uma população estimada em 3 milhões de habitantes.

A diversidade étnica e cultural estabelecida na região onde se encontra o Pantanal reflete-se, conseqüentemente, na diversidade linguística, tópico sobre o qual nos debruçamos na próxima subseção, com base em algumas pesquisas referentes à(s) variedade(s) linguística(s) utilizadas nesse espaço. Esses dados serão considerados na contextualização dos recortes de falas presentes na telenovela, destacando-se as características em comum que forem registradas.

### 2.3 VARIEDADE(S) LINGUÍSTICA(S) DA REGIÃO DO PANTANAL: O QUE DIZEM AS PESQUISAS

A região pantaneira, como outras localidades do Brasil, apresenta uma variedade linguística que reflete as influências culturais e históricas de seus habitantes ao longo do tempo. A população do Pantanal é composta por diversos grupos étnicos,

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://midianinja.org/news/historias-do-pantanal/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

incluindo povos indígenas, comunidades tradicionais, imigrantes e descendentes de colonizadores. Além dessa formação populacional, outro fator que contribui para a diversidade linguística é o contato com outra língua, como o espanhol, devido ao Pantanal se localizar em uma região de fronteira com a Bolívia e o Paraguai. Essa mistura de culturas se reflete na formação linguística da região e acaba gerando variação linguística.

Isquierdo e Oliveira (2001) discutem como as variedades linguísticas faladas em uma localidade estão intimamente ligadas a sua formação histórica e populacional:

Partindo-se do princípio de que a história da língua acompanha a marcha da história do povo que a fala, discutir a língua falada por um grupo de falantes implica considerar contingências históricas e culturais relacionadas a esse grupo. Em razão de a língua funcionar como forma de manifestação de identidade do falante, condicionantes de natureza sócio-histórico-cultural e físico-geográfica podem explicar a presença de variedades na manifestação de uma língua. Nessa perspectiva, a multiplicidade de processos de migração e imigração que marcaram a história das várias regiões brasileiras podem explicar as especificidades culturais que se refletem nos vários segmentos da vida social, provocando formas diferenciadas de perceber e representar a realidade através das diferentes formas de linguagem (Isquierdo; Oliveira, 2001, [s.p.]).

É importante lembrar que o Pantanal se espalha por dois estados brasileiros, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e não ocupa todo o território desses dois estados. Os estudos que temos disponíveis geralmente se referem à variação linguística de um ou de outro desses estados. Poucos se referem especificamente ao Pantanal. Podemos citar as pesquisas de Oliveira (2006) e Castro (2013) referentes ao Mato Grosso do Sul, e de Cox (2009), Campos (2014), Silva (2020) e Nascimento, Costa e Barros (2023) sobre o Mato Grosso. Da região do Pantanal particularmente, encontramos a pesquisa de Pezarino *et al.* (2022), que apresenta a influência dos colonizadores e costumes culturais da vida e lida com a natureza e o trabalho no campo na formação lexical e linguística do Pantanal, evidenciando o falar caipira existente nesse contexto geográfico.

Alencar (2016), ao buscar evidenciar como o item lexical *pantaneiro* possui significados que revelam o vínculo entre o homem e a localidade, considerando as relações de trabalho e o sentimento de pertença à região do Pantanal, descreve da seguinte maneira essa relação:

Tradicionalmente, os pantaneiros permaneceram em contato com a lida do campo, voltada essencialmente para as tradições da pecuária de corte. Porém, ao tratarmos do homem pantaneiro e de sua linguagem, precisamos considerar o contexto sócio-histórico em que esse homem está inserido, como o isolamento dos centros urbanos, o baixo nível de escolaridade, a vivência com um universo predominante do sexo masculino, o contato intenso com o ambiente rural, alguns com menor mobilidade e outros transitando entre as fazendas da região (Alencar, 2016, p. 215).

Essa autora entende que essa simbiose entre o pantaneiro típico e a localidade se reflete na peculiaridade do falar do homem simples, aquele que vive na lida com o gado e com o campo, aquele que tem hábitos e alimentação peculiares, enfim, aquele que “nomina, de forma original, a realidade que o circunda, uma realidade formada, ora pela lida do gado, ora pelas verdes pastagens, ora coberta por água” (Alencar, 2016, p. 225).

Oliveira (2006), em seu estudo do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul, afirma:

Há pelo menos três razões muito fortes para a descrição da realidade sul-mato-grossense: a) as migrações: a aventura, a baixa densidade populacional, a terra fácil fizeram que para cá viessem mineiros, paulistas, goianos, principalmente, voltados para a pecuária e com isso abrindo fazendas e criando gado. Numa segunda circunstância, os paranaenses e gaúchos para o cultivo da terra. Necessário é acrescentar, ainda, pernambucanos, baianos e alagoanos, em sua maioria, na luta pela sobrevivência, dispostos a desenvolver quaisquer atividades; b) os nativos: a população indígena, segunda do país, com mais de 50.000 pessoas; e c) as regiões fronteiriças: marcadas pelo espaço e pelos seus habitantes com sérias interferências na linguagem das regiões. São frequentes as ações comerciais e culturais dos paraguaios e bolivianos, além das relações empregatícias nas fazendas dos Pantanaís (Oliveira, 2006, p. 172).

Entre os povos indígenas que habitam o Pantanal, diversas línguas são faladas, incluindo o Kadiwéu, o Terena, o Guarani-Kaiowá e o Guató. Cada uma dessas línguas possui sua tradição cultural e está ligada à relação dessas comunidades com a natureza, refletindo saberes e práticas ancestrais relacionadas à pesca, caça e outros<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Disponível no *site* Observatório do Pantanal: <https://observatoriopantanal.org/noticias/os-povos-indigenas-do-pantanal>. Acesso em: 2 abr. 2024.

Portanto, é possível considerar que o português falado na região incorpora alguns elementos, expressões e influências das línguas indígenas e de outras variedades linguísticas encontradas naquela localidade, resultando em novos dialetos e sotaques e construindo uma identidade linguística específica do Pantanal.

De acordo com Nascimento, Costa e Barros (2023, p. 695):

[...] o Pantanal é um contexto sociocultural especial, caracterizado por sua rica biodiversidade e pelo estilo de vida ligado às atividades rurais. A fala do homem pantaneiro reflete a sua cultura e a sua identidade. O modo de vida pantaneiro, com suas interações com o meio ambiente, influencia profundamente a forma como os falantes pantaneiros se comunicam. Atividades como o trabalho com gado, a criação de animais e a lida diária no campo estão representadas na linguagem utilizada por esses sujeitos (Nascimento; Costa; Barros, 2023, p. 695).

Devido às características pontuadas anteriormente, referentes aos movimentos migratórios, à colonização e ao estilo de vida voltado às atividades rurais na região onde se localiza o Pantanal, observamos um multilinguismo instalado nesse território. No que se refere ao Mato Grosso, Silva (2020) comenta:

A política de povoamento em prol do desenvolvimento de Mato Grosso, que desencadeou neste Estado movimentos populacionais em que Mato Grosso passou a ser alvo de uma intensa imigração, repercutiu diretamente no sistema linguístico da região, levando ao multilinguismo (Silva, 2020, p. 76).

Campos (2014) *apud* Silva (2020) traz um panorama do dialeto matogrossense, sugerindo os seguintes aspectos, com exemplos:

- 1) Realização variável da concordância de gênero: “Vou lá no mamãe”; “Minha vó inda é vivo”; “Banana frito na manteiga”;
- 2) Ausência de artigo em certas construções sintáticas: “[Ø] Mãe dele foi embora pra Goiânia”; “[Ø] Cachorro mordeu [Ø] criança duro na perna”;
- 3) Traços fonético-fonológicos específicos relacionados às vogais e aos ditongos;
- 4) Traços específicos do sistema de consoantes.

Quanto aos dados fonéticos-fonológicos, ressaltamos que não são foco de nosso estudo, mas interessam na medida em que podem facilitar o entendimento dos contextos de fala do *corpus*, já que alguns traços podem ser identificados nas falas

das personagens. O Quadro 5, a seguir, apresenta os dados fonético-fonológicos sistematizados por Silva (2020).

**Quadro 5 – Traços fonético-fonológicos do falar matogrossense**

OCORRÊNCIA	EXEMPLOS
<b>Vogais orais tônicas</b>	
[a] > [a:] alongamento da vogal tônica	<i>acre</i> [a : kri], <i>molhado</i> [moʎa: du], <i>entrar</i> [ĩtra:]
[a] > [ɛ] elevação de <i>a</i> para <i>é</i>	<i>relo</i> [rɛlu] em vez de <i>ralo</i> , <i>teipa</i> [teipa] em vez de <i>taipa</i>
Realização de <i>e</i> fechadoônico antes de consoante palatal [e]	<i>mês</i> [meʃ], <i>fez</i> [feʃ]
[e] > [ɛ] alteração de <i>e</i> para <i>é</i>	<i>mexo</i> [mɛʃu], <i>bebo</i> [bɛbu]
[ɛ] > [i] elevação de <i>é</i> para <i>i</i>	<i>sigue</i> [sigi] em vez de <i>segue</i> .
<b>Vogais nasaladas tônicas</b>	
[ẽ] > [a:] alongamento e desnasalação da vogal	<i>câmera</i> [ka:mera], <i>cantando</i> [kẽta:nu]  Obs.: Muitos falantes tendem ao alongamento mantendo o timbre aberto da vogal e neutralizando sua nasalidade.
[ẽ] > [ĩ] elevação de <i>e</i> para <i>i</i> nasalados	Exemplos: <i>sinte</i> [sĩti] em vez de <i>sente</i> , <i>desminte</i> [dĩmĩti] em vez de <i>desmente</i>
[ẽ] > [ɛj] ditongação	<i>ninguém</i> [nĩgẽj], <i>também</i> [tɔbẽj], <i>engenho</i> [ɛdʒɛjɲu]  Obs.: O <i>e</i> em posição final seguido de consoante nasal torna-se ditongo nasal decrescente, com o surgimento do assilábico [j].
[õ] > [ũ] elevação do <i>o</i> para <i>u</i> nasalados	<i>monta</i> [mũta], <i>como</i> [kũmu]
<b>Vogais orais átonas</b>	
[e] > [i] elevação de <i>e</i> para <i>i</i> (em posição pretônica, em posição final e em monossílabos átonos)	<i>serviço</i> [siʎvisu], <i>cearense</i> [siarẽsu], <i>dezesseis</i> [dizeseʃ], <i>doze</i> [dozi], <i>gente</i> [dʒɛti]
[e] > [u]/[o] alteração de <i>e</i> para <i>u/o</i>	<i>semana</i> [sumẽna]
[e] > [ĩ] elevação de <i>e</i> oral para <i>i</i> nasalado	<i>existe</i> [ĩzisti], <i>exemplo</i> [ĩzẽpu]  Obs.: Alteração comum em posição inicial, principalmente se a vogal oral estiver seguida pela fricativa /z/.
[i] > [e] alteração de <i>i</i> para <i>e</i> (em sílaba pretônica com <i>i</i> inicial ou <i>i</i> medial)	<i>irmão</i> [eʎmẽw] em vez de <i>irmão</i> [eʎmõ], <i>deversão</i> [devɛʎfẽw] em vez de <i>diversão</i>

[o] > [u] elevação de o para u	<i>dormir</i> [duɾmi], <i>bonita</i> [bunita], <i>começo</i> [kumesu]
[u] > [uj] ditongação	<i>escutei</i> [iʃkujtej] em vez de <i>escutei</i> .
<b>Vogais nasaladas átonas</b>	
[ũ] > [ĩ] alteração de u para i nasalados	<i>umbiguinho</i> [ĩbigĩ].
<b>Ditongos decrescentes orais e nasais</b>	
[aj] > [a] redução de ditongo	<i>mais</i> [ma], <i>baixo</i> [batʃu], <i>caixão</i> [katʃõw]
[aj] > [ej] alteração de ai para éi	<i>raiva</i> [rɛjva]
[aw] > [o] redução de au para o (quando au se encontra em posição átona)	<i> aumentando </i> [omêtɛ̃n]/[omêtadu], <i> aumentou </i> [omêto]
[ej] > [e] redução de ditongo	<i>dezesseis</i> [dizesej], <i>deixava</i> [dejav], <i>peixe</i> [petʃi], <i>solteiro</i> [so.ɫteru], <i>primeiro</i> [primeru]
[êj] > [i] desnasalação e redução de êi para i	<i>vargem</i> [vaɾdʒi], <i>coragem</i> [koradʒi], <i>ontem</i> [õti], <i>homem</i> [õmi], <i>viagem</i> [viadʒi]  Obs.: Em posição final, a vogal e seguida de consoante nasal, em vez de realizar-se como ditongo nasal [êj], perde a nasalidade e reduz-se a [i].
[ow] > [o] redução de ditongo	<i>trouxe</i> [troʃi], <i>outra</i> [otra], <i>couro</i> [koru], <i>pouco</i> [poku], <i>ficou</i> [fiko], <i>soube</i> [sobi]
Conservação, variação e redução do ditongo [ẽw] (no falar cuiabano, ele se apresenta das seguintes formas: [ɛw], [õw], [õ], [ê], [u], [u])	a) Conservação do ditongo [ẽw]: <i>então</i> [ĩtẽw], <i>lampião</i> [lẽpiẽw]; b) Conservação do ditongo, mas realização como [õw]: <i>valentão</i> [valêtõw], <i>estão</i> [iʃtõw], <i>chão</i> [tʃõw]; c) Redução do ditongo para [õ]: Exemplo: <i>chegavam</i> [ʃegavõ], <i>então</i> [itõ], <i>criação</i> [kriasõ], <i>fazção</i> [fazesõ], <i>queriam</i> [kiriõ], <i>gravação</i> [gravasõ], <i>reunião</i> [riuniõ], <i>chapadão</i> [tʃapadõ], <i>João</i> [dʒõ], <i>brigam</i> [brigõ], <i>mão</i> [mõ]. d) Redução do ditongo para [ê]: <i>falam</i> [falê], <i>não</i> [nê], <i>gravação</i> [gravasê]; e) Redução do ditongo para [ũ]: <i>não</i> [nũ], <i>estudaram</i> [iʃtudarũ], <i>vieram</i> [vierũ]; f) Redução do ditongo para [o]/[u] <i>brigaram</i> [brigaru], <i>levaram</i> [levaru]
<b>Consoantes</b>	
Alternância de /b/ com /v/, em alguns vocábulos	<i>lavareda</i> [lavareda] ou <i>labareda</i> [labareda]
/m/ (às vezes, essa consoante deixa de ser realizada, restando apenas a nasalação da vogal precedente)	<i>uma</i> [ũa], <i>alguma</i> [a.ɫgũa], <i>numa</i> [nũa]
/ŋ/ (esta consoante costuma aparecer despalatalizada ou iotizada desnasalada)	<i>minha</i> [mia]/[mĩa], <i>historinha</i> [iʃtoɾĩa], <i>tinha</i> [tĩa], <i>senhor</i> [sĩõ], <i>senhora</i> [sĩõ.ɫ], <i>padrinho</i> [padĩu]
/tʃ/ e /dʒ/ (no lugar da surda /tʃ/ e da sonora /dʒ/)	<i>chegar</i> [tʃega], <i>baixo</i> [batʃu], <i>puxa</i> [putʃa], <i>gente</i> [dʒêti], <i>já</i> [dʒa], <i>ajuda</i> [adʒuda]

/l/ - rotacismo (a troca do l por r é um fenômeno bem marcado no falar cuiabano)	<i>assembleia</i> [asẽbrɛja] em vez de <i>assembleia</i> ; <i>pranta</i> [prɔta], em vez de <i>planta</i> .
/r/ (tendência de realizar a vibrante múltipla)	<i>rasgar</i> [raʒga], <i>reunião</i> [riuniõ], <i>carroça</i> [karɔsa], <i>burro</i> [buru]

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Silva (2020)

Várias dessas ocorrências registradas na pesquisa de Silva (2020) também estão presentes nas falas das personagens da telenovela *Pantanal*, como, por exemplo:

- a) realização de e fechado tônico antes de consoante palatal, pelos peões da fazenda: *feiz* (fez), *ocêis* (ocês);
- b) elevação do o para u nasalados: *cumê* (comer), *cunversá* (conversar);
- c) elevação de e para i: *dimais* (demais), *genti* (gente), *carni* (carne);
- d) alteração de ai para éi (muito frequente na fala da personagem Juma): *reiva* (raiva).

Outra pesquisa encontrada referente à variedade linguística pantaneira aborda especificamente o falar cuiabano. Cox (2009) apresenta alguns aspectos estudados sobre essa variedade, primeiro em sua origem histórica, que explica a formação dialetal dessa localidade a partir do contato do falar caipira, do português arcaico, trazido pelos imigrantes bandeirantes do século XVIII, com as línguas indígenas nativas e a formação linguística-cultural crioula ou semicrioula, com os escravos que eram enviados a esse espaço:

O falar cuiabano seria fruto ou de uma situação de isolamento que teria favorecido a conservação de traços de português antigo que chegaram à região via dialeto caipira, ou de um processo de criouliização em que as gramáticas do português, das línguas indígenas faladas pelas nações que habitavam a região e das línguas africanas trazidas pelos escravos teriam se misturado (Cox, 2009, p. 78).

Cox (2009) destaca, em seu estudo, os principais indicadores dialetais em nível fonético-fonológico e morfossintático. Com relação aos aspectos fonológicos envolvendo as consoantes, a autora apresenta os seguintes fenômenos: “a realização das fricativas palatais [j] e [ʒ] como as africadas [tʃ] e [dʒ], respectivamente”; “não se realizam como africadas as consoantes oclusivas dentais [t] e [d] antes da vogal anterior alta [i]”; “ocorre também a palatalização da consoante fricativa alveolar [s] na

posição de travamento de sílaba”; “a eliminação da semivogal anterior [j] antecedendo a consoante palatal [ʃ] em sílaba final, é um indicador da fala cuiabana” (Cox, 2009, p. 79). Outro fenômeno com forte presença nessa região é o rotacismo, que é quando se registra o som de [r] no lugar de [l] – como no caso de *arguém* (*alguém*), registrado em nosso *corpus* de pesquisa –, comumente estigmatizado em outras localidades brasileiras, mas não nessa região:

Em outras regiões brasileiras, pela sua associação com ruralidade, oralidade e analfabetismo, é um traço estigmatizado e timbrado com a pecha de caipirismo, é um marcador social, por assim dizer. Entretanto, na região da Baixada Cuiabana, é um indicador linguístico, pois reúne, indistintamente, falantes das zonas rural e urbana, pouco ou muito escolarizados e letrados, e ocorre em contextos de interação mais ou menos formais (Cox, 2009, p. 79).

Esclarecemos que os conceitos de marcador social e indicador linguístico, mencionados na citação anterior, referem-se à avaliação social sobre o falar do outro. Labov (2008) trata de três categorias: os estereótipos, traços linguísticos socialmente marcados de forma consciente pelos falantes (socialmente rotulados); os marcadores, traços linguísticos sociais e estilísticos e que são alvo de julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o falante; e os indicadores, traços linguísticos que refletem a variação social (idade, grupo social), mas não são sujeitos à variação estilística e não são alvo de julgamento do ouvinte quanto ao *status* social do falante.

Voltando à discussão das características do falar matogrossense (mais especificamente, o cuiabano), Cox (2009) destaca, com relação às vogais, dois fenômenos de articulação nasal. O primeiro é “o timbre da vogal baixa central [a] em contexto de nasalização [...], com uma nasalização mais tênue e sem elevação, à maneira do espanhol” (Cox, 2009, p. 80), diferentemente de outras variedades, que tendem a elevar a vogal durante o processo de nasalização. E o segundo diz respeito à pronúncia do ditongo nasal *ão*, que está “sujeito a um processo de homorganização entre vogal e semivogal (a vogal [a] se torna posterior, média e arredondada, assimilando propriedades articulatórias de [w]) que culmina com a monotongação do ditongo” (Cox, 2009, p. 80).

No nível morfossintático, Cox (2009) estabelece que um traço característico é a não aplicação categórica da regra de concordância de gênero na locução nominal, na relação sujeito-predicativo e na anáfora pronominal. Também nesse quesito, nota-

se a ausência de artigo definido em sintagmas nominais, além da utilização de expressões que têm seu sentido como algo característico desse espaço em específico, como o caso de *no* (junção da preposição *em* + artigo *o*) antes de nome próprio para dizer “ir na casa de” e do marcador conversacional *diz que*.

Numa pesquisa específica sobre o falar sul-matogrossense, Castro (2013) destaca o “r” caipira<sup>14</sup> encontrado no estado como sendo o predominante em toda a região. Ela pontua que isso ocorre devido à colonização histórica da localidade:

Os dados do ALMS analisados mostraram, de forma consistente, que o “r caipira” tem presença marcante no Mato Grosso do Sul. Foi atestado em todas as localidades investigadas, como variante exclusiva ou nitidamente predominante. É um sinal evidente da influência do dialeto caipira na região, historicamente explicada pela atuação dos bandeirantes paulistas no povoamento desse território (Castro, 2013, p. 573).

Para esse estudo, a autora utilizou como base o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul, organizado por Aparecida Negri Isquerdo e Derci Pedro de Oliveira, que apresenta 32 pontos de coleta de dados distribuídos em cinco macrorregiões das cidades de Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Dourados e Três Lagoas. Com os dados analisados, foram constatados os seguintes aspectos:

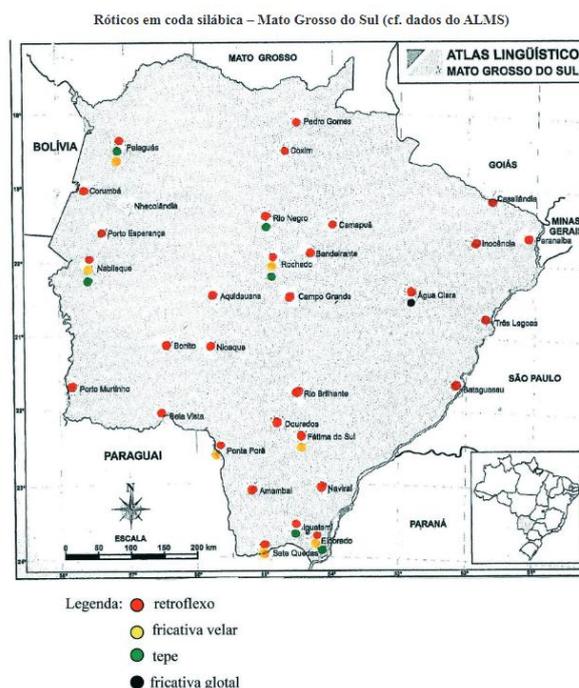
a) – o “r caipira” foi documentado em todas as localidades investigadas; b) – é a única variante atestada em 21 das 31 localidades investigadas, inclusive na Capital, que, em geral, fornece o modelo para o uso linguístico nas demais localidades; c) – essas 21 localidades em que só foi atestado o “r caipira” no contexto em questão se distribuem por praticamente todo o Estado; d) – nas localidades em que se registram outros róticos (o tepe, a fricativa velar e a fricativa glotal), o retroflexo é sempre a realização predominante, ocorrendo em índices que variam de 68% a 97%, enquanto as outras variantes ocorrem em índices muito inferiores, que vão de 3% a 18% (mais precisamente: a fricativa velar, de 7% a 17%; o tepe, de 3% a 18%; a fricativa glotal, em 10%) (Castro, 2013, p. 571).

Na imagem, a seguir, Castro (2013) mostra os registros encontrados em cada localidade:

---

<sup>14</sup> O “r” caipira é caracterizado com o som consonantal do “r” retroflexo, que ocorre quando, na pronúncia, a língua se posiciona para trás, em posição retroflexa.

**Figura 2 – Realização dos róticos no estado do Mato Grosso do Sul**



Fonte: Castro (2023)

Esse fenômeno do retroflexo também é encontrado na fala de algumas personagens de *Pantanal*, como apresentado nos exemplos a seguir:

- (14) Juma: *É melhoR ocêis não inventá de voRtá.*
- (15) José Leôncio: *Tudo isso que cê tava vendo é fruto de mais trinta ano de seRviço e muito suoR, Tibério.*
- (16) Filó: *Ocê tem que tê caRma, ocê tem que tentá, ele é seu fio.*

Como os exemplos acima citados são retirados da telenovela *Pantanal*, corpus de nossa pesquisa, discutimos, na próxima subseção, o gênero telenovela.

## 2.4 DADOS SOBRE A TELENÓVELA *PANTANAL*

Antes de adentrarmos aos elementos da telenovela *Pantanal* que interessam a esta pesquisa, vamos nos deter um pouco sobre o gênero telenovela. Sendo um dos produtos mais populares da televisão brasileira, a telenovela é um subgênero derivado do gênero literário telenovela, que é uma “[...] forma narrativa, popular e produzida pela indústria cultural” (Costa, 2000, p. 133). Mas, diferentemente de outras formas

narrativas, como o romance e as peças teatrais, por exemplo, a telenovela é algo ficcional que não é literatura e que “pode surgir da adaptação de um livro ou mesmo ser inspirada em poema, mas nunca se confundirá com eles” (Calza, 1996 *apud* Corrêa-Rosado, 2022, p. 7).

Se as telenovelas, em sua origem, retratavam histórias melodramáticas e românticas, recentemente, passaram a buscar e retratar histórias mais realistas e socialmente relevantes, que apresentem temas atuais e que reflitam as questões sociais e políticas do momento. Temas como xenofobia, racismo, homofobia, desigualdade social, corrupção, problemas mentais, perigos da internet, violência doméstica e outros, têm sido abordados com mais frequência nas tramas, buscando gerar debates e reflexões na sociedade.

No Brasil, a telenovela surgiu em meados dos anos 50 e, ao longo de décadas, esse formato de dramaturgia passou por diversas mudanças e evoluções, reinventando-se para se adaptar às mudanças sociais, à revolução tecnológica e às necessidades do público (Távola, 1996). A telenovela retrata particularidades que estão presentes, direta ou indiretamente, na vida da maioria dos brasileiros, possibilitando o público de se enxergar na obra e fazer suas reflexões e análises ao comparar o que é representado consigo mesmo, em seus valores e crenças, como ocorre em narrativas de qualquer gênero.

A narrativa não funciona somente como intermediário entre nós e o mundo. Ela é também mediadora entre nós e nós mesmos, entre aquilo que em nós é consciência, razão, controle, e aquilo que é sentimento, inconsciente, impulso. A narrativa nos aproxima daquilo que não sabemos (Colasanti, 2004, p. 213).

Por meio das telenovelas, vemos diferentes formas de representação cultural que, quando são transmitidas à população, podem influenciar suas concepções e a maneira como as pessoas se enxergam e compreendem o mundo. Dessa forma, a telenovela, como produto da imprensa televisiva de massa, contribui para a formação do sentimento de pertencimento e de identidade cultural, mas, também, pode reforçar estereótipos e preconceitos. Barbero (1997) afirma:

Embora massificada, a imprensa sempre refletiu diferenças culturais e políticas, e isto não somente graças à necessidade de ‘distinção’, mas também por corresponder ao modelo liberal em sua busca de

expressão para a pluralidade que compõe a sociedade civil (1997, p. 250).

Nessa perspectiva, a telenovela, como meio popular de grande penetração social, evidencia características ficcionais que remetem à realidade, por meio de representações dramáticas que despertam o interesse das pessoas com uma linguagem de fácil acesso, buscando intimidade com o telespectador, podendo, dessa maneira, gerar a compreensão e reflexão das mensagens ali transmitidas. Se outros produtos televisivos, como jornais e programas, passam mensagens de uma maneira mais massiva, com uma linguagem mais técnica, as telenovelas têm a seu favor a proximidade com o público, pois, na maioria das vezes, a forma como seu conteúdo é retratado nas histórias é próxima à realidade de quem assiste à telenovela, permitindo ao telespectador se enxergar na trama.

A identificação se dá através das características, tanto afetivas quanto físicas, presentes nas personagens que o público leva a sua própria vida. A projeção ocorre mediante aquelas ações menos possíveis de serem realizadas socialmente. Ao se projetarem os indivíduos aliviam as suas tensões diante de uma história narrada pela indústria cultural (Morin, 1981, p. 78).

No Brasil, bem como no restante da América Latina, as telenovelas têm forte presença no cotidiano das pessoas, formando uma identidade cultural muito característica dos latino-americanos, pois apresentam nas tramas assuntos com os quais os telespectadores se identificam, temáticas sociais que na maioria das vezes estão presentes na realidade das famílias, segundo afirma Barbero (1997). Também é notável a identificação do público com as personagens.

O processo de identificação ocorre quando o espectador assume o ponto de vista da pessoa ou da personagem, tomando-o para si como um reflexo de sua situação de vida. Já a projeção acontece quando o espectador projeta seus sentimentos sobre o sujeito ou personagem televisivo, amando aqueles que o outro ama, odiando da mesma forma que o outro odeia e assim por diante. Esses processos de identificação e de transferência referem-se a níveis muitas vezes inconscientes do espectador. Anteriormente, as projeções davam-se com deuses e heróis, com seus poderes sobre humanos. Hoje, os heróis pertencem à indústria cultural, são as estrelas do cinema e das novelas, os ídolos do esporte e da música. Podemos projetar no ídolo da televisão não só nossos desejos, mas também, sobretudo, nossos medos, tristezas, incertezas e, principalmente, aquilo que não temos coragem de viver,

ou não temos condições de fazer (Ormezzano, 2005, p. 3).

Portanto, sempre em constante reinvenção, as telenovelas têm buscado, cada vez mais, utilizar diferentes narrativas e formatos para se aproximar da realidade de seu telespectador.

A telenovela é uma obra ficcional, e assim como as narrativas, apresenta os elementos enredo, personagens, tempo e espaço, entre outros. Destacamos um desses elementos que mais afetam nosso estudo: a personagem, que pode ser plana ou redonda. Segundo Reis (2018), com base em Forster (1927)<sup>15</sup>, a personagem plana é construída em torno de uma única ideia ou qualidade, sendo estática ao longo da trama: “uma vez caracterizada, ela reincide, por vezes com elementos cômicos, nos mesmos gestos e comportamentos, enuncia discursos previsíveis e repete tiques verbais de um modo geral suscetíveis de serem entendidos como marcas da sua identidade” (Reis, 2018, p. 401). Já a personagem redonda “é uma figura com a complexidade e o relevo de uma personalidade bem vincada” (Reis, 2018, p. 402), sendo marcada pela complexidade, enquanto a personagem plana é marcada pela previsibilidade. Contudo, Reis (2018) ressalta que uma personagem pode oscilar entre suas características plana e redonda, o que nos permite assumir que uma personagem pode mudar sua relação com outra personagem específica com quem contracenava, mas permanecer estática em suas características gerais com as demais personagens.

Com relação ao *corpus* desta pesquisa, a telenovela *Pantanal* caracteriza-se por apresentar cenas longas, com extensos diálogos entre as personagens numa mesma cena, e, também, por ter grande parte de suas gravações fora dos estúdios, numa tentativa de retratar adequadamente a realidade – no caso, a natureza e a cultura pantaneira. Essa telenovela traz, ainda, a variação linguística na fala de suas personagens como uma de suas atrações centrais. Mesmo sendo uma obra ficcional e que possa acabar incorporando certos estereótipos, a trama, por meio de sua equipe de produção, está geralmente baseada em um trabalho de pesquisa sobre o local em que é ambientada. Esse processo envolve estudos detalhados do cenário onde a história se desenrola, incluindo as peculiaridades do lugar, os costumes, a língua falada e a forma de interação entre as pessoas, por exemplo. Além disso, os atores comumente recebem acompanhamento especializado em prosódia para adaptar sua

---

<sup>15</sup> Atribui-se a Edward Morgan Forster, em sua obra *Aspects of the novel*, a criação da tipologia para caracterizar personagens em uma narrativa como planas e redondas.

fala ao contexto cultural e regional retratado. Esses elementos buscam assegurar que a obra seja o mais fiel possível à realidade que se propõe representar.

E, também, como dissemos anteriormente, pelo fato de a telenovela ser um gênero televisivo de forte penetração social, a linguagem apresentada na trama, ainda que por vezes possa ser caricata, é um elemento característico de parte de nossa cultura e reflete as complexidades e variações linguísticas encontradas na sociedade, que contribuem para nossa formação identitária e cultural. Mencionamos a pesquisa de Pezarino *et al.* (2022), que afirma que o falar pantaneiro apresentado na telenovela *Pantanal* segue as mesmas características do falado na realidade daquela localidade por levar em consideração as variações diatópica e diastrática.

Infere-se, portanto, que as manifestações linguísticas e culturais da novela evidenciam a identidade dos falantes e revelam que, por mais que eles tenham contato com pessoas da zona urbana, sua essência não muda, mas sim marca o contexto histórico e cultural da região em que vivem. Essas características podem justificar a alta aceitação do público com a trama que é alvo de inúmeros comentários diários, principalmente no que diz respeito aos usos linguísticos, que neste caso, são exemplos das variações diatópica e diastrática (Pezarino *et al.*, 2022, p. 430).

Após esta exposição sobre o gênero telenovela e discussão de como ela constitui uma representação cultural, procedemos, a seguir, à descrição do contexto de produção, do enredo e das personagens da telenovela *Pantanal*. Escrita por Benedito Ruy Barbosa, em 1990, e exibida originalmente pela extinta Rede Manchete, essa telenovela foi um sucesso de audiência na época, chegando a atingir 40 pontos de Ibope<sup>16</sup> durante sua transmissão. Com várias reprises em diferentes emissoras, o folhetim rural fez tanto sucesso que a TV Globo, em 2022, decidiu fazer um *remake*<sup>17</sup>, com adaptação de Bruno Luperi, neto de Benedito.

Quanto ao enredo, a história começa com a personagem Joventino, considerado o maior peão do Pantanal, e seu filho ainda criança, José Leôncio,

---

<sup>16</sup> Ibope é a sigla para Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, que foi uma importante empresa multinacional brasileira do setor de pesquisa de mídia e de mercado, e operou no Brasil entre 1942 e 2021. Disponível em: <https://www.portalinsights.com.br/perguntas-frequentes/o-que-significa-ibope-em-portugues>. Acesso em: 4 ago. 2024.

<sup>17</sup> O termo *remake* é geralmente usado em referência a um filme ou série que usa uma obra anterior como fonte principal. Trata-se de uma refilmagem, mas que pode sofrer pequenas mudanças ou atualizações no roteiro. Muitas vezes, um *remake* é feito para uma nova audiência com um novo elenco, mas contando a mesma história. Informação disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/qual-a-diferenca-entre-remake-e-reboot/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

trabalhando nas comitivas de gado pela região pantaneira. Com a passagem de alguns anos, José Leôncio se torna adulto e, junto a seu pai, compra uma fazenda no Pantanal. Pouco tempo depois, Joventino sai a cavalo para uma caçada e acaba desaparecendo na mata sem deixar rastros. A partir de então, seu filho começa uma busca que perdura ao longo de toda a trama.

Passados alguns anos, José Leôncio viaja para o Rio de Janeiro com o intuito de fazer alguns negócios comerciais para sua fazenda e acaba conhecendo Madeleine, uma carioca de família tradicional. O encontro se tornou um romance repentino. Após uma rápida relação, eles se casam e vão para o Pantanal. Juntos, eles têm um filho, que, em homenagem ao avô paterno, recebe o nome de Jove. O tempo passa e Madeleine não se adapta à vida do campo como esposa de peão. Com saudades da família e sua vida no Rio de Janeiro, decide fugir com Jove, ainda bebê, de volta para a casa de sua família.

Crescido no Rio de Janeiro e sendo criado pela mãe e sua família, Jove, já adulto, ainda acredita que seu pai havia morrido, condição que perdura até antes da morte de seu avô materno, que revela toda a verdade para o rapaz. Com a descoberta, Jove decide ir atrás do pai no Pantanal. Chegando à terra de seu pai, durante o reencontro, ele é recebido com uma grande festa, mas logo se evidenciam as diferenças de costumes entre Jove e José Leôncio. Mesmo com os inúmeros conflitos culturais entre eles, Jove passa um tempo na casa de seu pai para conhecer um pouco mais o local. E é nesse mesmo período que Jove conhece Juma Marruá, uma menina considerada selvagem, que mora em uma tapera abandonada próxima à fazenda, e eles se apaixonam à primeira vista. Essa paixão vira peça central do enredo e é protegida pela personagem Velho do Rio, que é o Joventino, avô de Jove, que, após desaparecer, tornou-se uma entidade da natureza.

Com o desenrolar da história, novas personagens entram para dar continuidade, principalmente, ao eixo central da trama, em torno dos protagonistas José Leôncio, Jove e Juma Marruá. Ou seja, além da história e dos protagonistas mencionados, a trama traz outras personagens fundamentais para a construção da telenovela, as quais carregam marcas culturais, linguísticas, comportamentais e caricatas que chamam atenção do público, como é o caso das personagens Velho do Rio, Filó, Tadeu, Muda, Tibério, Tenório, Maria Bruaca, Alcides, Trindade e Eugênio.

Apresentamos, a seguir, uma descrição das personagens mais representativas, para possibilitar entender as inter-relações entre elas no decorrer da telenovela.

- a) Joventino: um homem simples, que sempre viveu como peão, trabalhando em comitivas de condução do gado. Ele é o pai de José Leôncio. Essa personagem participou apenas das primeiras cenas da telenovela.
- b) José Leôncio (Zé Leôncio): personagem retratada em duas fases – na primeira, ainda jovem, trabalhando com seu pai, e na segunda, já adulto, sendo o poderoso fazendeiro do Pantanal, com a denominação de “O rei do gado”. Zé Leôncio é pai de Jove e José Lucas de Nada, que aparece na trama no decorrer da história. Foi casado com Madeleine, mas sempre cultivou um amor por sua governanta Filó. A relação deles era tão próxima que José Leôncio apadrinhou Tadeu, o filho dela. A personagem é caracterizada com um temperamento forte, que enfrenta muitos conflitos com os costumes de seu filho, que são diferentes de seu modo de pensar.
- c) Jove: filho de José Leôncio e Madeleine, essa personagem é o par romântico de Juma. Criado no Rio de Janeiro, ele é avesso à vida do campo, dilema que causa diversos embates entre ele, seu pai e os peões da fazenda devido a seus pensamentos não conservadores. O rapaz é quem ajuda Juma a se socializar, ensinando-a a ler e escrever e repassando-lhe regras de etiqueta.
- d) Juma Marruá: umas das personagens principais da telenovela, ela é caracterizada como uma mulher rude, sem convívio social, a menina que vira onça quando está com “reiva”, isto é, quando fica furiosa. Juma é a grande paixão de Jove, que, na medida do possível, leva-a a mudar seus instintos selvagens.
- e) Velho do Rio: essa personagem é um ser místico responsável por proteger a natureza pantaneira e, segundo a proposta do realismo fantástico presente na trama, é a reencarnação da personagem Joventino, pai de José Leôncio. A entidade é quem se tornou responsável por criar e proteger Juma Marruá, após a morte de seus pais. Ainda, ele tem a missão de resguardar o amor de Juma com Jove, seu neto.
- f) Filó: fiel companheira de José Leôncio e mãe de Tadeu, essa personagem sempre teve um amor não correspondido por José Leôncio. Filó trabalhou como governanta da casa até finalmente se casar com seu amor.
- g) Tadeu: filho de Filó e afilhado de José Leôncio, é caracterizado como um peão da fazenda e sem escolaridade. Embora na telenovela não tenha ficado totalmente esclarecido, Tadeu não é filho legítimo de José Leôncio, mas por ter

nascido na fazenda de seu padrinho, e por alguns momentos Leôncio achar que Tadeu fosse seu filho, devido a uma mentira de Filó, ele foi criado como afilhado perante as demais pessoas e com a relação de filho quando estavam sozinhos. Porém com o desenrolar da trama, o envolvimento dele com José Leôncio fica cada vez mais próximo, até Tadeu ser assumido publicamente como filho.

- h) Tibério: peão-chefe da fazenda de José Leôncio e casado com a personagem Muda, ele tem uma boa relação com todas as personagens.
- i) Levi: um dos principais peões de José Leôncio, ele é representado como uma personagem misteriosa, tendo uma mescla de vilão no decorrer da trama. Ele cria inimizades com seu chefe e seus colegas de trabalho.
- j) Tenório: um dos vilões da trama, ele é casado com Maria Bruaca e, juntos, são os pais de Guta. Representado como um empresário trambiqueiro, ele está envolvido nos planos e ações de compra e venda de terras de maneira ilegal. Essa personagem não demonstra apreço pela natureza e pelas pessoas que o rodeiam.
- k) Maria Bruaca: mulher simples nascida e criada no Pantanal e sem muitos estudos, essa personagem é casada com Tenório e mãe de Guta. Bruaca, como é chamada por quase todos, é caracterizada como uma dona de casa submissa a seu marido, mas, no desenvolver da trama, cria uma relação com o peão Alcides, que a faz se separar de Tenório e começar a namorar Alcides.
- l) Guta: filha de Tenório e Maria Bruaca, é representada como uma menina com visões progressistas, que questiona os costumes conservadores de seus pais. Ela se formou em Engenharia em São Paulo e voltou para a casa da família para trabalhar na região.
- m) Alcides: único peão da fazenda do Tenório, ele é caracterizado como um homem ignorante e sem estudos. Foi, na primeira parte da telenovela, o fiel escudeiro de seu patrão. Cansado dos desmandos de seu patrão, Alcides se rebela contra ele, principalmente para defender Maria Bruaca, que se torna seu novo amor.

As personagens apresentadas anteriormente trazem suas características particulares e suas principais relações umas com as outras na história da telenovela, mas vale ressaltar também uma característica em comum entre algumas personagens, que é o uso de determinadas expressões linguísticas da localidade

onde vivem. Quanto à variedade falada pelas personagens, vale registrar a lista de termos peculiares do Pantanal apresentada pelo jornal digital GZH ("Bruaca"....., 2022)<sup>18</sup>:

**Quadro 6 – Termos peculiares da região do Pantanal segundo o jornal digital GZH**

Palavra	Significado
<i>Banzé</i>	É o termo usado para definir alguma situação barulhenta, de bagunça e muita agitação. Se deparar com esse cenário, você pode reclamar que a coisa "virou um banzé" ou já chegar tirando satisfações: "Mas que banzé é esse aqui?".
<i>Bruaca</i>	Expressão pejorativa, é usada para ofender a aparência e/ou a personalidade de uma mulher. Pode significar bruxa ou meretriz. É o modo como Tenório chama a esposa Maria, a "Maria Bruaca".
<i>Chalana</i>	É uma embarcação de fundo plano, comum na região pantaneira, cercada por rios. Quem a dirige recebe o nome de chalaneiro. Na novela, Eugênio é o chalaneiro oficial do pedaço.
<i>Cramulhão</i>	É o famoso diabo, figura mítica muito presente no imaginário das lendas e do folclore pantaneiro. É também o melhor amigo de Trindade, que brada aos quatro ventos que tem um pacto com o dito cujo.
<i>Currutela</i>	Sinônimo de bordel, prostíbulo e casa da luz vermelha, entre outros, a palavra serve para nomear um estabelecimento que abriga profissionais do sexo. Usa-se "currutela" principalmente em regiões de garimpo, como é o caso do Pantanal. Foi em uma, aliás, que José Leôncio conheceu a mãe de Zé Lucas de Nada.
<i>Diacho</i>	É uma expressão que serve para demonstrar descontentamento e irritação. "Mas que diacho", dizem os peões de <i>Pantanal</i> quando algo não sai como o esperado. É um eufemismo para a palavra "diabo", já que o povo prefere não citar o nome do demo, para não chamar coisa ruim.
<i>Flozô</i>	De cunho homofóbico, a expressão que deriva da palavra "flor" é usada pelos peões da fazenda de José Leôncio para ridicularizar Jove, personagem que não demonstra o mesmo tipo de masculinidade que os tropeiros.
<i>Jacú</i>	Também pertencente ao repertório de ofensas proferidas contra Jove, é um termo usado para dizer que alguém é "cheio de dedos", "cheio de frescuras".

<sup>18</sup> Matéria completa disponível no site: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2022/06/bruaca-flozo-reiva-e-mais-entenda-o-que-significam-os-termos-usados-em-pantanal-cl3z36jq002v0167nv2fhixm.html>. Acesso em: 20 abr. 2024.

<i>Marruá</i>	A palavra é usada para caracterizar bois agressivos, que ainda não passaram por doma e são considerados selvagens. Na novela, foi o apelido dado à personagem Maria Marruá, por conta de sua personalidade arredia. Juma, que herdou o jeitão "de poucos amigos" da mãe, também recebeu a alcunha.
<i>Olhadura</i>	Os personagens de <i>Pantanal</i> usam a palavra como uma espécie de sinônimo para "cara feia". Quando alguém está olhando sério, de "cara feia", eles perguntam: "Por que essa olhadura?".
<i>Parecência</i>	O jeitinho pantaneiro de dizer "parecença". O sentido é o mesmo que o do termo original – significa semelhança. A pronúncia incorreta ganhou destaque na novela quando José Leôncio ficou chocado com a "parecência" entre José Lucas de Nada e o seu pai, Joventino, dois personagens vividos por Irandhir Santos.
<i>Piranguero</i>	É um adjetivo usado para definir alguém mau caráter, de quem não se pode esperar boas ações. Já foi usado para se referir a Lev, após o personagem tentar abusar de Muda e ainda esfaquear Tibério.
<i>Pítica</i>	Presente no vocabulário de Juma, <i>pítica</i> é o mesmo que criança. A personagem usa o termo com frequência quando lembra da infância. "Quando eu era <i>pítica</i> ...", ela diz.
<i>Reiva</i>	Outra expressão clássica da protagonista, "reiva" nada mais é do que raiva. Sem ter tido oportunidade de estudar, Juma pronuncia vários termos de forma errada, mas este acabou chamando atenção pela repetição. Sempre que alguém lhe pergunta se é verdade que ela vira onça, ela explica: "Só quando eu tô com 'reiva'".
<i>Relar</i>	A personagem Juma usou a palavra na primeira vez que tomou banho de rio com Jove, ao ordenar que ele não "relasse" nela. Ou seja, "relar" é o mesmo que se esfregar.
<i>Tapera</i>	É uma casa velha e mal cuidada, por vezes abandonada, e geralmente localizada em zonas rurais. É como o núcleo pantaneiro se refere à casa de Juma.

Fonte: Elaborado pelo autor com base na reportagem da GZH ("Bruaca"....., 2022)

Na próxima seção, descrevemos a metodologia da pesquisa.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa se insere na abordagem qualitativa interpretativista, que se baseia na compreensão e interpretação dos objetos a serem analisados. Segundo Divan e Oliveira (2008, p. 190), “na visão interpretativista, é o fator qualitativo, ou particular, que interessa. Pesquisas dessa natureza objetivam investigar os processos que subjazem à produção e à compreensão lingüística”.

Quanto aos métodos utilizados, a pesquisa se desenvolve por meio de pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão de literatura que fundamenta a discussão teórica, e pesquisa documental, tendo em vista que coletamos e analisamos as falas presentes em recortes de alguns capítulos da telenovela *Pantanal*.

Para a análise dos dados, utilizamos a metodologia de etiquetagem das formas de tratamento (Frías Conde, 2018), que descrevemos na subseção a seguir.

#### 3.1 A METODOLOGIA DA ETIQUETAGEM DAS FORMAS DE TRATAMENTO

Nesta pesquisa, utilizamos a metodologia da etiquetagem das formas de tratamento, que consiste em categorizar esses elementos com foco não somente nos aspectos sociopragmáticos, mas também nos aspectos morfossintáticos que os afetam. Frías Conde (2018) assim define essa metodologia, apresentando um exemplo:

El etiquetado es un sistema de marcado de características gramaticales (incluyendo las pragmáticas y las semánticas) que caracterizan a un elemento A frente a un elemento B. Así, por ejemplo, la diferencia de número, entre singular y plural se marcaría partiendo de la forma primaria, en este caso el singular (que es la que aparece en el diccionario), opuesta a la plural<sup>19</sup> (Frías Conde, 2018, p. 4).

Além da diferença de número (singular x plural), que se traduziria nos traços [+sg] e [-sg], há também outras marcas que são consideradas, como a diferença de gênero – [+masc] e [-masc] –, e as etiquetas podem alcançar diversos níveis: o

---

<sup>19</sup> Tradução nossa: A etiquetagem é um sistema de marcação de características gramaticais (incluindo as pragmáticas e as semânticas) que caracterizam um elemento A frente a um elemento B. Assim, por exemplo, a diferença de número, entre singular e plural, se marcaria partindo da forma primária, neste caso, o singular (que é a que aparece no dicionário), oposta à forma plural.

fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático. Assim, sobre a etiquetagem,

Se trata de un mecanismo gramático-pragmático, el cual distingue un elemento [+marcado] de otro [-marcado]. [...] este mecanismo tiene repercusiones morfológicas (en los paradigmas pronominales y verbales) y sintácticas (fundamentalmente, en lo que a la concordancia se refiere), en un plano estrictamente gramatical; asimismo, dichas repercusiones pueden ser de índole pragmática o sociolingüística [...] <sup>20</sup> (Frías Conde, 2018, p. 9).

Frías Conde (2018) categoriza alguns indicadores das FT:

a) **Marca**: relacionada a níveis de formalidade e distância, expressa pelos traços [+formal] / [-formal], [+conhecido] / [-conhecido] e [+íntimo] / [-íntimo];

b) **Referência (R)**: relacionada à pessoa real do discurso (por exemplo, em algumas línguas, usa-se o pronome de segunda pessoa do plural, mas a referência é a segunda pessoa do singular);

c) **Paradigma (Π)**: correspondência sujeito-verbo (por exemplo, no português brasileiro, a forma pronominal *você* tem como referência a segunda pessoa do singular [2PS], mas o paradigma verbal é de terceira pessoa do singular [3PS]);

d) **Grau (G)**: gradação *tu-você-o senhor/a senhora*.

Embora Frías Conde (2018) num primeiro momento apresente separadamente os indicadores Marca e Grau, eles se confundem, pois acabam tratando da questão da formalidade e informalidade. Em estudo posterior (Frías Conde, 2023), a Marca deixa de aparecer como indicador, restando apenas o indicador Grau. Nas análises, é considerado o indicador Grau para a etiquetagem.

Contudo, há outros fatores a serem considerados no momento de etiquetar as FT, tais como os circunstantes (C), que explicam o entorno social em que ocorrem esses elementos: “Son fundamentales a la hora de entender el uso de las FFTT el estatus social (Σ), así como la edad y sexo pueden ser referentes muy importantes a la hora de explicar por qué determinados usos, sobre todo la edad”<sup>21</sup> (Frías Conde,

<sup>20</sup> Tradução nossa: Trata-se de um mecanismo gramático-pragmático, o qual distingue um elemento [+marcado] de outro [-marcado]. [...] este mecanismo tem repercussões morfológicas (nos paradigmas pronominais e verbais) e sintáticas (fundamentalmente, no que a concordância se refere), em um plano estritamente gramatical; assim mesmo, tais repercussões podem ser de índole pragmática ou sociolingüística [...].

<sup>21</sup> Tradução nossa: São fundamentais no momento de entender o uso das FFTT [formas de tratamento] o *status* social (Σ), assim como a idade e o sexo podem ser referentes muito importantes no momento de explicar o porquê de determinados usos, sobretudo a idade.

2018, p. 19). Assim, diferentemente das características linguísticas, definidas por um conjunto de regras pré-estabelecidas, que os demais indicadores da metodologia da etiquetagem apresentam, os circunstantes são analisados fora do sistema linguístico, pois referem-se aos fatores contextuais e sociais presentes nas interações interpessoais, ou seja, às condições extralinguísticas que influenciam as escolhas e usos de determinadas FT, de forma que as análises se concentram em um viés sociolinguístico e pragmático. Entre os fatores circunstantes, podemos citar idade, sexo, nível de escolaridade e condição financeira do falante/interactante, ou se este é morador de periferia, região central ou rural, entre outros. Porém, com base no que nosso *corpus* de pesquisa nos possibilita saber, iremos considerar, para esta dissertação, somente os fatores idade, sexo, hierarquia social e se é morador urbano ou rural.

Frías Conde (2018) também distingue entre etiquetagem primária e secundária: na primária, define-se a análise a partir do grau, paradigma, referência, circunstância (relações horizontais e verticais, idade, sexo etc.) e quadro sociolinguístico (oral, escrito, padrão e não padrão); e a secundária se define por aquilo que não seja explicável na etiquetagem primária, mas pelo “valor psicossocial”: “El etiquetado secundario responde a cuestiones que escapan al etiquetado primario. Existe una inmensa cantidad de casos que no responden a los protocolos sociales primarios que requieren de otras explicaciones”<sup>22</sup> (Frías Conde, 2018, p. 21). O autor dá um exemplo: no Equador, é frequente o uso de *usted* entre os casais, que paradoxalmente é um sinal de intimidade, enquanto o *vos* é usado com amigos e também é um sinal de intimidade, mas sem envolver um relacionamento amoroso. Dessa forma, na análise, considera-se uma etiqueta [casal] para o *usted*.

Em seu livro *Etiquetado y formas de tratamiento*, de 2018, Frías Conde traz alguns exemplos de etiquetagem em outras línguas, como é o caso observado no espanhol colombiano falado na cidade de Cali, sobre o qual o autor apresenta o enunciado “Vos no tenés mucha suerte”, com o uso do *vos* para expressar mais intimidade com seu interlocutor, etiquetado como [+íntimo]. Em contrapartida, no enunciado “Tú no tienes mucha suerte”, a utilização do pronome *tú* demonstra menos intimidade, recebendo a etiqueta [-íntimo].

---

<sup>22</sup> Tradução nossa: A etiquetagem secundária responde a questões que escapam da etiquetagem primária. Existe uma imensa quantidade de casos que não respondem aos protocolos sociais primários que requerem outras explicações.

Para efeito de comparação com dados de nosso *corpus*, podemos verificar o uso do pronome *tu*, por exemplo, em um dos diálogos da personagem Jove na telenovela *Pantanal*. No recorte da fala encontrada no capítulo 19, no qual Jove se dirige a seu interlocutor Alcides, temos uma ocorrência: “*Tu* quer brigar?”. Notamos o uso do *tu* em um grau de menos formalidade, porque, com a contextualização da cena de onde foi retirado o enunciado e das personagens envolvidas na interação completa, sabemos que não há nenhuma formalidade envolvida. Desse modo, diferencia-se do espanhol colombiano de Cali citado no exemplo do parágrafo anterior, pois, no PB, o *tu* é mais íntimo na gradação das FT.

Outro exemplo apresentado por Frías Conde (2018, p. 13) referente ao grau é esboçado das seguintes maneiras no português europeu:

- (17) a. **Tu** tens um carro muito lindo.  
 b. **O João** tem um carro muito lindo.  
 c. **Você** tem um carro muito lindo.  
 d. **O senhor** tem um carro muito lindo.

E no espanhol do Equador e do colombiano de Cali, temos:

- (18) a. **Vos** tienes / tenés un auto muy lindo.  
 b. **Tú** tienes un auto muy lindo.  
 c. **Usted** tiene un auto muy lindo. (Frías Conde, 2018, p. 13)

Nos exemplos, vemos várias FT que estabelecem diferentes níveis de formalidade. Nos recortes de falas da telenovela, também notamos a diferenciação de nível de formalidade entre as personagens para se dirigir a determinados interlocutores. Por exemplo, em um trecho do capítulo 18, a personagem Levi diz “*O senhor* qué experimentar a sela?”, demonstrando respeito e apresentando o traço [+formal], diferente de como seria se ele dissesse, por exemplo, “*Tu* qué experimentar a sela”, que teria o traço [-formal].

Em outro enunciado dito pela personagem Levi, em um trecho do capítulo 41, ele está em uma interação com a personagem Trindade, seu colega de trabalho que também é peão: “Se *ocê* me dissé que ele é o veio Joventino, eu trago”. Nesse enunciado, notamos uma mudança no nível de formalidade com o uso da forma pronominal *ocê* para se dirigir a seu companheiro com menor formalidade, isto é, com o traço [-formal], diferente da forma nominal *o senhor*, utilizada no exemplo anterior

para se dirigir a seu patrão José Leôncio com maior nível de formalidade, isto é, com o traço [+formal].

Referente ao paradigma, Frías Conde (2018) traz alguns exemplos com a ausência de pronome. O primeiro caso é do português europeu: no enunciado “Não tem vergonha”, a pessoa a quem se refere está oculta, o que levaria o paradigma a uma ambiguidade, pois poderia ser uma referência à segunda pessoa, se fosse utilizado o pronome *tu* ou *você*, bem como à terceira pessoa, se fosse usado *ele(a)* ou alguma forma nominal. Nesse caso, seria necessário compreender o contexto da fala. Frías Conde (2018, p. 13) afirma que o paradigma pronominal não é completo em nenhuma língua românica, como ilustram os exemplos a seguir, do espanhol europeu: “No se ha llevado *su* pedido”; “No *la* había visto desde hace meses”. Nesses enunciados, temos apenas a utilização de pronome possessivo e clítico, respectivamente, para buscar saber a pessoa a que se refere.

Já quando a pessoa gramatical aparece na oração, poderíamos ter uma não coincidência da referência com o paradigma, devido à concordância pronominal e verbal, pois, em alguns casos, a segunda pessoa é a pessoa “real” do discurso, mas usa-se o verbo na terceira pessoa (por causa do uso da FT *você* no PB). Isso pode ser exemplificado em outra fala da personagem Alcides: “Se conhecesse, *tu* não aprontava uma desfeita dessas”. Nesse caso, a forma pronominal *tu* faz referência à segunda pessoa do singular, mas, gramaticalmente, a conjugação do verbo é feita na terceira pessoa do singular, isto é, *aprontava* (em lugar de *aprontavas*).

Na próxima subseção, descrevemos os procedimentos para a seleção e o tratamento dos dados da pesquisa.

### 3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

Para a seleção dos dados a serem analisados, fizemos um recorte de alguns capítulos da telenovela *Pantanal*, que são os capítulos 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 41, 57, 70, 101, 133, 164 e 167. A escolha por esses capítulos específicos se deu por conta da proposta da pesquisa, que consiste em analisar as FT utilizadas pelas personagens em diferentes momentos e relações sociais, para obter uma análise mais representativa do percurso de sua construção ao longo da telenovela, tendo em vista que a mudança no envolvimento mais próximo ou mais afastado com os interactantes nesse percurso pode interferir em como um se dirige ao outro em um ato comunicativo.

Também escolhemos esses capítulos por destacarem as personagens principais em momentos significativos de suas histórias e, é claro, por mostrar suas características dialetais de modo bem representativo. Esses capítulos apresentam dados caracterizados por uma rica variação linguística no que se refere às FT.

Outro fator que determinou a escolha de recortes em diferentes partes da telenovela refere-se à familiaridade que o ator ou a atriz vai desenvolvendo ao longo da telenovela com a variedade linguística que está reproduzindo por meio de sua personagem. Podemos supor que, no início da telenovela, os atores e as atrizes se preocupem mais em monitorar as falas, para não correrem o risco de descaracterizar a variedade linguística das personagens, mas, à medida que vão se familiarizando com a variedade, acabam monitorando menos, o que pode resultar em diferenças nos usos das FT (no caso do objeto deste estudo).

Sobre as interações que expressavam relações não hierárquicas e que permaneciam estáveis quanto ao uso das FT ao longo da trama, foram selecionadas apenas um excerto para análise. Ou seja, quando não havia evolução das relações entre as personagens ao longo da trama, não identificamos a necessidade de percorrer suas interações em diferentes momentos da trama.

Como procedimento de coleta, assistimos aos capítulos selecionados na íntegra, a fim de localizarmos os trechos em que apareciam FT. Nesses casos, procedemos à transcrição das falas específicas, buscando o máximo de fidelidade quanto aos traços da oralidade. Utilizamos a transcrição grafemática, no entendimento de que “a transcrição grafemática ou ortográfica é necessária para podermos trabalhar os dados orais recolhidos, tanto históricos como linguísticos e socioculturais” (Nunes, 2017, p. 234). Tomamos como base alguns procedimentos adotados por Nunes (2017), conforme se visualiza no Quadro 7, a seguir. Como se trata de falas de telenovela, para as quais houve ensaio, além de monitoramento dos atores no momento da gravação, o nível de improviso ou espontaneidade pode ser menor do que em entrevistas (por exemplo, não há sobreposições de fala, trechos inaudíveis etc.), de forma que selecionamos da proposta de Nunes (2017) apenas os procedimentos que de fato se aplicam a nossas análises.

**Quadro 7** – Algumas normas de transcrição de entrevistas utilizadas na análise

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Uso do ponto em contexto declarativo.	.	Ele emigrou em 1944.
Uso do sinal de interrogação em contexto interrogativo.	?	Ele emigrou em 1944?
Uso do ponto de exclamação em contexto exclamativo.	!	Ele emigrou em 1944!
Pausas sintáticas, incluindo a marcação do vocativo, ou seja, quando o nome próprio é um vocativo e não o sujeito da frase.	,	Teresa, diga-me uma coisa, que idade tinha quando emigrou?
Qualquer pausa não sintática, quando ocorre uma hesitação, repetição, reformulação e quando o locutor ou o documentador não terminam a frase.	...	Quando... fui para o Brasil... já tinha... quinze anos (pausas); A gen... a gente vai (hesitação); dos de... entre os de (reformulação); fizemos a comunhão sole... a comunhão solene (repetição); L- Quando ele foi... D- Em que ano?
O uso dos dois pontos introduz uma enumeração, descrição ou explicação.	:	Sobretudo quando a frase já vai longa, com muitas vírgulas, por exemplo (...) dos meus 3 filhos: o mais novo é médico, outro é artista...
Pausas preenchidas	Ah, eh, mmh, ih, oh, uh, ahn, ehn, uhn, tá, né, ó [olha], etc.	Obs.: diferenciar eh (marcador ou interjeição) / é (verbo); né (marcador) / não é (verbo)
Discurso direto ou citações em modo de discurso direto, introduzido por dois pontos.	“entre aspas”	Ela disse: “Não te metas nisso!”
Entoação enfática	MAIÚSCULAS	... ela quer UMA solução, não qualquer solução.
Nas formas lexicais terminadas em -r, este não é representado graficamente, quando não é pronunciado, assinalando a abertura e o fechamento das vogais finais da palavra com o respectivo acento gráfico.	á ê	Melhorá por melhorar, bebê por beber, á por ar, etc.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Nunes (2017)

Nos procedimentos propostos por Nunes (2017), em sua obra, a transcrição das palavras é feita tal como elas são pronunciadas, seguidas das formas completas ou normativas entre colchetes. Nunes (2017) também coloca entre colchetes a correção da posição dos clíticos e as concordâncias, além de acrescentar algum elemento gramatical em falta na fala dos intervenientes, igualmente entre colchetes. Não adotaremos tais procedimentos neste trabalho, para não dificultar o fluxo da

leitura, pois as personagens usam muitas formas não padrão, seja de palavras (nível lexical) ou de estrutura (nível gramatical). Apenas transcreveremos da forma como são pronunciadas, considerando monotongações, ditongações, apagamento de consoantes etc., pois o foco está no uso das FT.

Ao longo das análises, apresentamos as falas contendo as FT contextualizadas em recortes maiores da situação comunicativa em que essas falas ocorreram, ou seja, transcrevemos as falas situadas em um contexto maior. Precedendo a fala das personagens, apresentamos seus nomes, seguidos de dois pontos.

A título de exemplificação da metodologia, demonstramos, a seguir, a etiquetagem de um recorte de fala. Nesta interação, retirada do capítulo 21, temos as personagens José Leôncio e Tibério, que são patrão e peão/funcionário, respectivamente (Tibério é o peão-chefe da Fazenda de José Leôncio). A cena começa com os dois andando a cavalo pelo campo enquanto observam o gado da fazenda.

(19) José Leôncio: *Tudo isso que **ocê** tava vendo é fruto de mais 30 ano de serviço e muito suor, **Tibério**.*

Tibério: ***O patrão** nunca pensô em trazê um capincho de fora?*

José Leôncio: *Ara! Capincho de fora pra quê? O Pantanar dá tudo que esse gado precisa. Meu pai me ensinô a aprendê com a natureza, não medi força com ela.*

Tibério: *É, **o senhor** fez bem em ouvi o conselho dele!*

Quanto às FT usadas na interação, temos: a) as formas pronominais/pronominalizadas *você*, que se realiza na forma *ocê*, e *o senhor*; b) a forma nominal *o patrão* (vale lembrar que as formas nominais são sempre utilizadas *ad hoc* com a mesma função de pronome); e c) o vocativo *Tibério*, nome da personagem a quem José Leôncio se dirige.

Nesse diálogo, observamos que José Leôncio, por ser o patrão de Tibério, desobriga-se a expressar maior formalidade para se dirigir a seu funcionário, pois utiliza a forma pronominal *ocê*, além do nome próprio como vocativo. Porém, a hierarquia presente na interação é perceptível na medida em que Tibério, para se dirigir a seu patrão, faz o uso de FT que demonstram maior formalidade. Dessa maneira, podemos categorizar as FT nas falas de José Leôncio como [-formal], e nas falas de Tibério, como [+formal].

No que diz respeito ao paradigma, constatamos que as formas *ocê*, *o patrão* e *o senhor* fazem referência real à segunda pessoa do singular, mas segue o paradigma verbal da terceira pessoa do singular, justamente por se tratar de formas nominais (*o patrão*) ou formas nominais pronominalizadas (*o senhor* e *ocê/você*, considerando, neste último caso, sua origem como *Vossa Mercê*, tendo conservado a conjugação de terceira pessoa).

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos categorizá-las como está no Quadro 9, logo adiante. Esclarecemos que utilizamos os símbolos G para Grau (e, nesse caso, indicaremos apenas o nível de formalidade, embora na análise possamos mencionar outros traços), R para Referência e  $\Pi$  para Paradigma, e para caracterizar os Circunstantes (C), consideramos as seguintes marcas: os traços [+urb] ou [-urb] indicam a localidade de origem ou em que vivem, se urbana ou rural, respectivamente; os códigos X e Y representam, respectivamente, o locutor e o interlocutor; a numeração entre chaves – {+40} e {+60} – indica a faixa etária presumida dos interactantes; e as iniciais {f} e {m} indicam o sexo feminino e masculino. O tipo de relação que se estabelece entre os interactantes pode ser vertical, em que há uma hierarquia entre os sujeitos (sendo > quando o locutor situa-se numa posição superior e < quando ele se situa numa posição inferior, em termos de papéis sociais exercidos), ou horizontal (representado por =), quando os interactantes estão situados no mesmo nível em termos de papéis sociais. O Quadro 8, a seguir, permite visualizar melhor a referência desses símbolos.

**Quadro 8 – Símbolos utilizados na etiquetagem das formas de tratamento**

Símbolo	Significado	Traços semânticos / Detalhamento dos símbolos
G	Grau	[+formal] / [-formal] / [ $\pm$ formal]
R	Referência	[2PS] (segunda pessoa do singular)
$\Pi$	Paradigma	[2PS] / [3PS] (paradigma verbal de segunda e de terceira pessoa do singular, respectivamente)
C	Circunstantes	[+urb] / [-urb] (localidade de origem: urbana ou rural) {+40}, {+60} etc. (idade presumida: os exemplos indicam idade igual ou superior a 40 anos e 60 anos, respectivamente) X / Y (locutor e interlocutor, respectivamente) {m} / {f} (masculino e feminino, respectivamente)

Símbolos aplicados ao tipo de relação, em termos de papéis sociais exercidos	<p>&gt; (relação hierárquica em que o locutor se situa numa posição superior)</p> <p>&lt; (relação hierárquica em que o locutor se situa numa posição inferior)</p> <p>= (relação horizontal, em que os interactantes estão em posição de igualdade)</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

O Quadro 9 demonstra a aplicação da etiquetagem das FT, com base no exemplo (19). Esse modelo será utilizado na seção das análises.

**Quadro 9** – Etiquetagem das formas de tratamento no exemplo (19)

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
José Leôncio	Tibério (peão)	- <i>Tudo isso que <b>ocê</b> tava vendo é fruto de mais 30 ano de serviço e muito suor, <b>Tibério</b>.</i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m} > Y {+40} {m}]
Tibério	José Leôncio (patrão)	- <i><b>O patrão</b> nunca pensô em trazê um capincho de fora?</i>  - <i>É, <b>o senhor</b> fez bem em ouvi o conselho dele!</i>	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+40} {m} < Y {+60} {m}]

Fonte: Elaborado pelo autor

Na próxima seção, apresentamos as análises dos recortes selecionados do *corpus*.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados coletados envolvendo personagens inseridas em cenas da telenovela *Pantanal* ambientadas no espaço do Pantanal. Para organização da análise, apresentamos as interações entre as mesmas personagens em sequência, para verificarmos possíveis mudanças de tratamento em relação aos interlocutores ao longo do enredo da telenovela, para depois passarmos para as interações entre outras personagens.

O primeiro recorte é do início do capítulo 18 da telenovela *Pantanal*, no qual temos um diálogo, que denominamos “Interação 1”. Essa interação está presente logo na primeira cena do capítulo, quando as personagens Tadeu, José Leôncio, Tibério, Filó e Levi estão em uma roda de viola. A cena começa com Tibério cantando, e, em seguida, vem o diálogo:

### Interação 1:

Tibério: *Qual é que **o patrão** vai pedir agora?*

José Leôncio: *Ara! Tudo o que eu tinha pra pedir nessa vida tá chegando, **Tibério!***

Tadeu: ***O padrinho** só qué sabê du fio dele agora.*

José Leôncio (fazendo um gesto de negação): *Ai, eu fico aqui me lembrando do dia que ele nasceu, eu saí com ele desembestado por esses pastos.*

Tadeu (com um tom de ressentimento): *Será que deu certo, **padrinho?** Qué dizê, será que o Joventino sabe montá que nem um Leôncio?*

José Leôncio (com um tom muito sério e tenso): *É meu fio, tem que sabê!*

Tadeu (ainda no mesmo clima de tensão): *Sei lá... às vez criado na cidade pode não tomá gosto pelas coisas da terra, não é memo?*

José Leôncio: *Tem meu sangue, **Tadeu**. Aliás, **Levi**, eu quero que **você** me faça um favor.*

Levi: *Inté dois, **patrão**.*

José Leôncio: *Quero que **cê** pegue aquela sela de prata e dê uma limpada nela pra deixá ela tinindo. O herdeiro dela tá chegando, **Tibério!***

Tadeu: *Eu faço questão de limpá a sela pro seu filho! Isso é, se **o senhor** não acha ruim, né, **meu padrinho?***

José Leôncio: ***Cê** já tá fazendo um grande favor em i buscá o meu fio lá em Campo Grande, o Levi pode dá conta dessa sela.*

Tadeu: *Mas eu disse que eu faço questão!*

José Leôncio: *I eu tô dizendo pra **ocê** cumpri a sua obrigação, **Tadeu!***

Tadeu: *Não se preocupe, não, **padrinho**, eu nunca fui homem di faltá com a minha palavra, não vai sê agora.*

Nessa interação, apenas as personagens masculinas tomam a fala, predominando a interação entre Tadeu e José Leôncio, e a personagem Filó, companheira de José Leôncio, fica calada nessa cena. Relembrando os papéis dessas personagens masculinas, José Leôncio é o proprietário da fazenda, Tadeu é filho de Filó e afilhado de José Leôncio, e trabalha como peão da fazenda, assim como as personagens Tibério (peão-chefe) e Levi.

Quanto às FT usadas na interação, temos: a) as formas pronominais ou pronominalizadas *você*, que se realiza também como *ocê* e *cê*, e *o senhor*; b) as formas nominais *o patrão* e *o padrinho*; e c) os vocativos *patrão*, *padrinho* e *meu padrinho*, usados no endereçamento a José Leôncio, e os nomes das personagens a quem José Leôncio se dirigiu (*Tibério*, *Tadeu* e *Levi*).

Podemos verificar que, dos três peões, Tadeu tem um envolvimento mais próximo com o fazendeiro, pois utiliza como FT os vocativos *padrinho* (duas vezes) e *meu padrinho*, neste último caso com o pronome *meu* (determinante), dando maior carga afetiva a sua fala, e também a forma nominal *o padrinho*, com referência de segunda pessoa, pois Tadeu está se dirigindo diretamente para José Leôncio.

A relação entre afilhado e padrinho se caracteriza como uma relação de maior afetividade, embora exista uma hierarquia entre eles, então podemos relacionar para as FT os traços [+conhecido] e [±íntimo], e a situação de interação pode ser definida pelos traços [-distância] e [+envolvimento]. Em termos de formalidade, a questão da diferença de idade entre o afilhado e seu padrinho pode gerar uma relação de maior respeito, pois José Leôncio é mais velho. Pensando no contexto de um ambiente rural, com relações mais tradicionais, talvez seja possível comparar à relação de pai e filho ou tio e sobrinho. Além disso, há entre eles uma relação patrão-empregado, de modo que poderíamos caracterizar como uma relação [+formal], o que justifica também a forma nominal *o senhor*. Essas características tornam a relação entre essas personagens bastante ambígua, especialmente se considerarmos que, no início da telenovela, há resistência tanto de José Leôncio em reconhecer publicamente a paternidade do filho/afilhado quanto de Tadeu em aceitar ser considerado como

filho<sup>23</sup>. Assim, mantém-se uma relação que pode ser caracterizada ora com o traço [±formal], quando utiliza a forma nominal *o padrinho* e os vocativos *padrinho* e *meu padrinho*, ora com o traço [+formal], quando utiliza a forma pronominalizada *o senhor*, como maneira de cortesia ou de submissão a alguém que se situa em posição hierárquica superior, além de ter mais idade.

Os outros dois peões, quando se dirigem a José Leôncio, demonstram mais formalidade, pois Tibério usa a forma nominal *o patrão* (dirigindo-se diretamente ao fazendeiro) e Levi utiliza o vocativo *patrão*. Poderíamos caracterizar as relações entre esses peões e o fazendeiro como [+formal], [±conhecido] e [-íntimo] e a situação de interação pode ser definida pelos traços [+distância] e [-envolvimento].

Podemos notar que apenas José Leôncio utiliza formas pronominais – *você* e suas variações fonológicas – para se dirigir aos interlocutores, além dos vocativos compostos pelos nomes próprios dos interlocutores. Como há uma relação hierárquica entre ele (o patrão) e os peões (seus empregados), ele não precisa ser formal, embora ainda mantenha certa distância. Podemos observar que os peões, incluindo Tadeu, não utilizam o nome próprio como vocativo para se dirigir a José Leôncio.

Quanto ao paradigma verbal, podemos verificar que, ainda que a referência real seja a segunda pessoa (singular), o verbo segue o paradigma de terceira pessoa do singular, mesmo no caso do imperativo (*dê uma limpada nela*). Os pronomes possessivos na posição de determinantes (*pro seu filho*; *a sua obrigação*) e o pronome reflexivo (*não si preocupe*) seguem o paradigma pronominal de terceira pessoa.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 1 da seguinte maneira:

**Quadro 10** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 1

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Tadeu	José Leôncio (patrão e padrinho)	- <b>O padrinho</b> só qué sabê du fio dele agora. - Será que deu certo, <b>padrinho</b> ?	G [±formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+30} {M} < Y {+60} {M}]

<sup>23</sup> A paternidade de José Leôncio em relação a Tadeu é pressuposta durante a maior parte do percurso da telenovela, pela forma como essa questão é conduzida na construção dos capítulos, pois Tadeu passa a ser tratado por José Leôncio como filho e somente ao final da trama descobre que o fazendeiro não é seu pai biológico.

		<p>- Isso é, se o senhor não acha ruim, né, <b>meu padrinho?</b></p> <p>- Não se preocupe, não, <b>padrinho</b> [...].</p>	
		<p>- Isso é, se <b>o senhor</b> não acha ruim, né, meu <b>padrinho?</b><sup>24</sup></p>	<p>G [+formal] R [2PS] Π [3PS]</p> <p>C [-urb] [X {+30} {M} &lt; Y {+60} {M}]</p>
Tibério	José Leôncio (patrão)	<p>- Qual é que <b>o patrão</b> vai pedir agora?</p>	<p>G [+formal] R [2PS] Π [3PS]</p> <p>C [-urb] [X {+40} {m} &lt; Y {+60} {m}]</p>
Levi	José Leôncio (patrão)	<p>- Inté dois, <b>patrão</b>.</p>	<p>G [+formal] R [2PS] Π [3PS]</p> <p>C [-urb] [X {+30} {m} &lt; Y {+60} {m}]</p>
José Leôncio	Tadeu (peão e afilhado)	<p>- Tem meu sangue, <b>Tadeu</b>.</p> <p>- I eu tô dizendo pra ocê cumpri a sua obrigação, <b>Tadeu!</b></p>	<p>G [-formal] R [2PS] Π [3PS]</p> <p>C [-urb] [X {+60} {m} &gt; Y {+30} {m}]</p>
		<p>- <b>Cê</b> já tá fazendo um grande favor em i buscá o meu fio lá em Campo Grande [...].</p> <p>- I eu tô dizendo pra <b>ocê</b> cumpri a sua obrigação, <b>Tadeu!</b></p>	
José Leôncio	Tibério (peão)	<p>- Ara! Tudo o que eu tinha pra pedir nessa vida tá chegando, <b>Tibério!</b></p> <p>- O herdeiro dela tá chegando, <b>Tibério!</b></p>	<p>G [-formal] R [2PS] Π [3PS]</p> <p>C [-urb] [X {+60} {m} &gt; Y {+40} {m}]</p>
José Leôncio	Levi (peão)	<p>- Aliás, <b>Levi</b>, eu quero que <b>você</b> me faça um favor.</p> <p>- Quero que <b>cê</b> pegue aquela sela de prata e dê</p>	<p>G [-formal] R [2PS] Π [3PS]</p> <p>C [-urb] [X {+60} {m} &gt; Y {+30} {m}]</p>

<sup>24</sup> As falas das personagens são repetidas, nos quadros, porém em células distintas, quando diferentes FT são usadas nesses enunciados, pois, nesses casos, a etiquetagem pode mudar de acordo com a FT usada. Ressaltamos que formas nominais e vocativos com o mesmo teor lexical (por exemplo, o vocativo *patrão* e a forma nominal *o patrão*) permanecem na mesma célula.

		<i>uma limpada nela pra deixá ela tinindo.</i>	
		<i>- Aliás, <b>Levi</b>, eu quero que você me faça um favor.</i>	

Fonte: Elaborado pelo autor

É interessante observar, em relação aos vocativos compostos pelos nomes das pessoas, que nesses exemplos não aparecem apelidos, o que denotaria maior intimidade. É o que ocorre na interação que será analisada na sequência, na qual Filó e José Leôncio estão conversando.

Essa cena se inicia logo após a volta do intervalo, na segunda parte do capítulo, já com o diálogo do recorte. Estão presentes na cena as personagens José Leôncio e Filó. A sequência começa com José Leôncio sentado sozinho na cama do quarto.

### **Interação 2:**

Filó: **Ocê** qué tá só?

José Leôncio: *Entra, **Filó**.*

Filó: *Qué dize que é pra gente aproveitá um cadinho? Quando seu filho chegá, a genti não vai tê jeito.*

José Leôncio (em tom de risos): *Ah, isso é verdadi.*

Filó: **Zé, ocê** vai contá pro Joventino que o Tadeu é irmão dele?

José Leôncio: *Não, esse é assunto meu, **Filó**.*

Filó: *Por isso que eu lhe perguntei.*

José Leôncio: *Acho bom ele não sabê di nada por enquanto, vamo vê como ele vai chegá, né?*

Filó: *Então pro Joventino o Tadeu vai sê só o seu afilhado?*

José Leôncio: *Arah! Pro Joventino e pra todo mundo, **Filó**... **ocê** acha que eu já devia contá logo de uma vez pra todo mundo, assim?*

Filó: *Como **cê** falou, isso é um assunto seu, porque pra mim e pro Tadeu o mundo sabê nunca foi importante, **Zé!***

José Leôncio: **Ô, Filó**. Vem cá, **Filó**.

Filó: *Posso te pedir uma coisa, **Zé?***

José Leôncio: *Claro!*

Filó: **Ocê** não vai esquecê di nós depois que o seu fio voltá, vai?

José Leôncio: *Nem que eu quisesse, **Filó**, eu ia consegui esquecê d'ocê e do Tadeuzinho. Não dá!*

Filó: *Hum, então me beja!*

Quanto às FT usadas na interação, temos a forma pronominais *você*, que se realiza nas formas *ocê* e *cê*, e os vocativos *Filó*, *Ô*, *Filó* e *Zé*.

A relação entre as duas personagens pode ser considerada a de um par romântico, já que Filó vive junto de José Leôncio e é mãe de Tadeu, supostamente filho de José Leôncio. Portanto, trata-se de uma relação mais simétrica do que a que ocorre entre Tadeu e José Leôncio. Ao longo de toda a cena, é perceptível o tom de intimidade entre eles. Podemos relacionar os traços [-distância] e [+envolvimento] para a situação de interação e os traços [+conhecido], [+íntimo] e [-formal] para a relação entre as personagens, e isso talvez explique o uso do apelido, isto é, a abreviação dos nomes Filomena e José Leôncio, em vez do nome completo no vocativo.

No que tange às formas pronominais, as personagens utilizam a FT *ocê* para referenciar a segunda pessoa, mas com o paradigma verbal da terceira pessoa do singular. Também as formas possessivas e os pronomes objetos pertencem, em sua maioria, ao paradigma pronominal da terceira pessoa (*o seu filho*; *o seu afilhado*; *um assunto seu*; *lhe perguntei*; *esquecê d'ocê*). Ainda, registra-se a ocorrência de um sincretismo entre as duas pessoas do discurso (Lopes, 2008), pelo fato de a personagem Filó se referir a José Leôncio pela forma *você* e utilizar a forma *te* em uma das falas (*te pedir*), e pelo fato de, em *me beja!* (*beija*), o verbo estar conjugado na segunda pessoa do singular. A título de menção, também notamos o uso do *a genti* (*a gente*) com função da primeira pessoa do plural, que se trata de um uso recorrente no PB.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 2 da seguinte maneira:

**Quadro 11** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 2

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Filó	José Leôncio (companheiro)	- <b>ocê</b> <i>qué tá só?</i> - <b>Zé</b> , <b>ocê</b> <i>vai contá pro Joventino que o Tadeu é irmão dele?</i> - Como <b>cê</b> <i>falou isso é um</i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+50} {f} = Y {+60} {m}]

		<p><i>assunto <u>seu</u> [...].</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Ocê</b> não vai esquecer di nós depois que o <u>seu</u> fio voltá, vai?</li> </ul>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Zé</b>, ocê vai contá pro Joentino que o Tadeu é irmão dele?</li> <li>- [...] porque pra mim e pro Tadeu o mundo sabê nunca foi importante, <b>Zé!</b></li> <li>- Posso <u>te</u> pedir uma coisa, <b>Zé?</b></li> </ul>	
José Leôncio	Filó (companheira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entra, <b>Filó</b>.</li> <li>- Não, esse é assunto meu, <b>Filó</b>.</li> <li>- Arah! Pro Joentino e pra todo mundo, <b>Filó</b>...</li> <li>- <b>Ô, Filó</b>. Vem cá, <b>Filó</b>.</li> <li>- Nem que eu quisesse, <b>Filó</b>, eu ia consegui esquecer d'ocê e do Tadeuzinho.</li> </ul>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m}] = Y {+50} {f}
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- [...] <b>ocê</b> acha que eu já devia contá logo de uma vez pra todo mundo, assim?</li> <li>- Nem que eu quisesse, Filó, eu ia consegui esquecer d'<u>ocê</u> e do Tadeuzinho.</li> </ul>	

Fonte: Elaborado pelo autor

Na sequência, voltamos nosso olhar para a relação que se estabelece entre José Leôncio e Tadeu, que permite contrastar a interação entre as duas personagens isoladamente, com as interações entre companheiro e companheira, em que a relação se mostra mais simétrica, demonstrando mais intimidade (dado o uso de *ocê/cê* e dos apelidos), e entre patrão e empregados (com Tadeu incluído). A Interação 3 refere-se a uma cena recortada do capítulo 23, fase inicial da trama, momento em que essas duas personagens, supostamente pai e filho, tratam-se como padrinho e afilhado perante as demais pessoas. A sequência começa com as duas personagens andando

pela fazenda a caminho de um avião que Tadeu conduzirá para levá-los a São Paulo. O diálogo se inicia enquanto eles se preparam para viajar.

### **Interação 3:**

José Leôncio: *Eu acho que não devia tá indo fazê essa viagem.*

Tadeu: *Se tão lhe chamando...*

José Leôncio: *Eu ia tá mais sossegado se meu filho tivesse aqui comigo.*

Tadeu: **O padrinho** tá com medo do filho batê asa e não vortá.

José Leôncio: *Eu tô com medo de perdê ele, **Tadeu**, mas tô com medo de perdê ele pra mim.*

Tadeu: *Isso não vai acontecer, não.*

José Leôncio: *Não gostei do que ele me falô ontem de noite.*

Tadeu: *Não gostô por causa di quê?*

José Leôncio: *Não sei, mas achei ele meio estranho.*

Tadeu: *É, ele é meio estranho mesmo.*

José Leôncio: *Arah! Em que sentido **ocê** tá falando?*

Tadeu: *Em sentido nenhum, não, **padrinho**.*

José Leôncio (em um tom que demonstra afeto): *Aqui **ocê** pode me chamá de pai, não tem ninguém ouvindo.*

Tadeu (em tom de desaprovação): *É por isso que eu não chamo é nunca.*

José Leôncio: *Larga a mão de bestagem, **Tadeu**.*

Tadeu: *O fio do senhor é só o outro, sempre foi.*

José Leôncio: *Ó o respeito, que ele é seu irmão!*

Tadeu: *Irmão ele não é!*

José Leôncio: *Sua mãe mentiu pra mim?*

Tadeu: *Minha mãe não ia menti uma coisa dessa!*

José Leôncio: *Então, cale a boca e toca essa joça!*

Quanto às FT usadas na interação, temos as formas pronominais/pronominalizadas *você*, que se realiza na forma *ocê* e *o senhor*, a forma nominal *o padrinho* e os vocativos *Tadeu* e *padrinho*.

Como mencionado na Interação 1, José Leôncio e Tadeu, além da relação chefe e funcionário, respectivamente, têm entre si uma relação de maior proximidade. No diálogo da Interação 3, notamos um contexto em que José Leôncio busca demonstrar mais intimidade, principalmente quando eles estão sozinhos, o que

poderia configurar os traços de [+intimidade], [-distância] e [+envolvimento] para a situação comunicativa. Já Tadeu, embora transmita respeito por José Leôncio, transparece não querer ser reconhecido como filho somente em momentos em que não haja ninguém por perto, o que o faz se afastar dessa proximidade proposta por José Leôncio. Isso pode ser notado quando Tadeu chama seu interlocutor pela forma *o senhor* em vez de *o padrinho*, como ele vinha se referindo antes de José Leôncio o interpelar dizendo que, naquele instante, ele poderia chamá-lo de pai. Com isso, podemos associar o tratamento de Tadeu perante a interação com seu pai/padrinho com o traço [ $\pm$ formal] quando o trata como *padrinho*, e [+formal] quando o trata com a FT *o senhor*, ao passo que o tratamento de José Leôncio se caracteriza como [-formal], revelando a assimetria da relação traduzida na assimetria dos usos das FT.

Também é interessante observar que José Leôncio fala para Tadeu chamá-lo de *pai*, mas em nenhum momento ele se refere a Tadeu como filho. Ao contrário, mesmo querendo buscar uma relação mais íntima entre os dois, ele utiliza somente a forma pronominal *ocê*, e o nome próprio (*Tadeu*) como vocativo.

Sobre o paradigma verbal, como nas ocorrências anteriores, as formas pronominais para referenciar a segunda pessoa do singular seguem o paradigma da terceira pessoa do singular. Os pronomes possessivos determinantes *seu* e *sua* (é *seu irmão!*; *Sua mãe mentiu*) e o pronome objeto *lhe* (*Se tão lhe chamando...*) também correspondem ao paradigma pronominal da terceira pessoa. Ainda, notamos os verbos em terceira pessoa (*tá*, *gostô*, por *está*, *gostou*) nas construções do indicativo. Já nas construções imperativo afirmativo – “Então, cale a boca e toca essa joça!” –, observamos que o verbo *calar* está em concordância com o paradigma pronominal *você*, mas o verbo *tocar* está em concordância com *tu*, o que reflete a mistura de paradigmas que se tornou comum no PB.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 3 da seguinte maneira:

#### Quadro 12 – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 3

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Tadeu	José Leôncio	- <b>O padrinho</b> tá com medo do filho batê asa e não vortá.	G [ $\pm$ formal] R [2PS] Π [3PS]

	(patrão e pai / padrinho)	- <i>Em sentido nenhum, não, <b>padrinho</b>.</i>	C [-urb] [X {+30} {m} < Y {+60} {m}]
		- <i>O fio <b>do senhor</b> é só o outro, sempre foi.</i>	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+30} {m} < Y {+60} {m}]
José Leôncio	Tadeu (peão e filho / afilhado)	- <i>Eu tô com medo de perdê ele, <b>Tadeu</b> [...].</i> - <i>Larga a mão de bestagem, <b>Tadeu</b>.</i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m} > Y {+30} {m}]
		- <i>Arah! Em que sentido <b>ocê</b> tá falando?</i> - <i>Aqui <b>ocê</b> pode me chamá de pai, não tem ninguém ouvindo.</i>	

Fonte: Elaborado pelo autor

A próxima interação refere-se a mais um diálogo entre José Leôncio e Tadeu, porém, em um contexto diferente daquele da interação anterior, pois aqui a relação deles mudou devido ao fato de José Leôncio assumir abertamente que Tadeu é seu filho. Trata-se da cena do capítulo 167, etapa final da telenovela, momento em que a personagem José Leôncio chama Tadeu de filho, publicamente. A cena começa com os filhos de José Leôncio disputando uma corrida de cavalos, em que o vencedor desse páreo irá ganhar a sela de prata do pai de José Leôncio. O diálogo inicia logo após Tadeu vencer a disputa.

#### Interação 4:

Tadeu: *Ah, **meu pai!** Venci.*

José Leôncio: ***Ocê** nem deixô os outro passá na sua frente, **filho!***

Tadeu (em tom de alegria e entusiasmo): *Viu, **pai?** **Cê** viu, **pai?***

José Leôncio (em tom de alegria e aprovação): *Essa sela agora é sua, **filho!***

Tadeu (em tom de alegria e entusiasmo): ***Ô, pai!***

Nessa interação, observamos o uso da forma pronominal *ocê*, que se realiza nas formas *ocê* e *cê*, e os vocativos *meu pai*, *pai*, *filho* e *ô, pai*. Esses vocativos evidenciam uma mudança no comportamento e na relação entre as personagens José

Leôncio e Tadeu. Diferentemente dos diálogos anteriores, em que mesmo Tadeu tendo certo grau de intimidade com Zé Leôncio, por saber que era filho dele, mas ter sido criado por ele como afilhado perante as demais pessoas, eles não tinham apresentado, em suas interações, uma reciprocidade na forma de tratar o outro. Essa mudança ocorrida se refletiu no uso das FT, o que resulta em nova etiquetagem das interações, em comparação com os dois recortes anteriores em que essas personagens interagiam, quando havia uma relação assimétrica. Especificamente, a mudança se operou com Tadeu em relação ao pai, pois, antes, ele expressava um tratamento mais distanciado, mais formal, marcado pela semântica do poder, e não da solidariedade. Agora, podemos elencar para a situação comunicativa os seguintes traços: [-formalidade], [+intimidade], [+envolvimento] e [-distância].

Essa mudança de característica deles ao longo da telenovela nos permite entender que as etiquetagens não são fixas mesmo quando envolvem as mesmas pessoas da interação, pois o contexto pode ir mudando com o tempo e, conseqüentemente, o nível de formalidade, intimidade e envolvimento também se alteram e acabam por modificar algumas relações.

Ainda sobre a mudança na relação de José Leôncio e Tadeu, vale mencionar a utilização dos vocativos: se antes Tadeu usava *padrinho* para evocar José Leôncio, agora ele o chama de *pai*, inclusive reforçando com orgulho esse ponto, como vimos na interação ao chamar *pai* duas vezes: “Viu, *paí*? *Cê viu, paí*?”. Essa proximidade com mais afeto também aparece ao usar a interjeição, com o pronome possessivo (determinante) e o vocativo: “Ah, *meu paí*!”. Além disso, José Leôncio, para evocar Tadeu, passa a utilizar o vocativo *filho*, diferentemente das interações passadas, em que utilizava o nome próprio (*Tadeu*) para se dirigir a seu interlocutor.

Referente ao paradigma verbal, como é recorrente, usa-se a terceira pessoa do singular, embora a referência seja a segunda pessoa do singular. Também a forma possessiva *sua* (*na sua frente*; *é sua, filho!*) segue o paradigma pronominal da terceira pessoa.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 4 da seguinte maneira:

**Quadro 13** – Etiquetação das formas de tratamento na Interação 4

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetação
Tadeu	José Leôncio (pai)	- Ah, <b>meu pai!</b> Venci. - Viu, <b>pai?</b> Cê viu, <b>pai?</b> - <b>Ô, pai!</b>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+30} {m} < Y {+60} {m}]
		- Viu, <b>pai?</b> <b>Cê</b> viu, <b>pai?</b>	
José Leôncio	Tadeu (filho)	- <i>Ocê nem deixô os outro passá na <u>sua</u> frente, <b>filho!</b></i> - <i>Essa sela agora é <u>sua</u>, <b>filho!</b></i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m} > Y {+30} {m}]
		- <b>Ocê</b> nem deixô os outro passá na <u>sua</u> frente, <b>filho!</b>	

Fonte: Elaborado pelo autor

Na sequência, mantendo as análises no contexto familiar, apresentamos duas interações entre as personagens José Leôncio e Jove, que são pai e filho, respectivamente. A Interação 5 é um recorte da cena do capítulo 18, momento que acontece o primeiro encontro entre as duas personagens. A sequência começa com Jove desembarcando do avião ao chegar na fazenda de seu pai, que está lhe esperando.

#### **Interação 5:**

Jove: *Eu sou o Joventino.*

José Leôncio: *E eu sou o seu pai.*

Jove: *O meu pai peão, né?*

José Leôncio: *Eu sou o seu pai peão.*

Jove: **O senhor** é o José Leôncio!

José Leôncio: *Como o seu vô me batizô.*

Jove: *Meu vô Joventino?*

José Leôncio: *Seu vô Joventino!*

Jove: *Eu esperei por esse momento a vida toda.*

José Leôncio: **Ocê** num isperô sozinho, **fiô**.

Nessa primeira interação entre as duas personagens, observamos, nas falas

de Jove, maior grau de formalidade, devido tanto ao fato de haver uma relação hierárquica entre pai e filho, quanto ao fato de ser o primeiro encontro deles. De certa forma, José Leôncio ainda é uma pessoa desconhecida para Jove, estabelecendo-se certo distanciamento entre eles, o que pode ser exemplificado pelo uso da FT o *senhor*, enquanto José Leôncio usa a forma pronominal *ocê (você)* e o vocativo *fio (filho)*, o que revela a assimetria da relação, refletida na assimetria do uso das FT.

Nas falas de José Leôncio, nota-se que essa personagem busca demonstrar mais intimidade ao se dirigir a Jove por *fio (filho)*, mesmo que tivessem passado quase toda a vida separados e distantes um do outro e não se conhecessem tão bem. Essa atitude de José Leôncio contrasta com o que observamos nas análises anteriores, em que verificamos a demora para reconhecer Tadeu publicamente como seu filho, mesmo eles tendo contato diário na fazenda, enquanto logo em seu primeiro encontro com Jove, José Leôncio já busca demonstrar maior proximidade com o filho.

Uma novidade, nessa interação, é referente às características dos circunstantes: pela primeira vez nas análises, temos uma personagem urbana, pois Jove cresceu na cidade grande.

O paradigma verbal segue o paradigma pronominal da terceira pessoa, mesmo a referência sendo a segunda pessoa do singular, e há um alinhamento no uso da forma possessiva *seu (o seu pai; seu vô)*, que segue o paradigma pronominal da terceira pessoa.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 5 da seguinte maneira:

**Quadro 14** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 5

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Jove	José Leôncio (pai)	<b>O senhor</b> é o José Leôncio!	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {+20} {m} < Y {+60} {m}]
José Leôncio	Jove (filho)	<b>ocê num isperô sozinho, fio.</b>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m} > Y {+20} {m}]
		<b>ocê num isperô sozinho, fio.</b>	

Fonte: Elaborado pelo autor

A Interação 6 expressa uma conversa posterior entre as mesmas personagens da Interação 5. O trecho é retirado do capítulo 70, após José Leôncio e Jove, o filho que antes morava na cidade grande, conviverem por certo tempo, o que pressupõe o desenvolvimento de uma relação mais próxima, mais íntima. A cena começa com Jove entrando em seu quarto após José Leôncio o repreender por pilotar o avião da fazenda sozinho, e, logo na sequência, chega seu pai, iniciando-se o diálogo.

### **Interação 6:**

José Leôncio: **Ô, fio**, eu queria te pedi descurpa pelo pito que eu te dei na frente de todo mundo. Filó disse que o seu pai aprendeu a falá com os boi e que ele não tem jeito pra muita coisa. Queria te pedi descurpa!

Jove: Eu não aceito as suas desculpas, **pai**.

José Leôncio: Não vamo começá com isso de novo, **fio**.

Jove: Não, porque eu que tenho que pedir desculpa pro senhor. Não sei onde eu tava com a cabeça, eu só queria que **o senhor** ficasse orgulhoso de mim.

José Leôncio: Como é que eu vou ficar mais orgulhoso d'ocê do que eu já tô? Pelo simples fato d'ocê tá aqui mais eu, **Joventino**.

Nessa interação, diferentemente da anterior, notamos uma mudança no relacionamento entre as duas personagens, principalmente de Jove em relação ao pai, o que se refletiu na mudança de comportamento e, conseqüentemente, no uso das FT. Enquanto na Interação 5 Jove expressava uma relação mais formal e menos íntima, sem ainda conhecer e desenvolver uma proximidade com José Leôncio, agora, ele passa a se direcionar a seu interlocutor de maneira mais próxima e com mais intimidade, como vemos ao usar o vocativo *pai*. Contudo, ao utilizar a forma pronominalizada *o senhor*, verifica-se que ainda se mantém um grau de formalidade, provavelmente expressando respeito, devido à hierarquia existente entre pai e filho.

José Leôncio mantém o esforço, demonstrado desde o primeiro encontro, de estabelecer uma relação próxima com Jove, pois ele continua a utilizar a forma pronominal *ocê* (embora não em posição de sujeito: *orgulhoso d'ocê; fato d'ocê*), além dos vocativos *fio* (*filho*), *ô, fio* e *Joventino*, nome do filho (embora não utilize o apelido pelo qual é conhecido na telenovela). Mesmo assim, pode-se dizer que a relação se tornou um pouco mais íntima e recíproca (simétrica) com o passar do tempo, refletindo-se no uso das FT.

Na interação, embora a referência real seja a segunda pessoa, o paradigma verbal segue o paradigma pronominal da terceira pessoa do singular: *que o senhor ficasse; ocê tá aqui*. Já as formas possessivas *seu* e *suas* (*seu pai; suas desculpas*) correspondem ao paradigma pronominal da terceira pessoa, enquanto o pronome objeto *te* (*eu te dei; te pedi desculpa!*) pertence ao paradigma pronominal da segunda pessoa. Registra-se, assim, um caso de sincretismo entre os paradigmas das pessoas do discurso.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 6 da seguinte maneira:

**Quadro 15** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 6

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
José Leôncio	Jove (filho)	- <b>Ô, fio</b> , eu queria te pedi desculpa ... - Não vamo começá com isso de novo, <b>fio</b> .	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m} > Y {+20} {m}]
		- Como é que eu vou ficar mais orgulhoso d' <b>ocê</b> do que eu já tô? Pelo simples fato d' <b>ocê</b> tá aqui mais eu, <b>Joventino</b> .	
Jove	José Leôncio (pai)	- Eu não aceito as <u>suas</u> desculpas, <b>pai</b> .	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {+20} {m} < Y {+60} {m}]
		- Não, porque eu que tenho que pedir desculpa <u>pro senhor</u> . Não sei onde eu tava com a cabeça, eu só queria que <b>o senhor</b> ficasse orgulhoso de mim.	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {+20} {m} > Y {+60} {m}]

Fonte: Elaborado pelo autor

Na sequência das análises, ainda no núcleo familiar dos Leôncio, selecionamos as Interações 7 e 8, a seguir, que se referem a recortes de cenas entre as personagens Jove e Tadeu, que são irmãos por parte de pai. A Interação 7 retrata um trecho do capítulo 18, fase inicial da telenovela, momento em que as

personagens ainda não sabem que são irmãos. A cena começa com Tadeu esperando Jove no aeroporto da capital para recepcioná-lo e levá-lo até a fazenda de José Leôncio.

### **Interação 7:**

Jove: **Você** que veio me buscá?

Tadeu: Se **ocê** for filho do meu padrinho...

Jove: *É, aí vai dependê de quem é o teu padrinho, né?*

Tadeu: *Depende de quem **ocê** for filho.*

Jove: *Do Zé Leôncio.*

Tadeu: *Ah, é esse mesmo.*

Jove: *Eu sou o...*

Tadeu: *Joventino.*

Jove: *E **você**?*

Tadeu: *Eu me chamo Tadeu, sô afilhado do teu pai.*

Jove: *Tadeu!*

Tadeu: *Eu vou te levá pra fazenda, me dá essas mala aqui.*

Jove: *Não, eu levo até o carro.*

Tadeu: *Quem disse que nós vamo de carro?*

Jove: *E a genti vai como? A cavalo?*

Tadeu: *A cavalo não, porque não é qualqué um que aguenta o tranco. Nós vamo montado num burro de asa.*

Jove: *Um burro de asa?*

Tadeu: *É, e se quisé fala com arguém, fale agora, porque lá não tem sinal, não.*

Jove: *Nossa! Vou ligar aqui, então, **cara**.*

Tadeu: *Nosso voo até a fazenda vai durá uns quarenta minutos. Se nós fosse de carro, ia dá umas seis hora, depende do nível da água. E se fosse pelo rio, é pra mais de doze hora. **Joventino Leôncio**, que Nossa Senhora do Pantanal te receba de braços aberto! Acho que **ocê** vai gostá da viagem.*

Jove: *Ai, **Tadeu**, posso fazer umas fotos lá de cima, **cara**?*

Tadeu: *Vai ficar top. Vô tirá essa porta aí pra **ocê**, então. Agora, firma esse cinto aí, **home**. E amarra bem essa câmara, **ocê** não é Tuiuiu pra saí avoando, não.*

Nesse diálogo, observamos o primeiro contato das duas personagens, e por não se conhecerem, a interação se apresenta de maneira mais formal e menos íntima, evidenciando que Tadeu está ali para um objetivo, que é cumprir a ordem de José

Leôncio de levar Jove até a fazenda. Isso pode ser ilustrado quando ele diz “Eu vou te levá pra fazenda, me dá essas mala aqui”, em que parece haver uma ideia de subserviência de Tadeu perante Jove, que é filho de seu patrão – lembrando que nessa etapa da telenovela Tadeu ainda não tinha conhecimento de que também seria filho de José Leôncio.

Ao mesmo tempo em que não há proximidade/intimidade entre essas personagens, e que se espera alguma hierarquia (pois Tadeu é funcionário do pai de Jove e está no aeroporto para cumprir sua função), é importante mencionar que Tadeu e Jove estão na mesma faixa etária, o que pode explicar a não ocorrência da FT (*o senhor*, geralmente usada com interactantes mais velhos. Além disso, Tadeu se apresenta como afilhado de José Leôncio, e não como funcionário. É possível notar que os dois interactantes utilizam a forma pronominal *você* ou *ocê* para se dirigir um ao outro. Essas características permitem caracterizar a relação como mais simétrica.

Quanto aos pronomes possessivos (determinantes) e pronomes objeto, destaca-se o sincretismo entre pessoas do discurso no uso das formas *teu* e *te* quando o pronome sujeito *você/ocê* é usado. Quanto aos vocativos, é interessante observar que ambos utilizam o nome próprio para chamar seu interlocutor, embora Tadeu utilize o nome completo do interlocutor, *Joventino Leôncio*, o que acarreta um tom mais formal, ao menos provisoriamente. Isso ocorre em um contexto cerimonioso, caracterizado por um pedido de proteção a um ser sacralizado: “*Joventino Leôncio*, que Nossa Senhora do Pantanal te receba de braços aberto!”.

Outros dois vocativos são usados: Tadeu utiliza *home* (*homem*), enquanto Jove faz uso do vocativo *cara*. Essa diferença talvez possa se explicar pelos distintos espaços geográficos de origem das personagens: de um lado, o espaço pantaneiro, rural, e de outro, o espaço da cidade grande (Rio de Janeiro, uma capital). Os comportamentos linguísticos, incluindo o uso de gírias, estão intimamente ligados ao contexto geográfico e social dos falantes.

Referente ao paradigma verbal, as formas pronominais seguem o paradigma da terceira pessoa do singular, embora a referência real seja a segunda pessoa do singular. Contudo, a forma possessiva *teu* (o teu padrinho, do teu pai) e o pronome objeto *te* (*vou te levá*, te receba) correspondem ao paradigma pronominal da segunda pessoa. Além disso, a forma imperativa *amarra*, em “E amarra bem essa câmara, ocê não é Tuiuiu pra saí avoando, não”, pertence à conjugação da segunda pessoa do singular (*tu*), embora seja usado no mesmo enunciado que a FT *você*, o que reforça

o fenômeno do sincretismo entre as pessoas do discurso. Um ponto a ser ressaltado é o uso da primeira pessoa do plural: na interação, Jove usa a forma *a gente*, enquanto Tadeu faz uso do *nós*, que se realiza na forma *nóis*.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 7 da seguinte maneira:

**Quadro 16** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 7

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Jove	Tadeu (afilhado do pai de Jove)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Você</b> que veio me buscá?</li> <li>- E <b>você</b>?</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nossa! Vou ligar aqui, então, <b>cara</b>.</li> <li>- Ai, Tadeu, posso fazer umas fotos lá de cima, <b>cara</b>?</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ai, <b>Tadeu</b>, posso fazer umas fotos lá de cima, cara?</li> </ul>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {+20} {m} = Y {+30} {m}]
Tadeu	Jove (filho do padrinho)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Se <b>ocê</b> for filho do meu padrinho...</li> <li>- Depende de quem <b>ocê</b> for filho.</li> <li>- Acho que <b>ocê</b> vai gostá da viagem.</li> <li>- Vai ficar top. Vô tirá essa porta aí <u>pra ocê</u>, então.</li> <li>- E amarra bem essa câmara, <b>ocê</b> não é Tuiuiu pra saí avoando, não.</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Agora firma esse cinto aí, <b>home</b>.</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Joventino Leôncio</b>, que Nossa Senhora do Pantanal <u>te</u> receba de braços aberto!</li> </ul>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+30} {m} = Y {+20} {m}]
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Joventino Leôncio</b>, que Nossa Senhora do Pantanal <u>te</u> receba de braços aberto!</li> </ul>	G [±formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+30} {m} > Y {+20} {m}]

Fonte: Elaborado pelo autor

Seguindo com as mesmas personagens, a Interação 8 já retrata uma cena do

capítulo 57, fase da trama em que Tadeu e Jove já sabem que são irmãos. A cena se inicia com Jove tocando um berrante ao chegar no galpão da fazenda, onde estão Tadeu, com quem conversará, e os demais peões, José Lucas e Trindade.

### **Interação 8:**

Tadeu: **Aô, peão!** *É por aí mesmo, mano.*

José Lucas: *Agora é só questão de prática.*

Jove: *Eu vou praticá daqui até Aquidauana.*

Tadeu: **Ocê** *só pode tá de brincadeira com nós, né?*

Jove: *Tô não, cara. A gente vai saí em comitiva.*

Trindade: *Quando **ocê** diz nós, **cê** qué dizê o quê?*

Jove: *Vô junto.*

Tadeu: **Ocê** *me perdoe, irmão Joventino. Nós aqui tudo tá dando conta do teu esforço, tam orgulhoso, mais ninguém vai corrê esse risco aqui, não.*

Logo no início da interação, temos uma mudança de tratamento em comparação ao da análise anterior, pois, aqui, Tadeu, que já tem ciência de que Jove é seu irmão, passa a tratá-lo como *mano* e *irmão Joventino*, o que torna ainda mais simétrica a relação. Além disso, ao usar o vocativo *Aô, peão!*, Tadeu equipara o irmão a ele próprio, uma vez que Jove aprendeu a tocar o berrante e, portanto, aproximou-se do que é ser peão de fazenda. Jove continua usando o vocativo *cara*, uma gíria urbana usada em situações comunicativas simétricas. Nota-se, portanto, que se desenvolveu uma proximidade na relação das duas personagens entre a primeira interação e a atual.

Na fala da personagem Trindade, que é um dos peões da fazenda, é interessante destacar o uso da FT *você* – “Quando *ocê* diz nós, *cê* qué dizê o quê?” – para se direcionar a Jove, que é filho de seu patrão, fato que hipoteticamente poderia levar a tratá-lo de modo mais formal. Talvez a opção por utilizar o *você* ocorra por causa da idade de Jove, que é mais novo em relação a Trindade, e, também, por conviverem no mesmo espaço, o que promove certo grau de aproximação/intimidade, ainda que exista uma hierarquia social entre eles.

Ainda com relação a essa fala de Trindade, é interessante observar que a referência da forma pronominal *a gente*, usada no turno anterior de Jove – “*A gente vai saí em comitiva*” –, não ficou clara para Trindade, que pede esclarecimento:

“Quando *ocê* diz *nóis*, *cê* qué dizê o quê?”. E nota-se que as personagens Tadeu e Trindade utilizam *nóis*, enquanto Jove usa a *gente*, diferenciação que supomos ocorrer devido a ser esta última uma forma inovadora no PB, com a qual Jove, por ser de origem urbana, teria mais contato.

Como ocorre na maior parte das interações destacadas para análise, o paradigma verbal utilizado segue a terceira pessoa do singular, embora a referência real seja a segunda pessoa. A forma possessiva *teu* (do *teu* esforço), no entanto, pertence ao paradigma pronominal da segunda pessoa.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 8 da seguinte maneira:

**Quadro 17** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 8

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Tadeu	Jove (irmão)	- <b>Aô, peão!</b> É por aí mesmo, <i>mano</i> . - Aô, peão! É por aí mesmo, <b>mano</b> . - <i>Ocê me perdoe, irmão Joventino</i> . - <b>Ocê</b> só pode tá de brincadeira com <i>nóis</i> , né? - <b>Ocê</b> me perdoe, irmão Joventino.	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+30} {m} = Y {+20} {m}]
Jove	Tadeu (irmão)	- Tô não, <b>cara</b> . A <i>gente</i> vai saí em comitiva.	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [+urb] [X {+20} {m} = Y {+30} {m}]
Trindade	Jove (patrão)	- Quando <b>ocê</b> diz <i>nóis</i> , <b>cê</b> qué dizê o quê?	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+40} {m} = Y {+20} {m}]

Fonte: Elaborado pelo autor

Para finalizar as análises das falas do núcleo de José Leôncio, com os trechos mais representativos que envolvam diferentes momentos e contextos de sua personagem, selecionamos o recorte a seguir, que se refere a uma cena do capítulo

20, mostrando uma interação entre José Leôncio e Tenório, outro fazendeiro da região. O trecho começa com os dois sentados no sofá da casa de José Leôncio, tomando pinga e conversando, enquanto aguardam Jove e Guta, seus respectivos filhos, voltarem de um passeio.

### **Interação 9:**

José Leôncio: *Arah! Tô preocupado com esses dois que não vorta!*

Tenório: *Seu filho me pareceu um sujeito de bem, não tem perigo eles saírem por aí pra darem um passeio.*

José Leôncio: *O perigo é eles se perderem.*

Tenório: **O amigo** *me dá mais um gole dessa cachaça? Essa pinga realmente é especial!*

José Leôncio: *Essa é da reserva particular.*

Tenório: *Se eu fabricasse uma pinga dessa, eu já tava no mercado vendendo feito água.*

José Leôncio: *É por isso que eu não faço isso.*

Tenório: **O amigo** *não vai me dizer que não gosta de ganhá um dinheirinho?*

José Leôncio: *Não às custa do vício dos outro. Por falá nisso, como é que anda os negócio?*

Tenório: *Mexê com terra, como tudo nesse país, é um negócio complicado que só tem a piorá.*

José Leôncio: *Por isso que eu não coloco todos os ovo dentro do mesmo cesto.*

Tenório: *Meu negócio é vendê terra.*

José Leôncio: *E o amigo* **começô** *por onde?*

Tenório: *Eu comecei por Sarandi, uma cidadezinha esquecida pelo mundo.*

José Leôncio: *Imagino que nessas suas andanças aí o amigo já deve tê topado com muita gente sem-vergonha...*

Tenório: *O pesadelo do esperto é topá com outro no caminho.*

José Leôncio: *É, e dois esperto, quando se junta, coisa boa não vai saí.*

Para relembrar os papéis das personagens dessa interação, Tenório é um fazendeiro que havia chegado recentemente ao Pantanal e que tem um passado misterioso perante as pessoas da região. José Leôncio é seu vizinho. Em todo o trecho da Interação 9, temos a repetição de uma única FT: a forma nominal *o amigo*, usada duas vezes pelas duas personagens. A princípio, essa forma nominal, por seu conteúdo semântico, mostra uma simetria na relação entre os dois envolvidos no

diálogo, pois estão em mesmo nível social; porém, também, percebe-se um certo grau de ironia ao utilizarem a forma nominal *o amigo* para um se dirigir ao outro. O uso dessa forma na interação fez parecer uma estratégia que ambos buscaram para transparecer uma intimidade que não existe, com o intuito de extraírem informações um do outro de uma maneira sutil. Essa interpretação também é possível pelo desenrolar da trama, pela rivalidade que se desenvolve entre essas personagens.

Pela equidade de atributos sociolinguísticos (sexo, faixa etária e *status* social) entre as duas personagens, podemos caracterizar essa interação como simétrica, de forma que a FT recorrentemente usada reflita essa simetria. Contudo, embora possamos dizer que essa FT revele o traço [-formal], o contexto comunicativo, que nos permite reconhecer o tom irônico com que a forma nominal *o amigo* é utilizada, autoriza-nos caracterizar o tratamento como [±íntimo] e [±conhecido].

O paradigma verbal segue as formas pronominais de terceira pessoa do singular, embora a referência real seja a segunda pessoa. Também o pronome possessivo *seu* direciona ao paradigma pronominal da terceira pessoa.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 9 da seguinte maneira:

**Quadro 18** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 9

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Tenório	José Leôncio (vizinho e rival)	- <b>O amigo</b> me dá mais um gole dessa cachaça? - <b>O amigo</b> não vai me dizer que não gosta de ganhá um dinheirinho?	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m} = Y {+60} {m}]
José Leôncio	Tenório (vizinho e rival)	- <b>E o amigo</b> começô por onde? - Imagino que nessas <u>suas</u> andanças aí <b>o amigo</b> já deve tê topado com muita gente sem-vergonha...	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m} = Y {+60} {m}]

Fonte: Elaborado pelo autor

Na sequência das análises, apresentamos novas personagens, que também trazem em suas falas uma gama de registros no que se refere às FT e, ainda, destacam a volatilidade dessas formas a depender do contexto de produção. As

Interações 10, 11 e 12 referem-se a recortes de cenas entre duas dessas personagens, Alcides e Tenório, que acabam se antagonizando no decorrer da telenovela por rivalidade amorosa, pois Alcides, peão do fazendeiro Tenório, envolve-se com Maria Bruaca, companheira do patrão.

A Interação 10 é recortada do capítulo 17, e é a primeira cena da telenovela em que essas personagens contracenam, momento em que a rivalidade que mencionamos ainda não se desenvolveu. A sequência começa com Tenório sozinho, sentado em sua cadeira no escritório de sua casa, na fazenda. Logo em seguida, chega Alcides para relatar a Tenório que uma caminhonete desconhecida havia entrado na propriedade sem sua permissão. Assim inicia o diálogo:

### **Interação 10:**

Alcides: *Eu vi a quatro por quatro chegando lá na estrada e fui na porteira vê, mas como eu não conhecia, mandei eles vortá, só que a mocinha já saltô da caçamba e já veio entrando.*

Tenório: *Quem é que trouxe ela?*

Alcides: *Ah, **patrão**, isso aí eu já não sei dizê. Só sei que o sujeitinho lá deu meia vorta e tão cedo aquele ali não vai botá as cara por aqui, não!*

Tenório: *É isso que eu espero, **Alcides**. Não gosto de gente estranha vindo cheirar o que é meu.*

Alcides: *E eu não sei, **patrão**. Tanto, por isso mesmo que eu mandei ele vortá, só que a mocinha quis nem sabê.*

Tenório: *Não! A mocinha é a minha filha, não ia aceitá ordem de um sujeito qualquer. E, mais do que minha filha, ela é sua patroa.*

Alcides: *Ah, mas isso aí **o senhor** não precisa nem dizê mais.*

Tenório: *Mas é sempre bom lembrar, eu quero que **você** fique de olho enquanto ela tivê aqui.*

Quanto às FT usadas na interação, temos a forma pronominal *você* e a forma nominal pronominalizada *o senhor*, além dos vocativos *patrão* e *Alcides*. Nessa primeira interação entre as personagens, é evidente a subordinação de Alcides em relação a Tenório, seu patrão. A utilização reiterada do vocativo *patrão* e o uso da forma *o senhor* pela personagem Alcides demonstra os traços [+formal], [-íntimo], [-conhecido] e [+distante] nessa relação com seu interlocutor. Tenório, por sua vez, utiliza a forma pronominal *você*, bem como o vocativo composto pelo nome próprio *Alcides*, para se direcionar a seu funcionário. Embora utilize uma forma mais informal,

Tenório mantém certa distância de seu interlocutor devido à hierarquia patrão-funcionário existente entre eles.

Sobre o paradigma verbal, verificamos, novamente, que o verbo segue a terceira pessoa do singular, mesmo a referência real sendo a segunda pessoa, o que se explica pelo uso das formas pronominais/pronominalizadas. O pronome possessivo *sua* também segue o paradigma pronominal da terceira pessoa.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 10 da seguinte maneira:

**Quadro 19** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 10

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Alcides	Tenório (patrão)	- Ah, <b>patrão</b> , isso aí eu já não sei dizê. - E eu não sei, <b>patrão</b> .	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+40} {m} < Y {+60} {m}]
		- Ah, mas isso aí <b>o senhor</b> não precisa nem dizê mais.	
Tenório	Alcides (peão, funcionário)	- É isso que eu espero, <b>Alcides</b> .	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m} > Y {+40} {m}]
		- Mas é sempre bom lembrar, eu quero que <b>você</b> fique de olho enquanto ela tiver aqui.	

Fonte: Elaborado pelo autor

A Interação 11 é retirada do capítulo 101, aproximadamente na metade do andamento da telenovela. Após brigar com a personagem Jove, na fazenda de José Leôncio, Alcides chega ao galpão da fazenda de Tenório, no dia seguinte, e encontra seu patrão escondendo a arma do peão, para evitar que este a pegasse com o intuito de se vingar de Jove.

#### **Interação 11:**

Tenório: *Vai parar com essa brincadeira, **Alcides**.*

Alcides: *O que **o senhor** tá fazendo?*

Tenório: *Eu tô evitando que **você** faça uma besteira, isso sim!*

Alcides: *Deixa a minha arma aí, **patrão**.*

Tenório: *Depois do que **você** passou ontem, passar de novo a mesma coisa pra se botar no teu lugar?*

Alcides: *Uai, mas as coisa não vão ficá do jeito que tão, não!*

Tenório: ***Você** é uma vergonha pro teu pai!*

Alcides: *Por que que **o senhor** falô isso?*

Tenório: *O teu pai não era de prosa, ele não falava “eu vou matar”, ele matava.*

Quanto às FT usadas na interação, temos, novamente, as formas pronominais e os vocativos utilizados na Interação 10: *você, o senhor, Alcides e patrão*. Com um contexto similar à análise anterior, observamos o grau de formalidade da personagem Alcides perante seu patrão, mantendo o uso da forma *o senhor* e do vocativo *patrão*. É interessante notar que, mesmo com o passar do tempo e uma conseqüente aproximação de convívio entre eles, a relação hierárquica de poder não deixa de existir, o que caracteriza uma relação assimétrica que se reflete nas FT usadas.

Nas falas de Tenório, além de observarmos as mesmas características da Interação 10 quanto ao uso das FT, notamos o registro de sincretismo no uso das pessoas do discurso quando ele se dirige a Alcides com a forma pronominal *você*, mas com o uso do pronome possessivo *teu* (em três ocorrências). No que diz respeito ao paradigma verbal, como é recorrente, segue-se a terceira pessoa do singular, mesmo a segunda pessoa sendo a referência real, embora o pronome possessivo (determinante) *teu* se alinhe ao paradigma pronominal da segunda pessoa.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos categorizar a Interação 11 da seguinte maneira:

**Quadro 20** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 11

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Tenório	Alcides (peão, funcionário)	- <i>Vai parar com essa brincadeira, <b>Alcides</b>.</i>  - <i>Eu tô evitando que <b>você</b> faça uma besteira, isso sim!</i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+40} {m}] > Y {+60} {m}]

		- Depois do que <b>você</b> passou ontem [...]. - <b>Você</b> é uma vergonha pro <u>teu</u> pai!	
Alcides	Tenório (patrão)	- O que <b>o senhor</b> tá fazendo? - Por que que <b>o senhor</b> falou isso?  - Deixa a minha arma aí, <b>patrão</b> .	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+40} {m} < Y {+60} {m}]

Fonte: Elaborado pelo autor

A Interação 12 é retirada do capítulo 164, que está mais ao final da telenovela. Após descobrir a traição de sua esposa, Maria Bruaca, com o ex-peão de sua fazenda, Alcides, Tenório expulsa sua mulher de casa e espanca Alcides. Posteriormente, Alcides planeja se vingar, criando um plano para matar seu ex-patrão. Passados alguns capítulos, ele consegue encontrar Tenório sozinho às margens do rio, onde ocorre o seguinte diálogo:

### Interação 12:

Alcides: *Chegô a sua hora, **capiroto**.*

Tenório: *Ah, **Alcides!** Ainda não se deu por satisfeito, não?*

Alcides: *Eu vortei pra acabá com a tua raça.*

Tenório: *Ah, é? Então por que **você** não puxa logo essa arma e atira?*

Alcides: *Só preciso dessa zagaia somente pra acabá com **ocê**.*

Tenório: *Então por que **você** não ponha essa zagaia de lado e luta comigo feito um homem?*

Alcides: ***ocê** não sabe o que a palavra “home” qué dizê.*

Tenório: *Ué! Quem está ameaçando um homem desarmado aqui é **você, Alcides**.*

Alcides: *Então, bora! Que eu vou acabá com a tua raça na unha... **ocê** não tava falando que queria me enfrentá de home pra home?*

Na Interação 12, diferentemente do que ocorre nas Interações 10 e 11, observamos uma mudança drástica no relacionamento entre as duas personagens, principalmente de Alcides. Se anteriormente existia maior formalidade e uma hierarquia que demandava uma atitude de respeito de Alcides em relação a Tenório,

agora nota-se que Alcides, por não ser mais funcionário de Tenório, não reflete em sua fala os mesmos traços de formalidade e respeito (ou subordinação). O uso da forma pronominal *ocê* e do vocativo *capiroto* (gíria brasileira que significa *diabo*, *demônio*, *satanás*) em vez da forma pronominalizada *o senhor* ou do vocativo *patrão*, pela personagem Alcides para se dirigir a Tenório, reflete essa mudança na relação entre as personagens e vincula-se a um contexto em que elas aparecem na mesma posição.

Em contrapartida, na fala de Tenório – “Ah, *Alcides!* Ainda não se deu por satisfeito, não?” –, percebemos que há um tom de deboche e superioridade da personagem, pois Tenório ainda quer demonstrar que tem mais poder do que Alcides pelo fato de ter mais dinheiro e ter dado uma surra em seu algoz. Porém, a situação entre eles referente aos aspectos de tratamento já está equiparada, o que reforça a simetria já marcada pela eliminação da relação patrão-empregado e pela disputa pela mesma mulher.

Referente ao paradigma verbal, como é comum, mesmo a referência real sendo a segunda pessoa, o verbo segue o paradigma pronominal da terceira pessoa do singular. A forma possessiva *tua* (*acabá com a tua raça* – duas ocorrências), no entanto, corresponde ao paradigma pronominal da segunda pessoa, o que revela o sincretismo entre as pessoas do discurso, comum no PB.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 12 da seguinte maneira:

**Quadro 21** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 12

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Alcides	Tenório (ex-patrão)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Chegô a sua hora, <b>capiroto</b>.</i></li> <li>- <i>Só preciso dessa zagaia somente pra acabá com <b>ocê</b>.</i></li> <li>- <i><b>ocê</b> não sabe o que a palavra “home” qué dizê.</i></li> <li>- <i><b>ocê</b> não tava falando que queria me enfrentá de home pra home?</i></li> </ul>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+40} {m} = Y {+60} {m}]

Tenório	Alcides (ex-peão)	- Ah, <b>Alcides!</b> - <i>Quem está ameaçando um homem desarmado aqui é você, <b>Alcides.</b></i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+60} {m} = Y {+40} {m}]
		- <i>Então por que <b>você</b> não ponha essa zagaia de lado e luta comigo feito um homem?</i> - <i>Quem está ameaçando um homem desarmado aqui é <b>você</b>, Alcides.</i>	

Fonte: Elaborado pelo autor

Na sequência, selecionamos as Interações 13 e 14, referentes às cenas entre as personagens Maria Bruaca e Alcides (respectivamente, companheira e funcionário de Tenório), que tiveram um envolvimento amoroso na telenovela. É importante destacar que a mudança nas relações entre as personagens Alcides e Tenório registradas ao longo das Interações 10, 11, e 12 apresenta ligação com esses próximos dois recortes, devido ao envolvimento do ex-funcionário de Tenório com Maria Bruaca.

A Interação 13 é uma cena do capítulo 22, em que os dois contracenam pela primeira vez. A cena começa com o diálogo entre a personagem Alcides, que está na cozinha de seus patrões, e Maria Bruaca, quando ela ordena seu funcionário que se sente à mesa para almoçar com ela, já que seu marido e sua filha não estavam em casa. Por ser na fase inicial da telenovela, eles ainda não têm uma relação tão próxima, ficando o diálogo restrito à relação entre patroa e funcionário.

### Interação 13:

Alcides: *Eu não posso cumê na mesa do patrão, não, **dona Maria.** Se o Tenório soubé, ele vai arruncá o meu coro.*

Maria Bruaca: **Cê** fica sentado aí e cala sua boca!

Alcides: **A senhora** é quem manda.

Maria Bruaca: *E vê se **ocê** come feito genti.*

Alcides: *Tá bom, vô tentá.*

Maria Bruaca: *Tava esperando o teu patrão e a minha fia pra almoçá, mas como nem um nem outro vieram, eu resolvi que não vô almoçá sozinha.*

Alcides: *Pois tá certo.*

Maria Bruaca: *Então, cale esse bico e vê se come! Anda, **Arcides**, come!*

Quanto às FT usadas na interação, temos as formas pronominais *você*, que se realiza nas formas *ocê* e *cê*, e *a senhora*. Há também os vocativos *dona Maria* e *Arcides*.

A interação em todo seu desenvolvimento demonstra o jogo de poder que existe em uma hierarquia social, no caso em questão, entre a patroa e seu funcionário. O tom impositivo que a personagem Maria Bruaca utiliza no enunciado “Cê fica sentado aí e cala sua boca!” e o modo como Alcides a responde – “A *senhora* é quem manda” – exemplificam essa percepção. Alcides se dirige a Maria Bruaca por meio do vocativo *dona Maria* e da forma pronominalizada *a senhora*, que refletem mais respeito (ou subordinação), evidenciando os traços [+formal], [+distante], [-íntimo] e [-conhecido].

A personagem Maria Bruaca, por ser esposa de Tenório, o patrão de Alcides, conseqüentemente, também é posta em uma hierarquia superior ao peão, como já afirmado. Assim, mesmo utilizando a forma pronominal *você/ocê* para se dirigir a seu funcionário, há uma distância entre eles já estabelecida.

Muito recorrente nas outras interações, nesta também o paradigma verbal segue a terceira pessoa do singular, mesmo a referência real sendo a segunda pessoa. Nas falas da personagem Maria Bruaca, nessa interação, observamos o registro de sincretismo entre paradigmas pronominais quando ela utiliza o *você* (*cê/ocê*) para tratar Alcides, mas com o possessivo *teu* (*o teu patrão*), correspondente à forma pronominal *tu*. Esse mesmo sincretismo se verifica no uso dos verbos no imperativo afirmativo: no enunciado “Cê fica sentado aí e cala sua boca!”, a FT exige verbo na terceira pessoa (do ponto de vista da norma-padrão), mas *cala* pertence à conjugação do *tu*; já no enunciado “Então, cale esse bico e vê se come!”, o verbo *calar* segue a conjugação da terceira pessoa do singular, mas o verbo *ver* segue a conjugação da segunda pessoa do singular.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 13 da seguinte maneira:

**Quadro 22** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 13

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Alcides	Maria Bruaca (patroa)	- <i>Eu não posso cumê na mesa do patrão, não, <b>dona Maria</b>.</i>	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+40} {m} < Y {+50} {f}]
		- <i><b>A senhora</b> é quem manda.</i>	
Maria Bruaca	Alcides (peão, funcionário)	- <i><b>Cê</b> fica sentado aí e cala <u>sua</u> boca!</i> - <i>E vê se <b>ocê</b> come feito genti.</i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+50} {f} > Y {+40} {m}]
		- <i>Anda, <b>Arcides</b>, come!</i>	

Fonte: Elaborado pelo autor

O próximo recorte vem do capítulo 133. Após consumarem o envolvimento amoroso, Alcides e Maria Bruaca saem da fazenda de Tenório e vão morar na casa de José Leôncio. A essa altura dos acontecimentos, o novo casal já é inimigo declarado de Tenório. O recorte do diálogo em análise começa com a cena das duas personagens dormindo juntas em uma cama.

#### **Interação 14:**

Maria Bruaca: **Arcides!**

Alcides: *Que foi?*

Maria Bruaca: *Tô preocupada.*

Alcides: *Preocupada com o quê, **bem?***

Maria Bruaca: *Eu tô preocupada com **ocê**, e eu acho mior **cê** acertá as suas conta com seu José Leôncio e buscá o teu rumo. Pelo menos até tudo passá.*

Alcides: *Não, **Maria!***

Maria Bruaca: ***Cê** não conhece o meu marido.*

Alcides: *Ex-marido! A doutora memo própria falô que depois que ele botô **ocê** pra fora di casa, **ceis** dois não têm mais é nada.*

Quanto às FT usadas na interação, temos a forma pronominal *você*, que se realiza nas formas *ocê*, *cê* e *ceis*, usada por ambas as personagens, refletindo uma relação solidária. Além disso, os vocativos usados por ambos demonstram maior

intimidade: os nomes próprios *Arcides* e *Maria*, e a forma carinhosa *bem* (*meu bem*), que expressa intimidade.

Em comparação com a Interação 13, percebemos uma mudança no tratamento entre as personagens, pois a formalidade que existia perante a relação hierárquica patroa-funcionário deixou de existir, e com o envolvimento amoroso deles no decorrer da telenovela, surgiram novas formas para um se direcionar ao outro, especialmente no caso de Alcides. Enquanto Maria Bruaca, que utiliza as mesmas FT nas duas interações, teve sua mudança pelo contexto, desenvolvendo os traços [+íntimo], [-formal], [+próximo] e [+conhecido], Alcides parou de utilizar o *dona Maria, a senhora* e passou a tratar a, agora, sua mulher pelos vocativos *bem* e *Maria* e pela forma pronominal *ocê*. Desse modo, desfaz-se o distanciamento hierárquico de poder que era estabelecido anteriormente, permitindo novos traços na descrição dessa relação: [-formal], [+íntimo], [+próximo] e [+conhecido].

Assim como na análise anterior, a fala de Maria Bruaca aqui também segue refletindo o sincretismo entre os paradigmas pronominais ao utilizar o pronome possessivo *teu* (o *teu* *rumo*) com a forma *você*. Sobre o paradigma verbal, embora a referência seja a segunda pessoa, o verbo segue a terceira pessoa do singular, como também a forma possessiva *suas* (as *suas* *conta*) segue o paradigma pronominal da terceira pessoa do singular.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 14 da seguinte maneira:

**Quadro 23** – Etiquetagem das formas de tratamento na Interação 14

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetagem
Maria Bruaca	Alcides (namorado)	- <b><i>Arcides!</i></b>  - <i>Eu tô preocupada com <b>ocê</b>, e eu acho mior <b>cê</b> acertá as <u>suas</u> conta com seu José Leôncio e buscá o <u>teu</u> rumo.</i> - <b><i>Cê não conhece o meu marido.</i></b>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+50} {f} = Y {+40} {m}]
Alcides		- <i>Preocupada com o quê, <b>bem?</b></i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS]

	Maria Bruaca (namorada)	- Não, <b>Maria!</b>	C [-urb] [X {+40} {m} = Y {+50} {f}]
		- A doutora memo própria falô que depois que ele botô <b>ocê</b> pra fora di casa, <b>ceis</b> dois não têm mais é nada.	

Fonte: Elaborado pelo autor

Para finalizar a análise, selecionamos uma interação entre personagens representativas na trama que ainda não apareceram nas análises anteriores. Trata-se de uma cena entre Juma e o Velho do Rio, do capítulo 19. A sequência começa com a personagem Velho do Rio batendo na porta da casa de Juma, onde está também presente a personagem Muda. Para relembrar os papéis dessas personagens, o Velho do Rio é retratado como um homem/ser místico do Pantanal, que, desde o nascimento de Juma, esteve protegendo a moça na figura de um padrinho/protetor. Já a personagem Muda, que surgiu na história inicialmente para prejudicar a vida de Juma, acaba se tornando sua melhor amiga; porém, seu comportamento arredio faz com que desconfie de todos que se aproximem dela e de Juma. No trecho recortado, somente as personagens Juma e Velho do Rio conversam, mas Juma se dirige também a Muda, para acalmá-la.

### Interação 15:

Juma: *Quem tá aí?*

Velho do Rio: *É de paz, **Juma!** Sou eu.*

Juma: *É o Veio, **Muda.** Não precisa tê medo dele, não. **Ô, Veio,** entre.*

Velho do Rio: *Ah!*

Juma: ***O senhor** sumiu.*

Velho do Rio: *Minha morada é o tempo, **Juma.** E o tempo é onde o oio do home não vê.*

Juma: *Eu gosto de ouvi **ocê** falá! Mais eu sinto falta quando **ocê** não vem.*

Velho do Rio: *E quem disse que eu não tava aqui esse tempo todo? E ela é a Muda?*

Juma: *Uhum! O Veio é amigo, **Muda.** Pode confiá nele.*

Velho do Rio: *Ela qué sabê quem eu sou, **Juma?***

Juma: *O Veio é o pai de todas as sucuri, a maior, né, **Veio?***

Velho do Rio: *E foi enquanto cobra que eu vi a Maria Marruá virá onça pela primeira vez. Eu, **ocê** e vosso pai.*

Ao longo de toda interação, vemos a devoção que a personagem Juma demonstra em relação ao Velho do Rio, por defini-lo como seu protetor. Isso pode ser exemplificado pelo uso da expressão vocativa *Ô, Veio* e pela forma nominal pronominalizada *O senhor*, que, nesse contexto, expressa respeito e carinho a seu interlocutor, além de entrar em jogo o aspecto da faixa etária, já que é recorrente o uso dessa FT para dirigir-se a pessoas mais velhas, no PB. Por outro lado, há uma proximidade entre eles, como Juma evidencia nos seguintes enunciados: “Eu gosto de ouvi *ocê* falá! Mais eu sinto falta quando *ocê* não vem” e “O Veio é o pai de todas as sucuri, a maior né, *Veio*?”. Por essas características de uso das FT e das pistas contextuais, podemos descrever essa relação com os traços [-formal], [+íntimo], [-distante] e [+conhecido], mesmo intercalando-se o uso da forma pronominal *ocê* com a forma *o senhor*, que é [+formal], mas que, nesse caso, parece não refletir uma hierarquia, mas uma relação de carinho e de cortesia entre uma afilhada e seu padrinho.

A personagem Velho do Rio também demonstra proximidade com Juma, destacando em sua relação os mesmos traços que sua protegida. Na interação, o Velho do Rio, para chamar sua interlocutora, utiliza apenas o vocativo com o nome próprio da personagem, *Juma*, e para se endereçar a ela, usa a forma pronominal *ocê*, em sua variante fonológica *ocê*. Muda, a terceira personagem, como denota seu nome, não fala, mas Juma se dirige a ela por duas vezes, usando o vocativo *Muda*.

Um fato interessante na fala do Velho do Rio é a utilização da forma possessiva *vosso*, que remete à segunda pessoa do plural, quando faz referência ao pai da personagem Juma no trecho *eu, **ocê** e vosso pai*. Supomos que a escolha por essa forma possa estar ligada à faixa etária da personagem, tendo em vista que, atualmente, tanto o pronome sujeito *vós* quanto os pronomes objeto e as formas possessivas correlatas estão caindo em desuso e dando espaço para outras formas.

Referente ao paradigma verbal, embora a referência real seja a segunda pessoa, o verbo segue a conjugação da terceira pessoa do singular.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos descrever a Interação 15 da seguinte maneira:

**Quadro 24** – Etiquetação das formas de tratamento na Interação 15

Locutor	Interlocutor	Forma de tratamento	Etiquetação
Velho do Rio	Juma (afilhada)	- <i>É de paz, <b>Juma!</b> Sou eu.</i> - <i>Minha morada é o tempo, <b>Juma.</b></i> - <i>Ela qué sabê quem eu sou, <b>Juma?</b></i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+80} {m} > Y {+20} {f}]
		- <i>Eu, <b>ocê</b> e <u>vosso</u> pai.</i>	
Juma	Velho do Rio (padrinho, protetor)	- <i><b>Ô, Veio,</b> entre.</i> - <i>O Veio é o pai de todas as sucuri, a maior, né, <b>Veio?</b></i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+20} {f} < Y {+80} {m}]
		- <i>Eu gosto de ouvi <b>ocê</b> falá! Mais eu sinto falta quando <b>ocê</b> não vem.</i>	
		- <i><b>O senhor</b> sumiu.</i>	G [+formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+20} {f} < Y {+80} {m}]
Juma	Muda (amiga)	- <i>É o Veio, <b>Muda.</b></i> - <i>O Veio é amigo, <b>Muda.</b></i>	G [-formal] R [2PS] Π [3PS] C [-urb] [X {+20} {f} = Y {+20} {f}]

Fonte: Elaborado pelo autor

As interações analisadas mostraram que diversas relações começaram marcadas pela hierarquia – portanto, pela semântica do poder – e se transformaram ao longo da trama, devido ao fato de as personagens assumirem novos papéis sociais, e refletiram isso na mudança de uso das FT. Isso aconteceu, por exemplo, com as personagens José Leôncio e Tadeu, cuja relação ambígua patrão-empregado e padrinho-afilhado se transformou na relação pai-filho, ou com as personagens Maria Bruaca e Alcides, cuja relação patroa-empregado se transformou na relação de namorados.

Para resumir os resultados da análise e permitir sua visualização, elaboramos o Quadro 25, a seguir, em que se mostra o uso das FT de acordo com o tipo de relação estabelecida entre as personagens. Esclarecemos que a segunda coluna mostra, por

meio da seta ( $\rightarrow$ ), a direção da interação, isto é: interactante que enuncia a fala  $\rightarrow$  interactante a quem se dirige a fala. Na terceira coluna, as relações horizontais são sinalizadas com (=), e as verticais ou hierárquicas, com (>) quando a direção é do sujeito que se encontra em posição superior, por seu papel social ou pela idade, e com (<) quando a direção é oposta. Na última coluna, utilizamos siglas para indicar o tipo de FT: *FT Pron* (forma de tratamento pronominal/pronominalizada), *FT Nom* (forma de tratamento nominal) e *FT Voc* (vocativo).

**Quadro 25** – Quadro resumitivo do uso das formas de tratamento nos dados da pesquisa

<b>Interação</b>	<b>Interactantes e direção da interação (endereçamento)</b>	<b>Tipo de relação conforme papéis sociais</b>	<b>Formas de tratamento</b>
<b>1</b>	Tadeu $\rightarrow$ José Leôncio	peão/afilhado < patrão/padrinho (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>o senhor</i> [+formal] <b>FT Nom:</b> <i>o padrinho</i> (papel social) <b>FT Voc:</b> <i>padrinho; meu padrinho</i> (papel social)
	José Leôncio $\rightarrow$ Tadeu	patrão / padrinho > peão / afilhado (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê; cê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Tadeu</i> (nome próprio)
	José Leôncio $\rightarrow$ Tibério	patrão > peão (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Voc:</b> <i>Tibério</i> (nome próprio)
	Tibério $\rightarrow$ José Leôncio	peão < patrão (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Nom:</b> <i>o patrão</i> (papel social)
	José Leôncio $\rightarrow$ Levi	patrão > peão (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>você; cê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Levi</i> (nome próprio)
	Levi $\rightarrow$ José Leôncio	peão < patrão (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Voc:</b> <i>patrão</i> (papel social)
<b>2</b>	Filó $\rightarrow$ José Leôncio	companheira = companheiro (não hierarquia / poder simétrico)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê, cê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Zé</i> (apelido)
	José Leôncio $\rightarrow$ Filó	companheiro = companheira (não hierarquia / poder simétrico)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Filó; ô, Filó</i> (apelido)

3	Tadeu → José Leôncio	peão / filho, afilhado < patrão / pai, padrinho (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>o senhor</i> [+formal] <b>FT Nom:</b> <i>o padrinho</i> (papel social) <b>FT Voc:</b> <i>padrinho</i> (papel social)
	José Leôncio → Tadeu	patrão / pai, padrinho > peão / filho, afilhado (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Tadeu</i> (nome próprio)
4	Tadeu → José Leôncio	filho < pai (hierarquia familiar)	<b>FT Pron:</b> <i>cê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>pai; meu pai; ô, pai</i> (papel social)
	José Leôncio → Tadeu	pai > filho (hierarquia familiar)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>filho</i> (papel social)
5	Jove → José Leôncio	filho < pai (hierarquia familiar)	<b>FT Pron:</b> <i>o senhor</i> [+formal]
	José Leôncio → Jove	pai > filho (hierarquia familiar)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>fio (filho)</i> (papel social)
6	Jove → José Leôncio	filho < pai (hierarquia familiar)	<b>FT Pron:</b> <i>o senhor</i> [+formal] <b>FT Voc:</b> <i>pai</i> (papel social)
	José Leôncio → Jove	pai > filho (hierarquia familiar)	<b>FT Voc:</b> <i>fio (filho); ô, fio</i> (papel social); <i>Joventino</i> (nome próprio)
7	Jove → Tadeu	filho do padrinho/patrão = afilhado/funcionário do pai Relativa simetria de poder (têm a mesma idade)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Tadeu</i> (nome próprio); <i>cara</i> (gíria usada entre jovens urbanos)
	Tadeu → Jove	afilhado/funcionário do pai = filho do padrinho/patrão Relativa simetria de poder (têm a mesma idade)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Joventino Leôncio</i> (nome próprio); <i>home (homem)</i> (referência ao gênero)
8	Tadeu → Jove	Simetria de poder (dois peões + Jove, jovem e engajado na lida de peão)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Aô, peão!</i> (exaltação referente à função); <i>mano</i> (papel social); <i>irmão Joventino</i> (papel social + nome próprio)
	Jove → Tadeu		<b>FT Voc:</b> <i>cara</i> (gíria usada entre jovens urbanos)
	Trindade → Jove		<b>FT Pron:</b> <i>ocê; cê</i> [-formal]
9	Tenório → José Leôncio	vizinho/fazendeiro = vizinho/fazendeiro	

		(não hierarquia / poder simétrico)	<b>FT Nom:</b> <i>o amigo</i> ( <i>status</i> de relacionamento, porém irônico, pois são rivais)
	José Leôncio → Tenório	vizinho/fazendeiro = vizinho/fazendeiro (não hierarquia / poder simétrico)	
10	Alcides → Tenório	peão < patrão (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>o senhor</i> [+formal] <b>FT Voc:</b> <i>patrão</i> (papel social)
	Tenório → Alcides	patrão > peão (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Alcides</i> (nome próprio)
11	Tenório → Alcides	patrão > peão (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Alcides</i> (nome próprio)
	Alcides → Tenório	peão < patrão (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>o senhor</i> [+formal] <b>FT Voc:</b> <i>patrão</i> (papel social)
12	Alcides → Tenório	Poder simétrico (não são mais patrão e peão; são rivais pela mesma mulher)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Alcides</i> (nome próprio)
	Tenório → Alcides		<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>capiroto</i> (xingamento)
13	Alcides → Maria Bruaca	peão < patroa (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>a senhora</i> [+formal] <b>FT Voc:</b> <i>dona Maria</i> (título respeitoso + nome próprio)
	Maria Bruaca → Alcides	patroa > peão (hierarquia / assimetria de poder)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê; cê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Arcides</i> (nome próprio)
14	Alcides → Maria Bruaca	namorado = namorada (não hierarquia / poder simétrico)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê; ceis</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>bem</i> (chamamento carinhoso/íntimo); <i>Maria</i> (nome próprio)
	Maria Bruaca → Alcides	namorada = namorado (não hierarquia / poder simétrico)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê; cê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Arcides</i> (nome próprio)
15	Velho do Rio → Juma	padrinho > afilhada (hierarquia por relação similar à familiar)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal] <b>FT Voc:</b> <i>Juma</i> (nome próprio)
	Juma → Velho do Rio	afilhada < padrinho (hierarquia por relação similar à familiar)	<b>FT Pron:</b> <i>ocê</i> [-formal]; <i>o senhor</i> [+formal] <b>FT Nom:</b> <i>o padrinho</i> (papel social)

			<b>FT Voc:</b> <i>Veio; ô, Veio</i> (apelido)
	Juma → Muda	amiga = amiga (não hierarquia / poder simétrico)	<b>FT Voc:</b> <i>Muda</i> (apelido)

Fonte: Elaborado pelo autor

Verificamos que, no contexto dos dados desta pesquisa, as relações horizontais requerem tratamento simétrico, em que ambos os interactantes utilizem, mutuamente, formas pronominais menos formais (*você/ocê/cê*), como ocorre nas Interações 2, 7, 8 e 14, e formas nominais e vocativos compostos por apelidos (*Filó, Zé, Veio*), chamamentos carinhosos/afetivos (*mano, bem, irmão*) ou que simulam uma afetividade não existente (*o amigo*) e gíria (*cara*), como ocorre nas Interações 2, 7, 8, 9 e 14. Nomes próprios também podem ser usados em relações simétricas, mas, nos dados de nossa pesquisa, apenas aconteceu na Interação 7, contextualizada num pedido de proteção a um ser sacralizado; na Interação 8, quando Tadeu se reporta a Jove como *irmão Joventino* (ou seja, aqui está acompanhado de um termo carinhoso que demonstra os laços entre eles); e na Interação 14, entre o par romântico Alcides e Maria Bruaca. Nesse tipo de interação, marcada pela semântica da solidariedade (Brown e Gilman, 1960), a situação comunicativa é caracterizada pelos traços [-formalidade], [+intimidade], [+envolvimento] e [-distância].

Já as relações verticais, que envolvem hierarquia especialmente ligada a relações de trabalho, requerem tratamento assimétrico, em que aquele que está situado no nível superior da hierarquia tem a permissão para usar formas pronominais menos formais (*você/ocê/cê*) e vocativos compostos pelos nomes próprios, como ocorre nas Interações 1, 3, 10 e 13, e quem está situado em posição inferior na hierarquia usa uma forma pronominal mais formal ou de cortesia (*o senhor/a senhora*), além de formas nominais e vocativos (*dona Maria, patrão/o patrão*). Nesse tipo de relação, marcada pela semântica do poder (Brown e Gilman, 1960), a situação comunicativa é caracterizada pelos seguintes traços: [+formalidade], [-intimidade], [-envolvimento] e [+distância].

Identificamos um tipo intermediário de relação, em que existe uma hierarquia, mais vinculada a relações interpessoais em que um dos interactantes, geralmente mais velho, tem algum nível de autoridade e responsabilidade sobre o outro. No caso dos dados desta pesquisa, trata-se das relações pai-filho e padrinho-afilhado(a), como

exemplificam as Interações 1, 4, 6 e 15, em que se pode caracterizar as situações comunicativas pelos traços: [±formalidade], [+intimidade], [+envolvimento] e [-distância]. A forma pronominalizada *o senhor*, com traço [+formal], é geralmente usada como forma de cortesia e respeito a uma pessoa mais velha, e pode haver alternância com uma forma de tratamento mais informal (*você/ocê*). Formas nominais como *o padrinho/meu padrinho*, e vocativos como *padrinho*, *pai/meu pai*, *fio/filho*, entre outros, podem ocorrer.

A telenovela é uma obra ficcional que envolve personagens planas, que mantêm suas características ao longo da trama, e personagens redondas, complexas, que evoluem no decorrer da obra (Reis, 2018). No caso de nossa pesquisa, são personagens redondas as duplas Tadeu-José Leôncio, Alcides-Tenório e Alcides-Maria Bruaca, cujas mudanças nas relações levaram à alteração dos traços [formalidade], [intimidade], [envolvimento] e [distância] nas situações comunicativas. Tais mudanças se refletiram no uso das FT, o que resultou em nova etiquetagem das interações entre as mesmas personagens. Conforme Silva, Blanco e Blanco (2017), o tratamento dispensado a um membro da sociedade depende do papel que desempenha e de características como a idade, o gênero, a posição familiar, a hierarquia profissional, o grau de intimidade, entre outras, de forma que o tratamento deve ser coerente com as posições relativas que as pessoas ocupam na escala social. Em outras palavras, as interações analisadas demonstram a atuação da semântica do poder (tratamento assimétrico) e da solidariedade (tratamento simétrico) (Brown; Gilman, 1960) nas relações entre as personagens, em conformidade com os papéis sociais por elas exercidos. Essas dimensões não são fixas, pois ocorre uma progressão no grau de proximidade/intimidade entre essas personagens.

A teoria da cortesia de Goffman (1970) também se mostra importante para a interpretação dos dados. Notamos que, em alguns recortes, a escolha de determinadas formas está ligada à necessidade de preservação da face dos interlocutores. Na Interação 7, por exemplo, as personagens Jove e Tadeu, que não se conheciam, utilizam o recurso da cortesia, com as normas de polidez estabelecidas, para desenvolverem seus diálogos, preservando suas respectivas imagens. Na Interação 9, as personagens José Leôncio e Tenório, que competem como fazendeiros, tentam uma interação amistosa, ou seja, um diálogo baseado em estratégias que façam parecer que são vizinhos pacíficos, especialmente pelo uso

reiterado da FT o *amigo* pelas duas personagens. Contudo, esse uso, como mostramos, é irônico.

Com relação às pesquisas sociolinguísticas sobre o sistema pronominal do PB, os dados do *corpus* de pesquisa corroboram alguns fenômenos registrados pelos estudiosos da área, como a substituição do pronome *tu* pelo pronome *você* (Duarte, 1993; Menon, 1995; Machado, 2006; Lopes, 2008; Souza, 2012) e o uso de pronomes objeto de segunda pessoa (*te, ti*) e formas possessivas (*teu, tua*) em enunciados em que o *você* é pronome sujeito (Cyrino, 1993; Monteiro, 1994; Kato, 1996; Lopes, 2008). Além disso, verificamos que verbos no imperativo oscilam entre o paradigma de segunda e de terceira pessoa (Lopes, 2008), às vezes no mesmo enunciado, como em “Então, cale a boca e toca essa joça!”. Ainda relacionado aos pronomes, mas não vinculado a nosso objeto de estudo, verificamos a variação entre *nós* e *a gente*.

No nível fonético-fonológico, como já mencionamos na subseção 2.3 desta dissertação, constatamos alguns dos fenômenos apontados por Silva (2020): rotacismo, como em *Arcides*; realização de *e* fechado tônico antes de consoante palatal, como em *feiz*; elevação do *o* para *u* nasalados, como em *cumê*; elevação de *e* para *i*, como em *genti*; alteração de *ai* para *éi*, como em *reiva*. Contudo, alguns desses fenômenos estão presentes em outras variedades do PB, assim como o retroflexo (“r” caipira), encontrado como sendo o predominante em toda a região matogrossense (Castro, 2013), mas que está presente em outras variedades. Por outro lado, há fenômenos fonético-fonológicos que não apareceram nas pesquisas que consultamos como sendo característicos dessa região. Essas observações nos permitem supor que houve uma generalização quanto à variedade escolhida para o uso pelos atores da novela, ou, por outro olhar, uma “mistura” de variedades do PB, que pode ter resultado numa variedade estereotipada, muito similar à que vemos em outras telenovelas que retratam um cenário rural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou descrever as formas de tratamento (FT) utilizadas nas falas de personagens da telenovela *Pantanal* (2022), de Benedito Ruy Barbosa, por meio da metodologia da etiquetagem (Frías Conde, 2018; 2023). A razão por escolhermos esse tema de pesquisa refere-se ao intuito de compreender como o uso das FT reflete a estrutura social de dado contexto (Biderman, 1972; Frías Conde, 2018, 2023), ou seja, entender como esses elementos funcionam, como eles permitem desvelar as relações de poder que se estabelecem em determinado grupo social e como ambos (as FT e as relações de poder) se modificam ao longo do tempo. Mesmo com um *corpus* derivado de obra ficcional – e, portanto, passível de estereotipação –, acreditamos que a telenovela, na busca de retratar a realidade, pode revelar aspectos das relações de poder que existem no contexto representado.

Para responder à pergunta de pesquisa – “Como as formas de tratamento utilizadas nas falas de personagens da telenovela *Pantanal* refletem a estrutura social representada nessa obra ficcional?”, lançamos a hipótese de que o gênero telenovela prevê a evolução, ao longo da trama, das personagens, principalmente as protagonistas (geralmente personagens redondas), de acordo com as mudanças dos papéis sociais por elas exercidos, e isso se manifesta por meio da língua, especialmente das FT, que mudam de acordo com a relação estabelecida entre as personagens.

Efetivamente, ao longo da pesquisa, observamos que as FT utilizadas nas falas variam de acordo com a hierarquia social das personagens e os diferentes contextos interacionais. Os dados analisados nos mostram que o uso das FT é um dos mecanismos utilizados para a construção e manutenção de hierarquias sociais, pois as personagens que ocupavam as posições hierárquicas de maior prestígio, como os fazendeiros José Leôncio e Tenório, acabaram recebendo tratamentos mais formais e cerimoniais, como *senhor* e *patrão*, o que reforça suas posições de superioridade na escala social. Por outro lado, principalmente, os funcionários/peões dos dois fazendeiros, que pertencem a classes menos favorecidas, eram tratados de maneira mais informal, com o uso do pronome *você* e suas variantes *ocê* e *cê*, por exemplo, o que tornava essas relações que envolvem diferentes extratos sociais mais assimétricas. Contudo, nos contextos em que personagens situadas no mesmo nível na escala social interagiam, observou-se o uso simétrico desses pronomes.

Nesse sentido, a pesquisa corrobora o que é proposto por Brown e Gilman (1960) referente à semântica do poder e da solidariedade, demonstrando que o uso de determinadas FT pode ser tanto um mecanismo de imposição social das relações hierárquicas de poder quanto um modo para se aproximar ao interlocutor por meio de uma solidariedade mútua. Observamos que, em interações assimétricas, aqueles que ocupam posições socialmente mais elevadas esperam ser tratados com deferência, enquanto aqueles que se encontram em posições inferiores não têm a mesma prerrogativa. Já em interações simétricas, os interlocutores buscam se estabelecer no mesmo nível de tratamento. Essa dinâmica das relações horizontais e verticais ficou ilustrada no Quadro 25, na última seção desta dissertação.

Ainda, verificamos que a utilização de algumas FT não ocorre apenas em função da classe social e hierarquias baseadas em relações de trabalho, mas também envolve fatores como idade e relação familiar. Na análise dos dados, verificamos que as pessoas de mais idade e parentes, como pai e padrinho, tendem a ser tratadas com FT que denotem maior formalidade, refletindo normas estabelecidas culturalmente que associam o respeito à idade e aos membros familiares. Esses aspectos são notáveis nas Interações 3, 5 e 6, em que os filhos (ora Tadeu, ora Jove) tratam o pai (José Leôncio) com a FT *o senhor*, além de formas nominais e vocativos que reforçam o respeito e a autoridade familiar, mas que, nesse contexto, também demonstram carinho. A teoria da cortesia e a noção de preservação da face (Goffman, 1970) também pôde ser ativada na análise, como observamos na Interação 7 e, especialmente, na Interação 9, comentadas ao final da seção de análise.

Outro fenômeno observado com certa recorrência no *corpus* de pesquisa foi o sincretismo entre os paradigmas pronominais e mesmo verbais, como foi o caso da oscilação das formas imperativas entre a segunda e a terceira pessoa do singular, fenômenos que percebemos. Além desse fenômeno, notamos a variação fonética evidenciando traços dialetais como o rotacismo, a monotongação e outros, aos quais não demos destaque, por não serem objeto de nossa pesquisa. Todos esses fatores corroboram resultados das pesquisas sociolinguísticas mencionadas na subseção 1.3 desta dissertação.

Portanto, entendemos ter chegado ao final desta pesquisa com a pergunta de pesquisa respondida, a hipótese validada e os objetivos cumpridos, tendo em vista que conseguimos apresentar as FT em seus aspectos históricos, socioculturais e linguísticos, para subsidiar nossas análises e compararmos com demais pesquisas,

e, ainda, aplicar uma metodologia nova no contexto do português brasileiro. Além disso, exemplificamos como o uso de determinadas FT varia de acordo com o contexto, já que algumas personagens passaram por um processo de evolução, mudando suas características ao longo da telenovela, o que, conseqüentemente, resultou no fato de que as FT refletiram as posições sociais estabelecidas e/ou restabelecidas na trama.

Por fim, o estudo mostrou que a metodologia da etiquetagem das formas de tratamento (Frías Conde, 2018; 2023) permite juntar aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos na mesma análise, possibilitando a compreensão de como as FT funcionam. Assim, com base nos resultados obtidos nas análises, podemos constatar que a pesquisa contribuiu para entendermos como o uso das FT pode refletir e reforçar as estruturas de poder em diferentes contextos de nossa sociedade.

Entre outras contribuições da pesquisa, podemos destacar a conclusão, com resultados positivos, de um estudo embrionário no contexto do PB que poderá auxiliar pesquisas futuras que envolvam a metodologia da etiquetagem. Além disso, entendemos como fundamental a contribuição do estudo de evidenciar que os usos das FT e, conseqüentemente, a etiquetagem aplicada a elas não são fixas, mesmo quando envolvem as mesmas pessoas da interação, pois o contexto pode modificar com o tempo e, dessa forma, novas características, como nível de formalidade, intimidade e envolvimento, surgem e acabam por alterar algumas relações. São os papéis sociais dos interactantes que determinam os modos de endereçamento entre eles, revelando a semântica do poder e da solidariedade.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Beatriz Aparecida. Aspectos culturais revelados pela análise léxico-semântica da unidade lexical *pantaneiro*. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 214-227, 2016.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 1957.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009.
- BERNARDI, Eviliane; SELLA, Aparecida Feola. Sujeitos pronominais genéricos e pronomes indefinidos em interações orais: casos de referência genérica ou indeterminada. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 8144 - 8156, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/80594>. Acesso em: 21 dez. 2024.
- BIDERMAN, Maria. Formas de tratamento e estruturas sociais. **Alfa**, São Paulo, v. 18, p. 339-382, 1972.
- BINI, Renan Paulo; CORBARI, Clarice Cristina. O sistema pronominal do português brasileiro: reflexões linguísticas e propostas aplicáveis aos anos finais do Ensino Fundamental. *In*: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BINI, Renan Paulo; BERNARDI, Eviliane (org.). **Entre atividades metalinguísticas e epilinguísticas**: um enfoque em exercícios a serem aplicados em sala de aula. São Carlos: Pedro & João, p. 39-67.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. *In*: SEBEOK, T. A. (org.). **Style in language**. Massachusetts: MIT, 1960. p. 253-276. Disponível em: <http://mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Brown-Gilman-Pronouns.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen Curtis. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- “BRUACA”, “frozô”, “reiva” e mais: entenda o que significam os termos usados em “Pantanal”. **GZH**: Gazeta Zero Hora, Porto Alegre, 07 maio 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2022/06/bruaca-flozo-reiva->

e-mais-entenda-o-que-significam-os-termos-usados-em-pantanal-cl3z36jqp002v0167nv2fhlxm.html. Acesso em: 25 nov. 2023.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1991.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Nildemir Ferreira de. Semântica gramatical: a significação dos pronomes. **Alfa**, São Paulo, n. 28, p. 43-62, 1984.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Vandersi Santana. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul: estudo baseado em dados do ALMS, *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 566-575, 2013. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/1129>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. Companhia Nacional, 1980.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Sobre formas de tratamento na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 163-184.

COLASANTI, Marina. **Fragatas para terras distantes**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Afinal, o que é telenovela? Em busca da configuração do gênero situacional. **Revista Investigações**, Recife, v. 35, n. 2, p. 1 - 27, 2022.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **A milésima segunda noite: da narrativa mítica à telenovela: análise estética e sociológica**. São Paulo: Annablume, 2000.

COX, Maria Inês Pagliarini. Estudos linguísticos no/do Mato Grosso – o falar cuiabano em evidência. **Polifonia**, Cuiabá, n. 17, p. 75-90, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIVAN, Lílian Márcia Ferreira; OLIVEIRA, Roberto Perobelli de. A pesquisa qualitativa e o paradigma da ciência pós-moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico. **Gragoatá**, Niterói, n. 25, p. 185-202, 2008.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. *In*: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-128.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento 'você' em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

FRÍAS CONDE, Francisco Xavier. **Etiquetado Y formas de tratamiento**. Toledo (Espanha): Ianua, 2018.

FRÍAS CONDE, Francisco Xavier. As formas de tratamento no português de Portugal segundo a metodologia da etiquetagem SEFTRA. *In*: FERREIRA, António Manuel; MORAIS, Carlos; BRASETE, Maria Fernanda; COIMBRA, Rosa Lídia (org.). **Pelos mares da língua portuguesa 5**. Vol. 2: Língua e ensino. Aveiro: UA Editora, 2023. p. 139-148.

GODOI, Marco Antonio Abrantes de Barros. Sintaxe dos casos em latim: o nominativo e o vocativo. **Principia**, [S. l.], n. 44, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/71551>. Acesso em: 12 jul. 2024.

GOFFMAN, Ervin. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.

GOFFMAN, Ervin. **Ritual de interação: Ensaio sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, Vozes, 2011.

ILARI, Rodolfo. Os pronomes do português brasileiro, algumas comparações. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 314-330, abr./maio 2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Dercir Pedro de. **Estudos dialetológicos em Mato Grosso do Sul: delineando resultados**. Disponível em: [https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL\\_XXX/ART99.pdf](https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL_XXX/ART99.pdf). Acesso em: 12 jul. 2024.

KATO, Mary Aizawa. **Gramática do português falado**. vol. V. Campinas: Fapesp; Editora da Unicamp, 1996.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 1996.

LEITÃO, Luiz Ricardo; FILHO, João Ramos; FREITAS, Rosangela; UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. **Gramática crítica: o culto e o coloquial no português brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2001.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **‘Nós’ e ‘a gente’ no português falado culto do Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Retratos da variação entre “você” e “tu” no português do Brasil: sincronia e diacronia. *In*: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: Eduff, 2008, v. 2. p. 55-71.

LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. De *vossa mercê* a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. *In*: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antonia (org.). **Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos**. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 61-76.

LUCCHESI, Dante. A representação da primeira pessoa do plural. *In*: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EdUFBA, 2009. p. 457-469.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

MACHADO, Ana Carolina. **A implementação de ‘você’ no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MATIAS, Átila. Pantanal. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-pantanal.htm>. Acesso em: 22 nov. 2023.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MILANEZ, Wânia. **Recursos de indeterminação do sujeito**. 1982. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tacito. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP**. 2006. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: EUFC, 1994.

MOREIRA, Juliana Costa. **O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no português brasileiro**. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MOREIRA, Juliana Costa. O vocativo no português brasileiro: uma unidade à parte? **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 57, p. 319-340, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/24798>. Acesso em: 18 jul. 2024.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: neurose**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de *você* no Brasil. **Letras**, Curitiba, n 5/6, p. 114-122, 1956.

NASCIMENTO, Regina Aparecida Brito; COSTA, Natalina Sierra Assêncio; BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. Relação entre a língua, a cultura e a identidade do homem pantaneiro. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 693-706, 2023.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Os pronomes. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do português falado**: v. 4 – Estudos descritivos. São Paulo: Humanitas; Fapesp; Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 13-33.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **Pantanal**: homem, cultura. Campo Grande: Editora da UFMS, 2002.

NUNES, Naidea Nunes. Da oralidade à escrita: a transcrição grafemática ou ortográfica de memórias/histórias de vida de mobilidades Madeira/Brasil. *In*: COLÓQUIO “AS MOBILIDADES NO ESPAÇO E NO TEMPO”, 2017, Funchal. **Actas** [...]. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Direção Regional da Cultura, Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura, p. 215-254.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. O Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul. **Signum**: Estudos Linguísticos, Londrina, n. 9/2, p. 169-183, dez. 2006. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3944/3153>. Acesso em: 04 dez. 2023.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Os milenares. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, v. 100, p. 21-25, 2014.

OLIVEIRA, Larissa Nascimento de. O uso da linguagem na representação dos personagens nordestinos: análise da telenovela *Cheias de charme*. **Sociodialeto**, v. 10, n. 30, 2020.

OLIVEIRA, Marilza de. **Formas de tratamento, cordialidade e cortesias paulistas**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019.

ORMEZZANO, Graciela; POTRICH, Cilene Maria; FRIDERICHS, Bibiana; CORDEIRO, Lílian. Cultura e estereótipos veiculados pela televisão. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., 2005, Passo Fundo. **Anais [...]**. Passo Fundo, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0054-1.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PEZARINO, Mayara Xavier Vito; SILVA, Lorrane Estácio do Prado da; ROCHA, Ester Portugal da Silva; LUQUETTI, Eliana Crispim França. O dialeto caipira: uma análise sociolinguística da novela *Pantanal*. **InterSciencePlace**, [S. l.], v. 5, 2022. Disponível em: <https://www.interscienceplace.org/index.php/isp/article/view/386>. Acesso em: 25 jun. 2024.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucena, 2004. (Série Dispersos).

RAMOS, Jânia. Tratamento na díade pai e filho: o uso de *você* e *senhor*. *In*: COUTO, Leticia Rebollo; LOPES, Célia Regina (org.). **As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: Editora da UFF, 2011.

REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SILVA, Luiz Antonio. Tratamentos familiares e referência dos papéis sociais. *In*: PRETI, Dino (org.). **Léxico na língua oral e escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003.

SILVA, Luiz; BLANCO, Ramiro; BLANCO, Yedda. Formas de tratamento: português e espanhol em foco. **Letras de Hoje**, São Paulo, v. 52, n. 3, p. 331-340, jul.-set. 2017.

SILVA, Mariza Pereira da. Mato Grosso: um Estado, diversos falares. **Traços de Linguagem**, Cáceres, v. 4, n. 2, p. 64-80, 2020.

SILVA, Sandro Menezes; FERREIRA, Isamara Carvalho. Ocupação humana no Pantanal. **Documenta Pantanal**, abr. 2022. Disponível em: <https://documentapantanal.com.br/wp-content/uploads/2022/04/Ocupacao-humana-abril-2022.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SOUZA, Janaína Pedreira Ferreira de. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal**: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

TÁVOLA, Artur da. **A telenovela brasileira**. São Paulo: Globo, 1996.

TV GLOBO. **Pantanal**. Novela de Benedito Ruy Barbosa. *In*: TV Globo, Globoplay, 2022. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/>. Acesso em: 23 nov. 2023.